

Organização
Daniel Andrade
George Glauber
Verônica Rufino

I Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB

homenagem a
Bebé de Natércio



**“Hora de rever valores Repensar os sonhos, se afastar das dores Recriar o denago, muito além das flores
Hora do bem viver...”**

Bebé de Natércio

Gratidão e gratidão

A PROEXC pela luta, num tempo de lonjuras, de distância e da saudade em alta, fazer um evento de aproximação, juntou poetas e publicações, escritores e público, amor à arte ao realizar sonhos, me deixou muito feliz.

Funcionários, professores e alunos pelo pulsar literatura e arte literária, num tempo em que as pessoas se enamoram com o touch screen, fazê-los sentir o cheiro ardente das folhas de papel de livro, de forma vibrante e viçosa. Agradecer ao destino que me colocou na antiga menina ETEPB que virou menina moça com o CEFET- PB e hoje essa mulher exuberante e bela que transcodificou-se para IFPB, onde eu lecionei durante décadas, para meu orgulho e certeza do uso do meu tempo na boa luta. Aos poetas e escritores que povoaram o edital com sua alma, com sua respiração ofegante, com o melhor do seu produzir, me deixa também feliz saber que gente das letras ficou feliz em participar desse momento e dessa coletânea. Literatura é coisa séria e nós não brincamos com ela. E gratidão pessoal do meu coração às pessoas que escolheram meu nome para ser homenageado em evento de tamanho quilate. Avante domadores de palavras.

João Pessoa, janeiro de reclusão, de 2021.

**“Faça como o vagalume Que vê na luz da lua muito mais volume
Ele nem se inibe, nem perde o costume De alumiar”**

Bebé de Natércio

Organização
Daniel Andrade
George Glauber
Verônica Rufino

I Coletânea de
**Poesia, Cordel,
Contos e
Crônicas do
IFPB**

Homenagem a
Bebé de Natércio

João Pessoa-PB
2021

Copyright © 2021 por Daniel Everson da Silva Andrade, George Glauber Félix Severo e Verônica Maria Rufino de Sousa Todos os direitos reservados. Proibida a venda.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Milton Ribeiro

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Ariosto Antunes Culau

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

REITOR DO IFPB

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria Cleidenédia Moraes Oliveira

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Manoel Pereira de Macedo Neto

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Pablo Andrey Arruda de Araujo

EDITORA IFPB

DIRETOR EXECUTIVO

Carlos Danilo Miranda Regis

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Thaise Marques de Lima

José Jhonata Costa Cantiliano

Daniel Everson da Silva Andrade

CORREÇÃO ORTOGRÁFICA

Francisco Igor Arraes Alves Rocha

Renalide de Carvalho Moraes Fabrici

José Moacir Soares Da Costa Filho



CONTATO

Av. João da Mata, 256 - Jaguaribe. CEP: 58015-020, João Pessoa - PB.

Fone: (83) 3612-9722 | E-mail: editora@ifpb.edu.br

As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha do IFPB, *campus* João Pessoa

C694 I Coletânea de poesia cordel contos e crônicas do IFPB: homenagem a Bebê de Natércio / organizadores, Daniel Everson da Silva Andrade, George Glauber Félix Severo, Verônica Maria Rufino de Sousa. – João Pessoa : IFPB, 2021.
194p.

ISBN 978-65-87572-22-2

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Cordel. 4. Contos. 5. Crônicas. I. Andrade, Daniel Everson da Silva. II. Severo, George Glauber Félix. III. Sousa, Verônica Maria Rufino de. IV. Título.

CDU 82(81)

Elaboração: Lucrecia Camilo de Lima – CRB 15/132

SUMÁRIO

CULTURA, EXTENSÃO E LITERATURA	10
Poesias	13
Aceita-te	14
Carne Exposta	15
Deixem a vida respirar!	17
Derradeira corrida	18
Divino complexo	19
Enquanto isso vírgula uns pontos	21
Frustração	22
Gira mundo	23
Libélula	24
O Culto	25
O valor do sertão	27
Saudade casulo	30
Um tempo no mar	31
Velhas cansadas	32
As telhas do castelo	34
O resgate	36
Cidadão de bem quer uma arma	37
Mulher	39
Avesso	43
Um poeta	46

So-corro	48
Tudo é de graça	49
A lira sertaneja de uma vida	52
Campina, tão bela e Grande	55
Da ciência da espera	57
Um sonetinho para o cantador	58
A folha que se desprende do galho	59
O tempo ensina	60
Ô Saudade!	62
Plantei ipês pernambucanos aos pés do redentor da Paraíba	63
Por onde anda, a esperança?	64
Demônio da meia-noite	66
Eco do Silêncio	68
Várias histórias	69
Mãe	71
Soneto do irreal	72
Quarentena da Revisita	73
Nem todo mundo	74
Cordéis	75
Bebé de Natércio em redondilha maior	76
A história do menino que contava histórias	81
Derradeiro cordel	87
Cachaça com macambira	91
Bebé de Natércio	98

Contos **100**

A Trois	101
A explicação de tudo	102
A vida Humana, Inviolável?	104
Cara, coroa e magia	105
O bar	110
O reflexo da macheza luzindo a figura toda de verdade do cabra macho	113
Promessa de jangadeira	116
Fanho	118
De forma banal	124
O que Nara viu	126
Entre brumas e essências	131
A cidade dos vivos	134
O papel e a camisa	140
Uma história que o tempo não apaga	142
Ant	147
A viagem que nunca esqueceu	151
A inclinação de um destino?	154
O Pastor	158
Um sax para dois	161
V & K - a máscara do amor	163
Betty, eu não aguento mais	166

Crônicas **172**

A saga de um matrimônio auricular	173
Um coveiro na justiça eleitoral	176

Sebastiana	177
Coração em lockdown	179
A mulher do cachorrinho	180
O meu amigo irmão da minha melhor amiga	182
O quarto	188
Esse texto corre perigo	190

CULTURA, EXTENSÃO E LITERATURA

Pensar os processos de socialização e de humanização das pessoas, frente aos dilemas civilizatórios contemporâneos do “velho Brasil atual”, requer que as instituições de educação se enxerguem cada vez mais como lugares de culturas. Essa noção aponta para emergência de iniciativas e políticas culturais mais perenes e consistentes, que promovam a alteridade como elemento básico para um mundo socialmente justo e de paz.

Foi nessa perspectiva que, em 2020, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (PROEXC-IFPB), por meio da Diretoria de Cultura - Programa de Ação Cultural, com a parceria intersetorial da Biblioteca Professor Ribamar da Silva, do Campus Cajazeiras, promoveu a realização do 2º Concurso Literário do IFPB que resultou na presente coletânea de textos.

A Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, foi gestada com o intento de contribuir com o fomento da produção literária no âmbito dos 21 **campi** espalhados em todas as mesorregiões da Paraíba e em diálogo com autores de outros estados brasileiros, de modo que pudesse estimular a produção textual e o interesse crescente pela leitura e, assim, possibilitasse o aumento do repertório simbólico de estudantes, servidores e de pessoas da sociedade em geral.

Importante destacar que a presente iniciativa é uma continuidade ampliada da experiência do I Concurso Multicampi de Literatura Contos, Crônicas e Poemas, que resultou na publicação Antologia Poética do IFPB contos, crônicas e poemas, realizado entre os anos de 2012 e 2013 pela então Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), e que buscou envolver estudantes na elaboração de textos que abordassem a temática **A inclusão social no mundo moderno.**

Hoje, em relação à edição pretérita, modificou-se ligeiramente o nome do concurso, incluindo-se o gênero cordel, e ampliou-se a participação incluindo técnicos-administrativos, docentes e a sociedade paraibana e brasileira, e decidiu-se por homenagear em vida algum escritor paraibano, convidando as pessoas a conhecerem e a refletirem sobre a sua produção literária.

A representativa inclusão da literatura popular nordestina constituída pelo cordel foi, portanto, reforçada pela homenagem em vida a Francisco Barbosa Sobrinho, mais conhecido como Bebé de Natércio que, multiartista (cordelista, compositor, arranjador, produtor musical, instrumentista, maestro) nascido na cidade de Itaporanga, sertão paraibano, em 1955, traz nas suas obras ricos aspectos populares da paraibanidade, em perfeita sintonia com as informações e experiências do mundo presente. Bebé é também professor aposentado de música do IFPB, tendo atuado no Campus Cajazeiras e Campus João Pessoa.

O 2º Concurso Literário do IFPB também se inspira e busca fortalecer outras recentes iniciativas que têm ocorrido no âmbito de alguns *campi* como as publicações realizadas pela Biblioteca Professor Ribamar da Silva (Antologia Poética Poesia de Quarta) e pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Campus João Pessoa (Coletânea de Crônicas); e de diversas ações de cultura na interface com a extensão, a pesquisa e o ensino (oficinas, projetos, programas e eventos) que, promovidas pela comunidade acadêmica, abordam questões relativas à escrita criativa, clube de leitura, poesia encenada, entre outras atividades de produção e difusão da literatura clássica e contemporânea.

Na Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB publicamos 72 textos entre Poesia (38), Cordel (5), Contos (21) e Crônicas (8) de autores dos **gêneros** masculino (58,3%), feminino (37,5%), LGBTQI+ (2,8%) e (1,4%) que optaram em não informar. Nestes estão envolvidos os **segmentos** de estudantes do IFPB (16,7%), pessoas da sociedade em geral (69,4%) e docentes e técnicos-administrativos (13,9%), com **idades** entre 35 e 60 anos (45,8%), 18 e 34 anos (41,7%), maior que 60 anos (6,9%) e menores de 18 anos (5,6%), identificados as **regiões** de abrangência

dos **campi** de João Pessoa (37,5%), Campina Grande (6,9%), Santa Rita (5,6%), Areia, Cajazeiras e Catolé do Rocha (4,2%), Patos e Itaporanga (2,8%), Cabedelo, Cabedelo Centro, Guarabira, Itabaiana, Monteiro, Pedras de Fogo, Picuí, Santa Luzia, Sousa (1,4%) e de pessoas de outros estados brasileiros (19,4%). Entre os 49 autores da sociedade em geral há estudantes universitários (20%), professores (18%), escritores (46%) e demais cidadãos interessados (16%).

Essa iniciativa não seria possível sem a dedicação da equipe gestora e de servidores da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, destacando as pessoas de Maria Cleidenedia, Josi Melo, Yana Dantas, George Glauber, Beatriz Sousa, Verônica Rufino, Rhenan Varela, Alexsandro Ribeiro e Jeudi Lemos. Bem como a fundamental participação de docentes e técnicos-administrativos de outras unidades, como Daniel Andrade (bibliotecário do Campus Cajazeiras), Verônica Batista (docente do Campus Cabedelo Centro), Maria Analice (docente do Campus João Pessoa), Renálide de Carvalho (poeta e técnica em assuntos educacionais do Campus Cabedelo Centro), Moacir Soares (docente do Campus João Pessoa), Igor Arraes (docente do Campus Cajazeiras), além dos escritores e estudiosos da literatura brasileira Aderaldo Luciano (poeta e pesquisador paraibano radicado no Rio de Janeiro) e Ialy Ferreira (Bibliotecária/arqueóloga e pesquisadora pernambucana).

Esperamos que essa iniciativa estreite laços entre educadores, educandos e de pessoas entusiastas das letras, e interligue setores em prol da ampliação e fortalecimento de ações e políticas voltadas para o livro, leitura, literatura e biblioteca no âmbito do Instituto Federal da Paraíba.

Convidamos você, leitor, para experimentar uma viagem ao mundo das letras e das sensações provocadas pela escrita de autores com abordagens e percursos bastante multifacetados!

Comissão de Organização e Avaliação do 2ª Concurso Literário do IFPB

Poesias

ACEITA-TE

Suas línguas quem falará
Seus nomes quem usará
Suas Miçangas quem utilizará
Seus rituais quem os vai efetuar

Ngé Nzuzi, Kwa Nzambi, Wiza Wiza
Tragam as missangas e os cantadores
Vamos logo dançar ao ritmo do reco-reco
Sua ancestralidade quem respeitará
E contará a mensagem do Griot

O legado de Nkuma e as palavras de Ki-zerbo
O pan-africanismo quem o fará viver
Passar o legado roubado a nova geração
De mãos dadas e cantar a Etiope linda canção
O verde, o negro e o vermelho quem reconhecerá.

Quem falará da grandesa de Malcom X
O mistério do Candomblé
E o amor na Umbanda
O bolingo na kubata
E do cambua que kwata

(Sobre o autor: Vasco Graça Zage ou Zaki Wamai, como assina suas obras, é um escritor angolano)

CARNE EXPOSTA

Ver a complacência com que homens
Assistem ao linchamento moral
De uma mulher
Causa mais medo que revolta
E se fosse eu?
A Lei não basta
Embora tenha evoluído
Tipificado, desenhando com giz de cera,
O que é estupro
Os operadores não veem
Tampouco veem os limites impostos
Pelo arbítrio, pelo desejo,
Pelo consentimento
Não há sutilezas
A Lei não pôde alijar,
Da raiz de nossa sociedade,
O machismo
Não se julga o mérito
Sim a atitude, a moral, a postura
Feminina
A questão não é o que ele fez
É ela
Ela se pôs em risco!
Ela vacilou!
Ela deu mole!
Ela não podia estar ali!
Ela não podia ter saído com aquela roupa!
Ela queria!
Ela provocou!
Ela não se deu ao respeito!
Ela não é santa!
Ela deveria ter gritado!
Ela não deveria ter bebido!

Ela deveria ter resistido!
Onde estão as marcas?
Ela não deveria ter denunciado!
Ela quer aparecer, tirar proveito
Vive disso...
Ela foi estuprada!
ESTUPRADA!
Não obstante, com a devida vênia,
Sem dolo aparente

(Sobre o escritor: Paulo Tavares Muniz Filho é poeta, professor, humanista e negro. Natural de Recife/PE. Acredita na Arte como instrumento de mudança qualitativa e meio de emancipação intelectual)

DEIXEM A VIDA RESPIRAR!

Às vezes pego-me pensando o que vale mais
A vida ou que nos satisfaz
Na verdade, tudo tem um preço, só isso e nada mais
Assim como algumas mentiras, as vezes difíceis de voltar atrás
E o que vemos hoje no pantanal, na flora, na fauna, na caatinga e mais
Do que adianta estampar os animais nas notas de cem ou duzentos reais
Se nem ao menos os preservam, jamais
A nossa amazônia, clama por paz, por compaixão, por redenção
Mesmo sem saber o que fez demais
Só porque ela teve um incrível papel de ter vida, de nos dar vida
De nos dar esse ar que nos inspira
Difícil entender tal intenção
D'aqueles que querem destruir sua própria nação
Incinerando todo o coração
Destruindo tudo, sem nenhuma resposta, então!
Pois, digo não, não e não!
Nem tudo está perdido
Podemos ser a voz da solução
É a partir de nós que poderemos multiplicar essa mensagem
E criar uma grande manifestação
Mobilizando, fazendo uma grande massa,
Uma grande força, um imenso mutirão
A natureza pede socorro
E somos os responsáveis por lhe salvar
Apaguem com esse fogo já
e deixem a vida respirar

(Sobre o autor: Wamberson Adelino é natural de Santa Rita/PB. É graduado em Letras, além de poeta também é músico)

DERRADEIRA CORRIDA

Procuo um amigo para vir me acompanhar
Abandono é sempre a razão do meu cantar
E o que componho é um maratonar
Contínuo anseio que devo matar
Tanto compor, correr, faz arfar
Devo a esta busca deixar?
Ao relento me entregar?
“Não!” Tendem a falar
“Mau aconselhar”
Meu retrucar
Pois achar...
Mais... ar!...
Ahhh...

E expirou, ainda sozinho.

(Sobre o autor: Walter Bulhões Pinheiro Júnior é estudante de História na Universidade Federal da Paraíba. Seu gênio poético é ultrarromântico e, na maioria dos seus escritos, encarna a desilusão característica do movimento)

DIVINO COMPLEXO

A nada que no mundo existe
eu poderia dizer: “Criei!”
Nem à roda nem ao clipe
nem à letra nem à bic

Nada que no mundo existe
teria sido feito por mim:
nem o começo nem o fim
nem assado nem assim

Nada que no mundo existe
eu mesma teria gerado:
nem a alface nem o bife
nem o alce nem o rifle

Nada que no mundo existe
minhas mãos teriam moldado:
nem o perto nem o distante
nem o presente nem o passado

Nada que no mundo existe
minha mente planejaria:
nem a bola nem o dribble
nem a mola nem o zíper

Nada que no mundo existe
reclamaria minha autoria:
nem o pickles nem o chip
nem o hurra nem o hip, hip

Nada que no mundo existe
teria a minha patente:
nem o chicle nem o ticket
nem o bip nem o click

Nada que no mundo existe
me faria alegre criadora ou triste:
nem Morfeu nem despertador
nem Proteu nem computador

Nada que no mundo existe
da boca ou costela minha sairia:
nem o vidro nem o vídeo
nem o homem nem o deus

Nada que no mundo existe
teria gravado um selo meu:
nem mamãe nem papai
nem meu filho nem eu

(Sobre a autora: Virgínia de Oliveira Silva é autora dos livros de poemas Temporal e Espelho de Palavras)

ENQUANTO ISSO VÍRGULA UNS PONTOS

Na pátria lesa, o lesa Pátria ri,
Se vale da caneta pra pilhar
Os nacos dessa paz que, já pequena,
Encolhe ainda mais, vai sufocar,
Contudo, a plebe cala e mal sustenta
A própria opinião, sim, prostitui
A mente que, carente, busca um tento,
Assaz, imaginário, dura lida...

Enquanto o rol do mal já planifica
Dois mil e vinte um visando estupro,
A plebe rude insiste em ruminar
Costumes lá do Norte frio, insossos...

Reparo que hospitais já regurgitam
Milhares, de estatística, pintados,
E lembro meu amigo a implorar
Por chance de enterrar o pai perdido,
Mas hoje se prepara pra clicar
No verde e confirmar auto flagelo!
Depois, valas comuns resolvem tudo
E tudo certo aqui na pátria lesa...

A gente finge que luta, mas lutaram nossos pais.
Pegamos tão fácil, que, fácil, deixamos tirarem de nós...

(Sobre o autor: Ronaldo Oliveira Santos é aposentado, ex-militar, ex- palestrante, escritor entusiasta, vencedor de alguns Prêmios Literários, PCD, residente, atualmente, na bela Pitimbu, no Sul da Paraíba)

FRUSTRAÇÃO

Foice que corta erva

Arranca de uma vez

A raiz da esperança

(Sobre a autora: Bianca Duarte Pinto é poetisa e estudante universitária)

GIRA MUNDO

Transformam!
Gira o mundo e o mudam,
Mudando este já mundano mundaréu.
A Tudo muda-se sem haver importância do como.
Vejam este mundanal mundo que muda e rodopia girando
Feito um moinho de gravetos gigantes movidos por monetários
Ventos, interesses municidados pelo ganho, pelo prazer, por ter mais.
Bicho homem este grande mudador de tempos e, de homens e, do mundo.
Homens que tudo mudam: mudam o ar, mudam a paisagem, mudam as serras,
Mudam as florestas, as águas, os rios, os lagos, o mar, mar, mar... Cadê o amar?
Cadê a Caburé-de-Pernambuco? Cadê o Gato de Java? O Rato de Noronha?
Cadê a Gigante de Galápagos? Cadê o Bada Negro? A Monge-do-Caribe?
Veja, tudo mudou tanto que sumiu... Sumiu o Kaka com seu bico,
Sumiu a Arara tão Azul, sumiu o Tigre da Tasmânia,
Sumiu o Emu Rei, sumiu o Pés-de-Porco...
Bicho homem de tanto mudar
Muda-se da vida.

(Sobre o autor: Alexandre Morais Paulino participa de diversos saraus paulistanos. Foi selecionado por 11 prêmios literários, participou de 14 antologias. É um dos produtores e apresentadores do CasArte Marginal transmitido na Web Rádio Casilêoca)

LIBÉLULA

Outrora larva aquática
Mergulhada em lago temporário
Nascida do lodo mental
Metamorfoseando-se.

Pousada na superfície da água
Pairando no ar
Suas asas multicores
Em elevação.

No azul profundo do dia
O limite entre céu e terra
Contraste da consciência.

(Sobre a autora: Antonia Katia Alves do Nascimento é natural de Campina Grande/PB. Suas inspirações para extrair poesia se baseiam na contemplação dos seres e em tudo o que permeia sua vida)

O CULTO

O que oculta o riso do palhaço?
E as rugas que se elevam da face
multifacetada?

São marcas de um tempo pretérito
Signos da glória e da miséria
Vestígios da vastidão de vidas devastadas
Embrulhados nos lençóis do simples cenário
Embotados de suor e lágrimas
E guardados no baú cativo do tempo

A memória o tempo não apaga
O artista que se sagra e se consagra
Se cansa se quedar-se estático
E lança-se no espaço infinito
Em lombo de animal trem de ferro
Boleia de caminhão
Com-provando a lei de Galileu Galilei
Tudo se move
Os lábios para sorrir
A pele pra se enrugar

O artista é o andarilho nato
O típico ser errante
berrante
Que como o caracol
Leva nas costas a própria casa
Que une o pão ao pó da estrada
Transportando na mala
Um mundo de sonhos fantasias
E a marca da dura realidade
Feliz é o palhaço que faz sorrir
Um país de desdentados?

Desgraçados pela sengraceza da sobre-vida
Apagada pela labuta mal paga

O artista é o missionário do belo
Capaz de fazer uma flor brotar no asfalto
E uma estrela brilhar no picadeiro
Portador e curador da dor
Doravante amante amador
Ar-dor adormecido
Num silêncio doce
Ou no reflexo de luzes multicores
A cor de acordar o mundo
Que de tão colorido é cinzento
Onde tudo se olha e nada se vê

O que oculta o riso do palhaço?
E as rugas que se elevam da face
multifacetada?

A esperança de um presente grávido de futuro
Não do verbo esperar
Mas do esperar freiriano
Onde se pode voar mais perto do Sol
Sem que a cera seja derretida
E onde todos sabem com firmeza
Que a arte é a reta
Entre o Humano e Deus

(Sobre o autor: Sinésio da Silva Bina é professor de Arte no IFPB, Campus Catolé do Rocha.
Participou do Grupo de Teatro Farroupilha, de Ipatinga/MG.

O VALOR DO SERTÃO

Uma vez estava recitando
Uma poesia que fiz
Falava um pouco da vida
E do que o valor diz
Falava então sobre o preço
De um amor, de um adereço.
Quanto custa ser feliz?

Eu dizia quanto custa
Qual o preço de uma Paixão
Quanto custa um abraço
Ou um aperto de mão
Foi quando alguém levantou
Disse: “se tudo tem seu valor
Qual o valor do Sertão?”

E foi quando eu percebi
Enquanto no sertão pensava
Vi que não havia resposta
Para aquilo que eu perguntava
Percebi que como a paixão
O preço do nosso sertão
Vi que homem nenhum pagava

Pois afinal quanto vale
O gosto de uma rapadura
Quanto custa Meus amigos
Uma seriguela madura
Quanto custa afinal
Uma manga verde com sal
E uma coalhada da pura

E quanto custa um copo
De água fria de pote

Quanto custa a zuada
Dos Grilos dando Pinote
Me responda com a preço
Me fale qual é o preço
De um cheirinho no cangote

Me fala então quanto vale
Um bodegueiro surtido
Uma brejeira namorando
Com um bruguelo desnutrido
Quanto vale um cuscuz
Uma matuta dando à luz
E um terreiro bem varrido

Quanto custa um caminhão
Cheio de vereador
Quanto custa o homem rico
Ser chamado de doutor
Quanto vale ser matuto
Quanto vale o tributo
De um vaqueiro Aboiador

Quanto custa uma maxixada
Feita em lenha de Angico
Quanto custa embaixo da rede
A Velha Guarda o penico
E quando você apronta
Me fale quanto é a conta
De uns tapas no pé do ouvido

Pois afinal quanto vale
Chamar mamãe de mainha
Chamar Francisco de Chico
E Josefa de Zefinha
Faça no Sertão a ronda
E não tem homem que responda

Esta pergunta minha

Pois procure quanto custa

Brincar de bila e pião

Um cantador de viola

Cantando rima e canção

Pois nem balança de dois pratos

Com um peso de cada lado

Pesa o valor do Sertão.

(Sobre a autora: Alyce Raiane Jales de Lira é poetisa e estudante do IFPB, Campus Catolé do Rocha)

SAUDADE CASULO

Para atingir o ágil voo majestoso,
Em vagaroso rastro, terrestre e cansado,
A tal monarca, ser de espinho flamejante,
Quis hibernar no escuro manto pegajoso
Pra desvelar-se em ouro negro estampado,
Com deltas asas de um Cubismo impressionante.

Nas curvas desse desatino do destino,
Na tua aural e natural experiência,
transmutação está escrita em sua essência.
Ousadamente repousando em tez porosa,
Tal qual cigana alada, tátil e curiosa,
Sonda segredos desafiando o raciocínio.

Contra o vento nunca pensa em desistir.
No caminho, seu lamento é quase nulo.
Será a ânsia alucinada do porvir?
Ou sobretudo aquela saudade casulo?
Perduradas numa imagem de cordel,
Ou nas margens dessas asas de papel:
Borboletras!

(Sobre o autor: Cyran Costa Carneiro da Cunha é um investigador experimental, amante do cosmos e educador de si mesmo, no diálogo profissional entre a curiosidade das essências artísticas (musicais e poéticas), a beleza das incertezas científicas e a observação intuitiva dos saberes espirituais)

UM TEMPO NO MAR

Por entre as cores do infinito azul,
Perdi os meus pensamentos.
Por entre as cores do infinito azul,
Perdem-se memórias.
Tempo.
Vãs e vagas lembranças.
Por entre as cores do infinito azul,
Águas revoltas me trazem esperança.

(Sobre a autora: Mércia Rocha Cruz é natural de Salvador/BA. É Bacharela em Serviço Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB))

VELHAS CANSADAS

Palavras também envelhecem
Caminham mais devagar
Perdem os medos de antes
Assombram os de agora
Só dizem o essencial
Uma letra
A prescrição do tarja preta
O extrato
O cheque
A fatura do hospital

As lembranças velhas entram
No inventário de silêncios
Palavras cansadas
Que não conseguiram se aposentar
Estão completamente lúcidas
E essa é a pior parte
Ouvem muito bem
mas não fazem questão de falar

Ridículas essas palavras novas
Espalhafatosas
Truncando-se em trânsitos invisíveis
Bits coloridos
Despalavras
Contadas as favas
Apenas zeros e uns

No meio da frase sempre tem uma pedra
Mas ninguém passa mais por lá
Desde que o parágrafo ruiu
Esse elefante

Preto no branco
Das dissertações
Processos
E notícias

Mesmo assim
Essas palavras novas tropeçam
Não sei em quê
Não aprenderam
A desviar da vírgula
Crianças mimadas
Que fazem o que querem

A propósito
Demoliram o jornal
Há notícias de desabrigados
Morrendo de inanição
Nas páginas que ninguém escreveu

Nos casarões de oitocentas páginas
Vagam as almas
Que não entraram no céu
Nem acreditam
Que o inferno existe

Bem aventuradas
As que fizeram suas próprias casas
A vida não é fácil
Para palavras
Velhas
Que não têm onde morar.

(Sobre ao autor: Simão Vieira de Mairins é natural de Salgueiro/PE, mas reside em João Pessoa/PB desde 2006. Jornalista formado pela UFPB, é também compositor e dono de uma gaveta cheia de poemas, contos e um romance inacabado)

AS TELHAS DO CASTELO

De sonho a sonho
Para viver junto
Na asa de um mosquito
No grilo da madrugada
No pé do umbigo

Tremendo na corda do violão
Alguma coisa de letra
Livros espalhados pela casa
Desesperanças dos humores
Fins de certeza

A vida no Castelo
Um cachorrinho magrelo
O bebê chorando no berço
As contas estagnando o pescoço
O bom uso da palavra aperreio

Sem aliança nem festa
Só o juntar dos panos
A chuva rala pingando da telha
Lagartixa no quintal
Manga que não cai da mangueira

Domingo de shopping, filme, Sai de Baixo
Menina do dente torto
Mulher cansada do trabalho
“Painho, me ensina a estacionar o carro”

Painho foi embora
Sobraram filha, mãe
E cachorrinho magrelo

A menina do dente torto

Sonhando no Castelo

(Sobre a autora: Laís Correia Teófilo de Souza é graduada em Letras Clássicas pela UFPB e vive das palavras em matéria e inspiração. Descobriu o amor pelos livros ainda na infância. Já publicou textos em revistas e antologias literárias)

O RESGATE

Quando fechava os olhos
Via rastros de um quadro
Com traço limitado e confuso.

Experimentou enxergar-se a fundo,
Escutar o vazio do silêncio
Para excitar o seu corpo fecundo.

E descobriu ser a grandeza do universo,
A versão mais complexa do verso
E a possibilidade infinita do mundo.

(Sobre a autora: Clareanna Viveiros Santana é natural da cidade de Eunápolis/BA, reside em João Pessoa/PB há 14 anos. Aos 33 anos, vive entre antropologias e poéticas. Escreve na busca de traduzir sentimentos e reflexões do mundo. Publica seus textos nas redes sociais como Clareamente.

CIDADÃO DE BEM QUER UMA ARMA

Cidadão de bem quer uma arma. Quem será o alvo?

Quem será o alvo?

Será o negro

Será o nordestino

Será o favelado

Mas não o deputado

Será a dona do lar

Será o travestir

Será o idoso

O gay logo ali

Cidadão de bem quer uma arma. Quem será o alvo?

Quem será o alvo?

Será a feminista

Será o protestante

Será o assalariado

Entrando no restaurante

Será o mendigo

Será a amante

Será o menino

Pela roupa confundido

Cidadão de bem quer uma arma Quem será o alvo?

Quem será o alvo?

Será o macumbeiro

Será banqueiro

Será o militar

Será o Refugiado

Que saiu do seu lar

Será o agricultor

Será a faxineira

Será o trabalhador

Sem assinatura na carteira

Cidadão de bem quer uma arma Quem será o alvo?

Quem será o alvo?

Será a raiva

Será suas angústias
Será a falta de amor
Será tudo que seu
Ódio despertou
Será o motorista
Será o motoqueiro
Será a briga no trânsito
Para chegar mais ligeiro
Cidadão de bem quer uma arma Quem será o alvo?
Quem será o alvo?
Será a conversa
Será o diálogo
Será a empatia
Do seu irmão do lado
Será a confiança
Será a vaidade
E assim todo vai perder
A sua Liberdade
Cidadão de bem quer uma arma Quem será o alvo?
Quem será o alvo?

(Sobre o autor: Fernando Inacio da Silva é natural de Diadema/SP, erradicado em Cajazeiras desde 1991. Além de poeta é músico e ator)

MULHER

Um dia é muito pouco
Para celebrar a mulher.
Uma música, um poema
Um presente qualquer.
Mulher não é só cozinheira,
Mulher é médica, é engenheira,
Mulher tem que ser o que ela quiser.

Mulher é vilã,
Mas também é heroína.
Quando está sentido dor,
Tem sua própria vacina.
É difícil encontrar
Palavras que lhe defina.

Mulher é mãe, é amiga,
Mulher é ousadia,
Que luta por seus direitos
Quase que todo dia.
Dá a luz a uma criança.
Mulher também é energia.

Por muitos violentadas,
Por outros esquecidas.
Segundo o IBGE,
Por muitos perdem suas vidas.
Por muitos assediadas,
Tão pouco reconhecidas.

Mulher é presente de Deus
Uma perfeita criação,
A qual gera uma nova vida,

Desde quando é um embrião.
Cuida dele nove meses
Mulher também é proteção.

Mulher é resistência
Paciência, é amor.
Impaciente também,
Tem dias que é um terror.
Não tem preço,
Mas tem valor.

Mulher é flexível,
Ao mesmo tempo dura.
Sábida, forte e carinhosa,
Poemas de literatura.
Maioria é cuidadosa,
Em si, cheia de ternura.

Merecem todo o respeito,
De todos nós, minha gente.
Todas elas são iguais
Ao mesmo tempo diferentes.
São belas e bem desenhadas,
Todas são atraentes.

Que nesse 8 de Março
O mundo venha a entender.
Que a mulher tem o direito
De escolher o que ela quer ser.
Se coloque no lugar,
E se fosse com você.

Mulher é sonhadora
Nunca deixa de ensinar.
Mulher é esperança,
Age e sabe esperar.

Num real filme romântico
Nunca deixa de amar.

Sem a mulher não tem vida.
Quem vai gerar?
O homem?
Quem vai dar de mamar?
Pelo cordão umbilical,
A mulher quem vai alimentar.

Mulher é sentimental
É digna, é sofredora.
Ninguém mexe com seus filhos,
Porque ela é protetora.
É juíza, é advogada
É artista e professora.

Professora, pois nos ensina
A nunca parar.
Não desistir facilmente,
Nos ensina a amar.
A se levantar do chão
Não perde a direção,
Não deixar de sonhar.

Cresce o índice de assassinato,
Diminui o da dignidade.
Cresce o índice do assédio,
Mas não cresce o da honestidade.
Olhe, bem para este mundo,
É triste a realidade.

Na Polícia, no hospital,
Design, letras ou melhor.
Medicina, física e nutrição
Seu salário é menor.

Simplesmente por ser mulher
Não importa a profissão.

O dia da mulher é todo dia.
Mulher tenha esperança e fé.
Cabelo liso, curto ou crespo,
Seja quem você é.
Não deixe ninguém opinar
Que você tem que mudar.
Se alguém lhe tratar mal, faça o inverso.
Vista o que quiser vestir,
E, se o mundo lhe excluir,
Crie um novo universo.

(Sobre o autor: Matheus Felipe do Nascimento Silva é natural de Maragogi/AL. É poeta e aluno do Instituto Federal de Alagoas do curso de Agroecologia, versador desde 2017)

AVESSO

Quem é que se esconde
No outro lado da porta,
Na ponta do fino fio,
No fundo da tela opaca?

O que é que há
Na parte oposta da ponte,
No extremo do arco-íris,
Na vértice inversa da corda?

O que se enxerga,
Logo após o nevoeiro,
A fumaça amarelada
E a luz no fim do túnel?

O que é que se vê,
Quando se retira
O pó acumulado
Das velhas fotos
Penduradas na parede,
E quando se remove
A tênue camada de vapor
Do Vidro Fosco Da Janela
Que Separa O Sonho
Da Realidade?

O Que Se Nos Revela
O Verso Da Folha Em Branco,
O Reverso Da Moeda Vencida,
A imagem reduzida,
Vista pelo buraco da fechadura
Ou pela fresta da telha
Que se partiu dia desses?

O que se quer encontrar
Na gaveta há muito fechada,
No fundo falso da mala,
Nas lembranças adormecidas,
Nos pensamentos censurados?

Que rosto, em sombras envolto,
Se reflete num espelho embaçado,
Vaidoso de ser um Narciso,
Mesmo que desfigurado?

Quem vai desvendar
A face oculta da morte
E a espetacularização
De uma vida
Mascarada no Facebook
E ampliada na Instagram?

Quem será capaz de explicar
As perguntas sem respostas,
Os perdidos não achados,
Os desejos reprimidos,
O movimento silencioso
Dos que nos passam ao largo?
O que se espera mudar,
Após a virada do ano
E em todos os dias seguintes?

O que você sente, enfim,
No dia do seu aniversário,
Ao perceber que não pode
Deter o tempo que corre,
Sorrateiro e desenfreado,

Como se tudo fosse igual,
Quando está tudo mudado?

(Sobre a autora: Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti é autora dos livros de poemas Vida
Roda e Entre Parênteses)

UM POETA

Sentado.
A beira da estrada,
Vendo tudo
Em nada

Plantando flores,
Colhendo espinhos,
Em versos diversos,
Diversos caminhos.

Triste.
Calado.
Sozinho.

Lapida a palavra,
Outrora brava,
Trabalha e lavra,
Colhe na colheita poesia
Em belos frutos
De pura magia

Faz da vida
Dilema,

Eterno tema.
O mundo vira mundo,
Poema

Não vai a guerra,
Espera.
Luta no campo das ideias,
A grande batalha,
Trabalha,

Tem no peito a esperança,
Mudança

Gritando contra a tirania,
Amando amores,
A moça esguia,
Em tardes ardentes
De noites frias

Desafiando o desafiante desafio
Jogando pedras ao rio
Livre
Leve
Vadio

Declama,
Na praça á tarde,
Odes a liberdade

Na noite, açoites,
Sob a luz da lua,
Coberto de estrelas,
Na solidão da rua,
Chorando de amor
Pela musa lua

Nesta vida incerta,
Paixões
Emoções
Um poeta.

(Sobre o autor: Robinson Silva Alves é formado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, participou de vários concursos de poesia)

SO-CORRO

“Ao som de Arnaldo Antunes,
na voz de Alice Ruiz,
pensando em Joaquim Cardozo.”

So-corro. Não posso dizer que sinto nada.
Tenho medo. Calor e fogo se misturam
Para me fazerem morrer de chorar,
Me excluir.
So-corro. A alma que hoje é penada,
Vejo nesse espelho, sou eu.
Só conheço amargor e dor,
Só conheço o nada.
So-corro. Eu que tenho coração,
Que bate e que só apanha.
Tenho emoção grande e pequena vida.
Estou cheio tantos sentimentos
Quebrados,
Cujo sangue fresco me extinta.
So-corro. Vejo o mapa da minha dor
Que se estende em acostamentos,
Nos contínuos fluxos, em cruzilhada.
Percorro o que em mim grita,
O que em mim brada.

(Sobre o autor: Olavo Barreto de Souza. Em 2019 lançou a obra Luzalma. Escreve no blog:
todaspalavras.blogspot.com)

TUDO É DE GRAÇA

Tudo é de graça
Com a vida,
O bom dia
O amanhecer
O sorriso sem razão
O calor
A companhia da menina
Aquela velha canção
Do bebê
"Viver de amar".
Do caminho que se segue
As pedras ficam
E o grifo do !! Eu vivo !!
É o refrão.
Tudo é de graça
Existe um grande rio
Sem fim
Por onde
Escorre
A vida divina,
atada ao essencial
Que aguarda a enxurrada
Em passo de lagartas
Apreciando as nuvens
No abraço do sol
E nunca estou em casa
Quando o carteiro passa
Trazendo aquela carta
De que não devo a ninguém
Do que acontece do meu lado
Da janela desse avião.
Pois quando menos se espera
Acabou-se o ciclo

A tocaia não foi solução

Foi despenhadeiro peregrinado
Para longe do sonho
A vida pedia saúde, sossego
Todos os "ese"
Até solidão
Tudo é de graça
Remédio bom pra vida barulhenta
É mudar o caminho
Saber que é uma desgraça
No meio da cidade
Faltar as árvores
O zumbido no ouvido
Carro, navio, avião e vizinho
Deixa qualquer um encardido e com razão
Tudo é de graça
Gargalhada, criança
Calçada
Brincadeira no meio do salão
O que se pede mais
Não é silêncio
E sim emoção,
Dias cheios
Panela batendo
E o cheio do pirão aquecendo
Casa cheia e paz no coração
Tudo é de graça
Parece que é mentira
Porém não se aflija
Se para certos sonhos
Exija mais dedicação
Em largos saltos

Como peixe-agulhão.
Pois esta é a graça
De uma vida,
A sensação.

(Sobre a autora: Izaura Apolinário Geríz Barrêto, outrora artista plástica, hoje é escritora e graduanda em Gestão Ambiental pelo IFPB)

A LIRA SERTANEJA DE UMA VIDA

Bebé de Natércio

Nome de vida e de ofício

Do senhor Francisco Barbosa Sobrinho.

Como marca biográfica e artística

Que reveste as histórias dos poetas,

O seu nome popular

Traz a marca do enraizamento,

Do pertencimento nordestino:

De Natércio,

De um ancestral,

De um povo,

De sua cultura.

O cordel é um fazer dentro da vida.

Ainda na adolescência

O dom de Bébé aflorou.

Com o seu primeiro cordel

Escrito aos quatorze anos,

O jovem poeta cumpriu

O seu rito de passagem.

Agraciado com a dádiva divina

Do olhar poético sobre a vida.

O simples cotidiano da vida

Passou a ser a sua matéria-prima,

Fonte de água viva

Onde bebem os poetas populares nordestinos.

A máquina de escrever

E o papel em branco

Foram a sua enxada e arado

Do cultivo poético que seria o sentido
Da sua história de vida.

A vida tem a sua própria métrica,
Livre ou contada,
Versos livres ou brancos
Ou sílabas e estrofes
Contadas e medidas
De um cordel ou cantoria de viola.
A música também tem as suas regras,
Tem a sua letra e melodia,
Trilha sonora que acompanha
As fases da existência.
A vida escrita em versos.
Ou composta para ser acompanhada

Em melodia,

Arranjada e regida,
Foi o barro nas mãos
Do criador Bebé,
No exercício do seu ofício,
Pois ser poeta é uma vocação
Um chamado divino

Para transmitir a memória de um povo.

Poeta e professor,
Maestro, aranjador e compositor,
Ofícios que revestem a sua biografia

De uma atmosfera sagrada.

Mestre da cultura popular
E professor de música e de literatura,

Sua função de guardião

E de transmissor memorial,
No solo fértil do sertão,
Resistente a aridez e as secas,
Torna-se um roçado fértil,
Cujos frutos se multiplicam
E plantam mais sementes.

Do sertão de Cajazeiras
Ao litoral de João Pessoa,

A lira de Bebé

Faz o percurso da profecia do Conselheiro:

Sertão vira mar,
Mar vira sertão.

Poesia de uma vida andarilha,
Versos vivos em poesia vibrante,
Música e arranjos da memória,
Continuam a cantar, tocar e encantar
O sentido do viver de um poeta sertanejo.

(Sobre o autor: Ciro Leandro Costa da Fonsêca. É poeta e pesquisador das literaturas e culturas populares nordestinas, e das histórias de vida dos agentes populares)

CAMPINA, TÃO BELA E GRANDE

Campina, tão bela e Grande
Quem te viu e quem te vê
Em tantos Severinos e Marias,

Ramos e Ramalhos,
Que assim te cantam
Como Tropeiros do Amor,
Guardiões de Luz, Ariús
Num sol que te ilumina,
Numa lua que te beija.

Vila, em ruas, ladrilhos,
Becos, vielas, ladeiras:
Escuto passos de quadrilha
No forró que danço,
Embalado e lanço.
Fogos aos céus:
Aos meus e aos seus.

Como é bom poder ter-te, sombra de algodão,
Feito um bálsamo, um perfume,
Em noites de sanfona ao luar,
Junto ao povo, olhando para o céu.
É São João!

Ó linda flor, linda morena
Já te paquerava o Pandeiro
Apaixonado por ti, minha pequena,
Que cresceu e virou estrela.
E tem a chave de São Pedro.
Voa, voa, voa alto, como balão.
Ao mundo mostrou força.
Oh! Doce Campina.

Cidade onde a beleza se explicita.
Libriana, se faz majestade e alegria.
Minha Rainha!
A Borborema em poesia.

(Sobre o autor: Kermerson Kleber de Lucena Dias é natural de Campina Grande/PB. É poeta com textos publicados em antologias e concursos de poesias. O autor escreve diariamente em sua página do Instagram @cafeprosabr, poesias e prosas)

DA CIÊNCIA DA ESPERA

Me agrada a teoria da relatividade
Pois, se é relativo o tempo e o espaço
Me acalma que já terei seu abraço
Cheios de beijos para matar a saudade

Confesso estou sem previsão
Desliguei a televisão
Mas, os cientistas não de explicar
Como março demorou a passar
E quando chegou abril
Quase ninguém viu
Mas quero também saber
As razões dos porquês
Como guardo na caixola
Os seus vinis tocando na vitrola
Por que Passo noites mal dormidas
Pensando nas suas mordidas
Só que quando passar
Vou te encontrar
Não importa o dia e o local
Quero fazer em ti carnaval

(Autora: Paola Fernandes de Castro)

UM SONETINHO PARA O CANTADOR

Escreve com ritmo o cordelista.
Da nossa cultura é pesquisador,
A música ganhou um arranjador,
E a viola melodias do artista.

Num instante virou professor.
Segue as raízes sem sair da pista,
Há tem o seu nome na lista,
Canta a voz do povo – o cantador!

Sábado eu vou ao Bar do Baiano.
Lá cada letra é mensagem direta,
Música que abastece o ser humano.

Por fim traçar planos em linha reta.
Conversar antes da virada do ano,
E curtir mais “Sambas do poeta”.

(Sobre o autor: Jacquelino Souza do Nascimento é natural da cidade de Guarabira/PB. Tem 2 livros de poemas publicados e 10 folhetos de cordéis)

A FOLHA QUE SE DESPRENDE DO GALHO

A folha se desprende do galho
E é levada pelo vento.
O vento sopra onde quer
Fazendo a folha vagar pela terra:
Ora no pântano, ora no deserto
No cume da montanha ou na correnteza do rio.
Vem um pássaro e leva a folha para seu ninho.
Em uma noite de tempestade, o raio atinge o ninho
E a folha em chamas despenca sobre a relva molhada
Com saudade do galho que a mantinha nas nuvens.

(Sobre o autor: Márcio Roberto Soares Bezerra é professor de Filosofia do IFPB, Campus João Pessoa)

O TEMPO ENSINA

O tempo ensina
Que o ser vale mais que o ter
Que o pouco pra muitos
É o suficiente pra poucos
Que a verdade pode doer

Mas a mentira mata
Que viver não é fácil
Mas a vida é bela
Que chorar não é fraqueza
Fraco é quem engole o choro
Que ser honesto não é ser otário
Otário é quem engana, ilude, trapaceia
O Tempo ensina
Que quem menos tem
É quem mais oferece
Que humildade não é pobreza
E riqueza não é dinheiro
Sabedoria não é escolaridade
Inteligência não é um diploma
O Tempo ensina
Que esse tempo acaba

A oportunidade passa
Um momento se perde
Que sofrimento transforma
Que ideia muda
Que escolhas definem
O Tempo ensina
Que importante é o agora
Que o futuro é um sonho
E o passado exemplo
De tudo que foi
Pra tudo que é

E ainda será
O Tempo ensina
Que ser livre
Não é ser libertino
Que amar

É o nosso destino
Pois a vida
É um tecido fino
Que o tempo
Assim como o vento
Pode enfim levar
O tempo ensina
Que podemos morrer
E depois renascer
Sem sair do lugar.

(Sobre a autora: Perla de Sousa Alves. Natural de Patos/PB. É artesã e poetisa. Tem poemas publicados em 3 edições do Abril para a Leitura, promovido pelo CCBNB de Sousa/PB, e na Antologia Poética Poesia de Quarta (IFPB/CZ). Participa como autora convidada do Blog Crônicas Cariocas. É idealizadora do Projeto Prosa e Poesia no município de Patos/PB)

Ô SAUDADE!

Deu saudade,
De verdade,
De dançar e agarrar você.

Fungar nesse cangote,
Dançar um xote
E ver a luz do sol
Contigo ao amanhecer.

Quem dera ter esse carinho,
Estar bem juntinho,
Assistindo um filminho,
Sem calcular o tempo,
Deixando ele correr.

Contemplar teu riso,
Que de tão impreciso,
Me faz querer
Pretender nele me perder.

(Sobre a autora: Sonale Vasconcelos de Souza é natural de João Pessoa/PB. É professora do IFPB, Campus Itaporanga, e fascinada pelos encantos da poesia)

PLANTEI IPÊS PERNAMBUCANOS AOS PÉS DO REDENTOR DA PARAÍBA

Sob o sol sertanejo abençoado
Dois amigos contentes, festejando
Um arando a terra, outro assentando
As mudas, num balé sincronizado
Lá do alto se via Itaporanga
Do vale, a rainha Esplendorosa
Que agora aguarda ansiosa
As flores ao Cristo oferecidas
Plantei ipês pernambucanos
aos pés do redentor da Paraíba

(Sobre o autor: Izael de Lima Júnior é Natural de Moreno/PE. Servidor público crê na educação como o mais poderoso instrumento de transformação de vidas)

POR ONDE ANDA, A ESPERANÇA?

Já começo é dizendo
Mesmo que não me ouça
Tão distópico esse mundo
Por onde anda, a esperança?

Enquanto chega a primavera
Me pego aqui pensando
Em que momento dessa vida
Foi tão difícil ser “humano”?

Na Pré-história com o Sapiens
Antiguidade e os romanos
Idade das Trevas teve a peste
Modernidade! Lá vem Colombo!

Na Idade Contemporânea
Grande mesmo era a Guerra
Mas o desejo por igualdade
Construiu as lutas de classe

Tudo isso o que aconteceu
Abriu espaço para mudança?
O homem ainda destrói
Por poder e por ganância?

Saltam aos olhos a violência
A desigualdade e a injustiça
Milhões de pessoas hoje
Imploram um prato de comida

O que nos espera, meu amigo?
Manipulação genética?
Adestramento comportamental?
Ou a volta do totalitarismo?

Prevejo a primavera plastificada
Que condensam as massas vãs
Observaremos os lençóis hídricos
Minguarem em razão do lixo?

Entenda, minha amiga
O conhecimento nos faz refletir
Inquieto-me com as agruras sociais
Mas o importante é redescobrir e agir

Redescobrir novos sonhos
Promover uma atmosfera plural
Um mundo aonde toda essa gente
Tenha paz, natureza e vida decente.

(Sobre a autor: Alyne Rosiwelly Araújo. Natural de João Pessoa/PB. É docente da Prefeitura Municipal de João Pessoa)

DEMÔNIO DA MEIA-NOITE

Estou à beira do abismo
Prestes a me precipitar.
Ouço vozes do passado.
Volto a me concentrar.

Não adianta, minhas correntes
Estão enferrujadas; entes,
Amigos, trabalho, família,
Nada importa, nada me traz alegria.

Ainda senti um alento derradeiro.
Veio-me uma lembrança antiga, boa:
Menino andando pela vida à toa.
Instante passageiro.

Barro modelado em imperfeições,
Tanta dor carrego no meu peito;
Preciso cessar essas imensidões;
Escuridão, profundidade, eu as aceito.

É hora de me perdoar...
Não, nisso não mais acredito.
Vozes me seduzem, a me chamar.

Canto de sereia maldito!

No altar da bravura,
sacrifico minha covardia.
Agora, tudo é leveza, brandura...
Adeus, perversa agonia.

(...)

Enquanto isso, à ilharga,

Na sala de decomposição,
Vermes em regurgitação,
"mais carne de poeta amarga."

(Sobre o autor: José Eduardo Alexandre da Silva é natural de Caucaia/CE. Formou-se em Pedagogia e passou a exercer a profissão de educador na rede pública, na qual encontra a matéria-prima para suas criações poéticas: a essência humana, no contato direto e verdadeiro com outras vidas.

ECO DO SILÊNCIO

E levemente o som se desfez.
Último movimento.
Eco do silêncio.
Uma última palavra:
Palavra inaudita.
Lágrimas frias no bronze.
Brisa a acalentar o rosto.
Rosas despetaladas no chão.
Chama apagada.
Quem cessa a dor?
O tempo.
Escuta-me, não através de palavras,
Por meio do sentimento ou pensamento.
Por qual razão se fez silêncio?
Uma mão toca nos lábios e aponta,
Voo ao infinito.

(Sobre o autor: José Freire Sobrinho é natural do Sítio Várzea Grande, Sapé/PB. Filho de Valdemar Freire da Silva, sindicalista, e da agricultora Josefa Marinho dos Santos. Formado em História e Ciências das Religiões pela UFPB)

VÁRIAS HISTÓRIAS

Aquele batom era o sabor de Nirvana
Naquele suspiro encontrei a doce cigana
Aqueles lábios seriam verdades insanas
Seu batom excitava
O que sua alma exalava.

Figura indescritível
Foi o meu cupido?
Aquele ser era poder e pecado
Como uma Katana que cortava o seu legado
Lentamente, senti laços a serem mencionados.

Aquele beijo quente e molhado
Foi como a salvação de Cristo
Ao ser crucificado.
Teu ato é algodão
Que se estende por todo chão.

Ela é a besta que domina os meus ossos
A trombeta que me tira dos destroços
Cometi iniquidade naqueles castanhos raridade.
Soprano, Cipriano me possuíam como tuas
mãos em meus panos e planos.

Fonte de água divina
O teu poder me alucina
Você me provoca sensações e levitações
Teus olhos no céu se torna belas canções
Tu és uivo, lendas e atrações.

Vou falar, vou falar, respirar e argumentar
Que ela é a deusa encarnada
A espada de Miguel desvendada.

A humildade em sua língua é ressuscitada
Tu não és Cleópatra mas merece ser aclamada.

Tu és arte e delicadeza
O caro Osíris e safadeza
Só me ajoelho diante de ti
Se for pra experimentar de teus pecados
E recitar poemas de prazer em teus lábios.

Preto é um dos tons da vida
E aquele batom escuro é luz favorecida
Tua voz é sino que deixa a alma despida
Lua cheia e lua de desejos
Faça a ela e todos que desejo
Que o desejável seja pétalas ao ceder teus beijos.

Tu és veneno da serpente
Que se perpetua em minha mente
Seus olhos são verdes cristais
É a canção viva feito ritos celestiais.

As trombetas anunciam
E as nuvens evidenciam
Que o pôr do sol desta cidade
Só é belo pelo teu espírito de integridade
Elementos encarnados e lábios sofisticados.

(Sobre o autor: Luís Gustavo Borges dos Santos é natural de Jaçanã/RN. Escritor e acadêmico de Letras Português)

MÃE

Porto seguro,
Presente de Deus.
Braço que acolhe
Olhos que enxergam
Boca que consola
Coração que acalenta.

Sorriso para nossas lágrimas
Alegria para nossa tristeza
Fortaleza para nossas fraquezas.

Remédio para nossas dores
Conselho para os nossos dissabores.

Reflexo de paz
Exemplo de amor
É a obra mais completa
Do nosso criador.

(Sobre a autora: Ana Carolina Ferreira de Araujo é natural de Campina Grande/ PB. Escreve por prazer e muitas vezes registra com palavras sentimentos e emoções. Dentre os gêneros escritos pela autora estão: as aldravias, poesias e contos)

SONETO DO IRREAL

Outrora criança parecia sonhar
Hodierna crescido parecia desanimar
Na áspera leveza do vento
Ainda surge o meu contento

Da calma metáfora dos meus pensamentos
Ocioso surge, novamente, o raiar do sol
Em detrimentos surgem os discernimentos

Na luz opaca do farol

É irreal ao rouxinol a transpassar da luz
Mas para ti, grande sábio, é a força que conduz
A mestria síncrona de um andaluz

Irreal é, aos olhos de quem vê, sentido
Quando não de repente, temido
Por vezes, também consentido.

(Sobre o autor: Rian Lucas da Silva é natural de Poço Dantas/PB. Escreve desde os 11 anos de idade. Seus textos já foram publicados em diversas revistas literárias, dentre os quais incluem-se: contos, crônicas e, sobretudo, poemas. Atualmente, é aluno do curso de Letras, no IFPB)

QUARENTENA DA REVISITA

Um vírus nos trouxe medo
Ansiedade e solidão
Nos trancou em casa cedo
Mudando hábitos do cidadão

Presenciamos luto quase em segredo
De quem com pouco já vivia
Ausências, perdas, gosto azedo
De quem olha para mesa vazia

É tempo de revisitar nossos diversos compartimentos
Gavetas, armários, e por que não os sentimentos?
Lançar mão do perdão, do amor ao próximo e da empatia
Brincar, chorar, sorrir, se angustiar e se esforçar por alegria

Que possamos abrir nossas “gavetas”
Que esquecidas, não eram mais visitadas
Com coisas e metas que se tornaram obsoletas
E por motivo qualquer acabaram rejeitadas

Que esses gestos de revisitas nos façam encontrar
Os caros valores que o mundo insiste em nos tirar
Memórias, fotografias que espelham a nossa essência

E ver que nosso ser não se forja sob a aparência

Então, não é um vírus, uma crise, uma quarentena
Que arrancarão de nós a nossa força mais plena
A personificação da Fênix que está em cada sujeito
E nos faz ressurgir atuando como nunca tínhamos feito

(Sobre a autora: Danúbia Barros Cordeiro Cabral atua como professora do Ensino Médio, Técnico, Tecnológico e Superior no IFPB, Campus Santa Luzia)

NEM TODO MUNDO

Nem todo mundo quer cursar Medicina
Nem todo mundo “quer ser” heterossexual
Nem todo mundo quer ser conservador
Nem todo mundo quer escovar os dentes três vezes ao dia
Nem todo mundo escarra flor com leite ninho
Nem todo mundo quer ser político
Nem todo mundo quer ser alienado
Nem todo mundo quer ser mordido
Nem todo mundo quer beijo grego
Nem todo mundo quer se isentar da poligamia
Nem todo mundo quer deixar de praticar a pederastia
Nem todo mundo quer cantar “ordem e progresso”
Quando o calor do inferno na terra o obriga gemer de esperança
Nem todo mundo quer uma gorjeta
Do vereador imprecupado em transformar sua comun Idade
Nem todo mundo quer a benção do padre pedófilo e corrupto absolvido pela
“justiça”
Nem todo mundo quer viver o pré-estabelecido
Nem todo mundo quer escorregar Pelo tobogã do céu mal frequentado
Nem todo mundo quer cuscuz com sardinha
.....Porque não existe todo mundo.....
Só existe o fascismo!

(Sobre o autor: Francisco Cleiton Limeira de Sousa é poeta e autor do livro “Meu eu é teu”)

Cordéis

BEBÉ DE NATÉRCIO EM REDONDILHA MAIOR

Nasceu Bebé de Natércio
Lá na bela Itaporanga
Um cantador de renome
Ao som de fina charanga
Um artista sobranceiro
Ser humano verdadeiro
“Caba” doce feito manga.

Paraibano maestro
Do som um ampliador
Orgulho de nossa terra
Exímio arranjador
“O Homem na Quarta Onda”
Musica linda, redonda
Um grande compositor.

É nosso, prata da casa
Um nobre paraibano
Orgulho da nossa gente
Um tocadour soberano
Escute “Brechando a Lua”
Sente no meio da rua
E lá no bar do baiano.

Dedilha muito bonito
O violão magistral
É só parar e ouvir
O seu tocar genial
De noite na boemia
Canta linda poesia
De forma fenomenal!

Eu fico maravilhado

Com seu toar caprichoso
Gente se ajunta ao seu lado
Com seu toque virtuoso
É coisa de outro mundo
Levanta até moribundo
Sertanejo milagroso!

“O Canto de Itaporangã”
Disco de sua autoria
Trabalho feito com amor
É fina sua harmonia
Tudo dentro do padrão
Para causar emoção
E iluminar o seu dia.

Seu amor, o violão
Bebé nele se garante
Virtuose seresteiro
O povo pede que cante
Composição “Vem Pra Cá”
Chocalhar de um maracá
E um atabaque vibrante.

No Teatro de Arena
Do Espaço Cultural
Lançou seu novo pendrive
Em cenário musical
PD “Sambas do Poeta”
Numa plateia seleta
Um encontro fraternal.

Amigo de grandes nomes
Totonho, Paulo Brasil
Zé Katimba, Meire Lima
Que beleza pueril

Carlos, Beto, Mirandinha
Parceiros da mesma linha
Jovial e juvenil!

Sei que por onde passou
Foi sujeito respeitado
Na labuta professor
Na Paraíba aclamado
Um produtor cultural
Presença fundamental
Aplausos por todo lado.

Arranjador dedicado
Produziu nosso Oliveira
Também Bob Laureano
Bira, Daudeth Bandeira
Irah, Chico de Pombal
Um time fenomenal
Também Elpídio Ferreira!

Assumiu “Unha de Gato”
Uma Orquestra Nordestina
Foi ali que aprendeu
O que a melodia ensina
Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si
Até linguagem tupi
Pois era essa sua sina.

No universo literário
Adentra pelo papel
De um jeito peculiar
Passeia pelo cordel
Estrofes imaginárias
Glosas lindas, solidárias

Com sabor de moscatel!

Merlânio fino poeta
É “parêa” passarinho
Com Bebê junto completa
Sinfonia em doce ninho
Cantam luar do sertão
Unidos num coração
Louvando o seu pedacinho!

Na toada inspiração
Sua alma é nordestina
Compõe com muita ternura
É cascata cristalina
Rima doce de caju
Preferência no menu
Com essência feminina!

Lá no bairro dos Bancários
Meu amigo da cultura
Estrela sempre a brilhar
Merece até escultura
Fogos com muito estridor
Flores cheirosas com amor
E até caricatura!

Poeta muito arretado
Da família zelador
“Caba” bom papo na prosa
Dos filhos um protetor
Sua esposa é namorada
Lua de sua morada
Um sujeito de valor!

IFPB conhece
Toda a sua caminhada
Talento que tem de sobra
É cantor da passarada
Ao raiar sol matutino
Natércio vira menino
E começa outra jornada!

Ser bacana, de bondade
De amizade regador
Um Ser muito especial
Cultiva jardim com flor
Expondo seus sentimentos
Em calorosos momentos
Vividos com muito amor!

No palco é simplicidade
Um humilde cordelista
Gente com cara de gente
É um vate, nobre artista
De tudo é merecedor
Eita poeta cantor
De canto universalista!

(Sobre o autor: Raniery Dantas de Abrantes é poeta associado a Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVPB); autor do livro de poesias Jardim de amores e dos cordéis: Um aprendiz no cordel , Bebê de Natércio em redondilha maior, O fantasmilha do Verona e Sivuca, O filho de Itabaiana)

A HISTÓRIA DO MENINO QUE CONTAVA HISTÓRIAS

Conheci quando criança
Um menino sonhador
Que ouvia e contava histórias
Com carinho e amor
Além de muito esperto
Era memorizador.

Toda história que ouvia
Tratava de decorar
Depois, nas horas de folga
Corria pra nos contar
E a gente se reunia
Somente pra lhe escutar.

De tudo a gente gostava:
Da sua encenação
De vê-lo aumentando as coisas
Da sua enrolação...
Até as suas mungangas
Chamava a nossa atenção.

Não lembro bem a idade
Nem a dele, nem a minha
Só lembro que a gente era
Criança bem pequeninha
Eu não pensava na vida
Nem sei se problema tinha.

Vicente é o seu nome
Hoje grande cidadão
Cresceu e formou família
Como manda a tradição

Mas ainda conta histórias
Pra nossa população.

Lembro da gente sentado
Debaixo da laranjeira
Quando Vicente chegou
Com um folheto de feira
Dizendo: - Hoje eu trouxe
Uma história de primeira...

Ele disse: - Quem vai ler?
Ninguém sequer respondeu.
Nem Márcio, nem Rei Artur
Elias e Elizeu
Nem Camêlo, nem Camilo...
Nem Zé Paulo e nem eu.

Mas Vicente, muito esperto
Depressa disse: - Eu ouvi
O homem que me vendeu
Cantando, mas esqueci...
Mesmo assim eu vou contar
Do jeito que entendi.

- É a história dum moço
E de uma invenção
Que carregou a donzela
Voando num avião.
Ou seria numa mala
Em forma de um pavão?

Só sei que tem um pavão
E tem uma moça bela
Que só uma vez por ano
Aparece na janela

Tem um rapaz corajoso
Que no fim casa com ela.

- Mas ninguém se aperreia...

(Disse sorrindo o Vicente)

- Um dia eu aprendo ler

Pra poder contar pra gente

Histórias em poesia

Do passado e do presente.

Pedi para a sua mãe

Logo lhe matricular

Na escola, pois queria

Ler, escrever e contar.

E a história do pavão

A gente ia escutar.

Quando viu a professora

Perguntou se ela gostava

De ler folheto de feira

Porque um, ele guardava...

Mas antes de insistir

Ela o assunto mudava.

Ela disse ser preciso

Vicente ir devagar

Juntando letra com letra

Para palavras formar

E quem sabe em um ano

Já dava pra soletrar.

Mas o que'le mais queria

Era ouvir aquela história

Com bastante atenção

Só pra guardar na memória

Mas nossa professorinha
Não nos deu aquela glória.

Vicente se aperreou.
Desistir? Não desistia...
Prestava atenção às aulas
Pensando na poesia
Só esperando o momento
De ler com toda alegria.

Até que um dia chegou
Com o folheto na mão
Na escola e foi dizendo
Com toda convicção:
- Professora, já sei ler
E quero dar a lição!

Nisso, houve um silêncio!
Todo mundo espantado...
Pois não fazia um ano
Do ensino começado
E Vicente parecia
Já tá alfabetizado.

A professora abismada
Sem querer acreditar
Disse: - Parabéns Vicente!
Então pode começar...
Aí Vicente tremeu
Como quem ia chorar.

Se preparou bem ligeiro
Procurou a posição
Ficou todo elegante

Pensou numa encenação
Calmamente começou
Assim a sua lição:

“Eu vou contar a história
Dum pavão misterioso,
Que levantou voo da Grécia
Com um rapaz corajoso,
Raptando uma condessa,
Filha dum conde orgulhoso.”

Re re re re residia
Na na na Tu Tu Turquia
Começou a gaguejar
Estragando a poesia...
Ficou tão envergonhado
Que perdeu toda a magia.

Mas pra nossa alegria
Acabou vitorioso
Porque ouviu dos alunos
Num grito harmonioso:
- Nós queremos a história
Do Pavão Misterioso!

Aí a professorinha
Leu tudo em boa oratória.
Os alunos palpitando,
Reconstruindo a história.
E Vicente bem feliz
Só guardando na memória.

FIM

(Sobre o autor: Paulo Gracino da Silva é natural de Guarabira/PB. Tem 29 títulos publicados, sendo vencedor do prêmio literário da FUNESC edições 2013 e 2014.

DERRADEIRO CORDEL

Todo mundo aqui já sabe
E tá cansado de saber
Que a vida é como um trem bala
Ligeira, passa, ninguém vê.
Tem um ditado verdadeiro
Que é curto, pequeno e certo
É dar valor após perder.

Tanta gente que aqui passou
Pro outro lado da nossa vida
Foi pra cama, se deitou
Esquecendo a despedida
Muita gente aqui ficou
Com saudade, tamanha dor
Soluçando por tal partida.

Se todo mundo aprendesse
Que viver tem desvantagem:
Mas parece que o povo se esquece
Que aqui é só passagem
Estuda, trabalha, enriquece
Trabalha, estuda, adoce
Nem aproveita a viagem.

Ninguém nunca adivinhou
Quando foi a última vez
Muita gente que foi embora
Levando o mal que aqui fez
Não pediu sequer perdão
E toda aquela ingratidão
A terra nunca desfez.

Por isso mesmo é necessário
Aprender a ser intenso

Enxergar todo detalhe
Aproveitar cada momento
Não precisa de ambição
Seja empregado ou patrão
Tudo vira esquecimento.

Então, que nós tudo aprenda
Carinho é pra ser dado agora
Não tem nem burocracia
Nem precisa marcar hora
Coisa boa é um forte abraço
Sem ser nó, mas sendo laço
Antes de nós ir embora

Pense naquela tua amizade
Que você não dá valor
Um conselho dito na bondade
Tu ouviu, mas nem ligou
Trilhe bem o teu caminho
E nunca tente dar carinho
Só depois que alguém se for.

É pra sorrir pra todo mundo
O cumprimento é um elogio
Não tem coisa mais bonita
Me diga se tu já viu!
Seja inteiro e de verdade
Nunca seja só metade
Ninguém toma café frio

É um bom tempo pra essa mudança
Tudo vai se transformar
E eu lhe digo com todo gosto:
Se tu mesmo quiser mudar

Comece de você, por dentro
Abandone os seus lamentos
E vá parando de reclamar!

É pra ser feliz sozinho
Tu também é companhia
Dance até sem tu saber
Cante e erre a melodia
Se alguém lhe rebater
Só ouça e deixe dizer
A resposta é alegria.

Nossa vida é como peça
Tem drama e felicidade
Tem carinho, amor e farsa
Tem mentira e tem verdade
E nessa trama tem vilão
O medo, que é um ladrão
Seja firme, não covarde.

Corra atrás daquele teu sonho
Lute, encare, mas persista
Não pare nunca na queda
Siga em frente, nunca desista
Sempre tenha um firme pulso
Que a queda seja impulso
Pra ver o mundo na subida.

Hoje eu faço esse cordel
Tô de pé e também inteiro
Amanhã eu já não sei
Talvez seja o derradeiro
Enquanto eu tô declamando
O relógio tá trabalhando

E o tempo passando ligeiro.

Encerro os versos por aqui
Fazendo um pedido meu
Cante, dance, ria e ame
Aproveite o tempo teu
Agora eu vou lhe perguntar
Se mais tarde ela se acabar
Essa vida tu viveu?

(Sobre o autor: Douglas Ronivon da Silva é natural de Vieirópolis-PB. Estudante de letras dedica-se a produção de poemas e cordéis)

CACHAÇA COM MACAMBIRA

Com quinze anos de idade
E aparentando uns dezoito
No auge da puberdade
Pra mulher ficando afoito
Arquitetei um esquema
Que terminou num problema
Embebido de mentira
Não cheguei a imaginar
Que fosse experimentar
Cachaça com macambira

Em toda a redondeza
Se falando em mulherão
Um exemplo de beleza:
Josilene de Sebastião.
Cabelo liso e comprido
Ela adorava um vestido
De cima a baixo colado
Mas ela nem me olhava
Pois em idade ela estava
Num estágio mais avançado.

Nenhum sinal dela vinha
E a vida seguia assim
Aí eu pensei: Rosinha
Pode ajudar muito a mim
Rosinha era destemida
Uma mulata comprida
Com corpo de violão
De conversa influente
E amiga e confidente

Da filha de Sebastião

Eu encontrei com Rosinha
Buscando ter um mister
Queria saber se vinha
Algo da outra mulher
Ela disse: eu tenho sim
Ontem ela disse a mim
Que lhe acha atraente
E se isso lhe interessa
E melhor você ter pressa
Tá cheio de pretendente

Aquilo mexeu comigo
Entrou suave em mim
No outro dia um amigo,
De sobrenome Amorim
Didi como é chamado
Me chamou no reservado
E me disse em surdina
Amigo, eu não lhe engano
Eu já estou com um plano
De chegar naquela mina

Antes que ele saísse
Ou entrasse noutros assuntos
Tomei a frente e lhe disse,
Por que nós não vamos juntos?
Sem ter pressa para sair
Quando Sebastião dormir
E ficar só a duplinha
Acabando o querosene
Você pega Josilene

Que eu me ajeito com Rosinha

Ele disse, que ideia boa,
Oh camarada disposto
Dessa vez galinha voa
Sua coragem dar gosto
Agente agora “descola”
Depois do treino de bola
Vamos lá nessas meninas
Para pegar a nossa rota
Eu lhe espero na Serrota
Tomando unas cajuínas

Pensei: oh pobre coitado
Caiu em minha arapuca,
Pois tudo tá bem tramando
Bem certo na minha cuca:
Quando o velho for dormir
Eu não demoro em agir
E pego a Jose primeiro
Deixo ele com Rosinha
Que não é qualquer coisinha
Para o frio de um terreiro

Quando cheguei na bodega
Didi tava na calçada
Com um traje muito brega
Uma camisa florada
Disse: é pra eu e tu
A garrafa de Pitu
Para tomar na viagem
Pois tenho a impressão
Que essa nossa missão
Vai precisar de coragem

Tomei o primeiro gole
Me subiu uma fumaça
Ele disse: oh cabra mole
Me passa essa cachaça
A conversa foi rolando
E saímos alternando
Uma eu e outra tu
Na metade do caminho
Eu já estava bebinho
E ainda tinha Pitu

A casa de Sebastião
Fica sobre um lajeado
E tem como proteção
Espinhos por todo lado.
Duas rotas de chegada,
Mas, uma estava fechada
Com cerca de pau a pique,
A outra era um desafio
Descendo por um baixio
Por dentro do xique-xique

Bem perto da porteirinha
A dez braços do terreiro
Tinha uma veredinha
Que levava a um roteiro
Com cactos e com jurema
E para maior problema
Camuflados em embiras
O labirinto infernal
Tinha um desfecho final
Num banco de macambiras

Numa embriaguez medonha
Nós chegamos na porteira
Mas a danada da vergonha
Não entrou na bebedeira
Didi disse: chama aí.
Eu disse: é tu Didi,
Porque eu sou de menor.
Aí se ouviu um cachorro.
Didi disse: agora eu corro,
Se prepare para o pior

Ao ouvir o vira lata
O velho veio à janela
Olhou a porteira, a mata,
E viu algo em sua tela
Disse: eu posso tá enganado,
Mas tem um vulto encostado,
Por atrás daquele morão
Foi quando dona Maria
Perguntou com valentia:
Por que não solta leão?

Entre a pergunta dela
E a soltura do “Leão”
Ainda vi na janela
A filha de Sebastião
Talvez ela nem soubesse
Ou talvez ela quisesse
Mandar a gente correr
No tempo de uma piscada
Lá veio a cachorrada
Querendo nos receber.

Eu pude compreender
Era mais de um cachorro
Nós começamos a correr
No zigue-zague do morro
Escuro, álcool e matilha
Fizeram-nos errar a trilha
E entramos na veredinha
Levando tudo no peito
E olhando no rejeito
Se algum cachorro não vinha

Foi um aperreio de vida
Foi uma busca de fé
Nesse beco sem saída
Só Jesus de Nazaré
O corpo todo furado
Com sangue já ensopado
Na roupa que estava em tiras
Foi Deus que desceu à Terra
Para vencermos a guerra
Com o banco de macambiras

Quando descemos o morro
Chegamos dentro do Rio
Não se escutou mais cachorro
Bateu em mim um vazio
Saímos dali mancando
Com os espinhos furando
E a sensação de derrota
Pensando como seria
Quando raiasse o dia
Ser motivo de chacota

Por muito lá na ribeira
O papo de ocasião
Foi os vultos da porteira
Da casa de Sebastião
Eu ouvia desconfiado
E Didi também calado
Seguia a mesma linha
Para uma coisa deu certo
Esquecemos o projeto
De Josilene e Rosinha

Para quem traz na memória
Como uma noite assombrada
Eu desfaço essa história
Que foi muito mal contada
Recoloco a verdade
Uso da sinceridade
E desmancho uma mentira
E levo pra sepultura
Esse trauma da mistura
De cachaça com macambira.

(Sobre o autor: Luís Havelange Soares é natural de Cabeceiras/PB. Atua profissionalmente como Professor do IFPB)

BEBÉ DE NATÉRCIO

Nasceu no ano de 1955
Em Itaporanga
Francisco Barbosa Sobrinho
Na cidade Paraibana.

Bebé de Natércio
Como é conhecido
É legal e amigo
E por todos querido.

Aos 14 anos
Fez seu primeiro cordel
Que falava de um cachorro
Que morava ao “léo”.

E por 14 anos
Ensinou literatura
Mas aí não parava
As suas aventuras.

No ano de 1994
Chegou ao IFPB
Comandando a orquestra
Com todo seu saber.

Depois saiu do Sertão
E veio para João Pessoa
Como professor de música
Só fez melodia boa.

Pesquisador da Cultura Nordestina
São muitos cordéis editados
Pós graduado em Gestão Pública

Bebé é muito requisitado.

Não é à toa que o IF
Resolveu lhe homenagear
Por muitos anos prestados
Sempre a nos honrar.

E pra finalizar
Meu povo querido
Bebé de Natércio
Será sempre Preferido.

Por todos que o conhecem
E sabe da dedicação
A todos que os seus alunos
Oh! Que grande satisfação!!

(Sobre a autora: Anne Cibelle Lins de Sales é estudante do IFPB, Campus Pedras de Fogo)

Contos

A TROIS

Naldinho era um arreganho só no chão mesmo. Afrouxaram o cinto dele num repente: tome abrir bermuda, folgar percatas, a zorba azul à mostra. A camisa pólo foi no bruto, rasgaram do cóis à gola. Daí pra frente uma das mulheres posicionou as mãos no peito do cliente e danou-lhe conhecimento:

VUCO! VUCO!

VUCO! VUCO!

No movimento de sobe e desce Naldinho mal se aguentava na pressão. A mulher logo que cansou as articulações cedeu espaço pra outra. Mesmo embalo:

VUCO! VUCO!

VUCO! VUCO!

Foi no último movimento que o homem abriu os olhos, tossindo na pressa de saber onde tava: o coração voltara a bater lá dentro. O povo que acompanhava a ocorrência aplaudiu as socorristas.

(Sobre o autor: Severino dos Santos Figueiredo é autor de Embucetismos (poemas, 2019) e Marginália (poemas, 2020)

A EXPLICAÇÃO DE TUDO

Dia 07/03/2025

Torço para que essa carta chegue às mãos de alguém.

Me chamo Fernando, meu pai era fascinado na possibilidade de alguém retroceder no tempo. Bem, acabei levando o seu sonho adiante, me tornei físico e um grande especialista na área de estudos do espaço-tempo. Tanto esforço possibilitou a criação de uma máquina que, após testes bem sucedidos, finalmente estava pronta, mas, foram longos 7 anos até o êxito.

Nesse período de construção, acabei me dedicando muito ao trabalho. Não contei com ajuda, prefiro estar sozinho e, por isso, possuo poucos amigos, assim é desde minha adolescência. Sempre conseguia recursos graças à herança que obtive com a morte de meu pai. Ele morreu de infarto quando eu tinha 14 anos. Sou filho único e nunca tive uma boa relação com minha mãe, brigas e discussões nos levaram a parar de nos falar.

Possuí problemas, foram muitos e muitos esboços, várias tentativas e vários testes fracassados, no entanto, nunca desisti deste plano. O período passou e finalmente eu havia conseguido.

Logo programei a máquina para me levar próximo ao Rio Nilo e de lá caminhei em direção às pirâmides. Meu objetivo era viajar pelas eras e descobrir como grandes construções foram produzidas com tão pouca tecnologia se comparadas com a nossa.

Ao chegar, me deparei com... Pessoas. Pessoas atuais estavam ajudando os egípcios, haviam retroescavadeiras e tratores ajudando nas edificações, como isso era possível? Olhei aquela cena abismado e, após tentar encontrar alguma explicação, eu pensei: será que descobriram e roubaram o meu projeto? Como? Alguém que trabalhava na empresa XGIT (a mesma que tinha a logo estampada na farda dos indivíduos) talvez tenha descoberto minhas anotações durante meu trabalho. Todavia eu nunca recebia visitas, além de que sempre criei esse projeto sozinho. Possivelmente fui espionado.

Me aproximei da construção e, ao chegar mais próximo, observei de cima de um dos blocos de pedra e acabei vendo Vitor, dono da empresa e ex-amigo do meu pai.

Ele já chegou a me chamar para trabalhar com ele, porém eu estava muito disposto a estar isolado com meus próprios pensamentos.

Ao chegar mais perto fui imprudente e acabei sendo pego por seguranças. Perguntei o porquê daquilo, Vitor me respondeu: “A humanidade precisa de um passado!”

Através de uma máquina semelhante à minha, no entanto maior, voltei para o período atual onde fui preso, me tiraram toda a tecnologia e me disponibilizaram apenas folhas e uma caneta. Se receber esse relato e falarem que sou esquizofrênico, por favor não acredite, ouvi-os dizendo que eu era louco. Não sou!

Espalhe essa história e denuncie a empresa, não sei quais os objetivos deles, mas eles têm algo muito poderoso em suas mãos. Não sei o que vai acontecer comigo, acredito que vão tramar algo para que eu fique nesse hospício para sempre. Espero que isso venha a ser lido por alguém.

(Sobre o autor: Gabriel Batista da Silva é estudante do IFPB, Campus Santa Rita)

A VIDA HUMANA, INVIOLÁVEL?

Um grito de dor ecoa ao longe, quando a faca afiada de Ian decepa-lhe a genitália. A mãe rogara do seu leito de morte para que fosse bom, não cometesse desatinos.

Fora Preso. Cumpria a sentença designada pelo Estado. Desde sua soltura, enfrentara toda espécie de rejeição dos moradores do lugar. Pichações nas paredes, cartazes no jardim. Aonde ia era apontado, escorraçado.

A mãe, desejosa de vê-lo reintegrado, apresentava-o aos grupos da igreja, procurando moças tão solitárias quanto ele, sem sucesso. Ian concluía, após um ano em liberdade, buscando conviver na sociedade, que crime maior era a omissão do perdão, não era matar ou atentar contra o pudor. Irresponsável, cometera deslizes. Expusera suas fraquezas.

Não tocara na moça. Há dias se encontravam, logo depois das aulas, Parque praticamente deserto, se abraçavam, se beijavam, carícias. Pedira para vê-la despida, enquanto com sua mão direita se satisfazia. Ela ficou olhando, em seguida se vestiu, saiu correndo e gritando, alertando todo o povo. O primeiro a chegar foi o zelador do Parque que o viu se vestindo, se limpando.

A guerra psicológica movida pela cidade levava sua mãe. Minara sua resistência. Após enterrá-la, Ian desesperado, atravessa a cidade, procurando os locais mais escuros, ermos... Vai resoluto, mas chora. Segue até o Parque e no balanço mais afastado, abaixo da árvore, o mesmo de 10 anos atrás, cumpre o ritual.

(Sobre a autora: Maria Lucirene façanha é amante das belezas da vida. Escreve por necessidade de extravasar dores e males)

CARA, COROA E MAGIA

— Chegou a hora, cada região é um número do dado. Ele é quem decidirá o destino.

— Correto. Como será a escolha de quem viajará, par ou ímpar?

— Par ou ímpar não.

— Cara ou coroa?

— Pode ser. Você tem uma moeda?

— Não. Como sempre, estou duro.

— Meu velho guarda uma moeda na gaveta do criado mudo, bem antiga. Vou buscar; se ele souber que eu a tirei da caixa, me mata.

Quando eu era criança, ele me contava histórias sobre essa moeda, algo como ser encantada, misteriosa, usada para tomar decisões... Ele tem mais ciúme dela do que de minha mãe. Volto já.

— Caramba, duzentos réis, 1918! Deve valer uma grana!

— Duvido que ele a venda. Então, cara ou coroa?

— Coroa. Jogue para cair no tapete, assim ela não se danifica.

Arremessada ao alto, na queda, a moeda resvalou no braço de uma poltrona e caiu sob a mesinha de centro da sala. Sandro se atirou ao chão para ver. Sorriu qual criança. Ao longo de doze meses, ele e Otávio realizaram diversos 'bicos' para juntar dinheiro. Cuidaram de cachorros, deram aula particular, distribuíram panfletos em semáforos... Todo o dinheiro foi depositado em uma caderneta de poupança. No décimo terceiro mês, coincidindo com as férias escolares, um deles seria sorteado para viajar, com a obrigação de gastar todo o valor acumulado.

— Agora o destino. Qual lugar você escolheria se pudesse, Otávio?

— Serra catarinense. Na época da neve. E Você?

— Tanto faz, eu quero é viajar.

Ao parar, a face de cima do dado mostrava cinco pontos negros: Nordeste

— Meu amigo, o que não falta no Nordeste é lugar legal para ir.

— Não conheço nada por lá. Qual cidade você recomenda?

Na manhã seguinte à chegada, Sandro integrava um grupo de turistas. Se era para 'torrar' dinheiro, uma empresa desse ramo serviria ao propósito. Diante da terceira igreja visitada, o guia explicava:

— Antiga lenda conta da existência de um túnel subterrâneo na Igreja de São Francisco; o túnel levaria até o porto de Cabedelo e serviria como rota de fuga...

Mais uma selfie sem sorriso de Sandro. Outra das exigências da viagem consistia em fotografar cada lugar visitado, com ele próprio e o local na foto. Em outra das paradas do passeio...

— Segundo especialistas é um Forte, porém, o nome popular ficou sendo Fortaleza de Santa Catarina. Cabedelo foi palco de muitas batalhas quando o Brasil ainda ‘engatinhava’.

O solo local foi banhado com sangue de várias nacionalidades: português, francês, holandês... Porém o mais presente é o sangue nativo, dos indígenas.

— Este monumento ‘tá’ meio derrubado – comentou Sandro ao guia.

— Verdade. Merecia mais atenção das autoridades. A história e a memória no Brasil não são prioridades...

— Qual será o próximo local a ser visitado? – Perguntou Sandro.

— Ilha da Restinga. Dê-me o celular para eu tirar uma foto sua aqui. Diga abacaxi. Próximo ao catamarã, o guia explicava:

— O deslocamento é bem rápido, dez minutos. A Ilha fica no rio Paraíba, cujas águas se misturam às do mar. Veremos manguezal e pequena amostra de Mata Atlântica. O lugar é um estuário, berço de várias espécies...

Sandro cochichou com uma jovem ao lado:

— Isso é uma aula? Jurava estar em férias...

A moça se afastou para ouvir sem ser atrapalhada. Já no interior da embarcação:

— Algumas curiosidades do folclore local têm a ver com nosso passeio, pelas características da Ilha. São duas figuras bem importantes: Pai do Mangue e Comadre Fulozinha.

— Lá vem mais aula – Sandro tornou a comentar. Uma senhora próxima a ele pôs o dedo indicador nos lábios, em sinal para ele se calar.

— Sobre o Pai do Mangue, costumam dizer tratar-se de um negro alto, protetor do ecossistema a lhe dar nome. Dizem ser puritano. Pescador que pra-queje ou diga palavrões, não pesca nada, no entanto, se oferecer fumo de rolo a ele, volta com o balaio repleto de peixes. Eu trouxe pequeninos pedaços de fumo de rolo. Vocês valorizam as tradições? Quem se sentir à vontade, por favor, pegue e ofereça jogando na água. Descrente, Sandro ignorou o ritual.

— A Comadre Fulozinha também é protetora, cuida das plantas e animais da floresta. Na Ilha da Restinga, como eu disse, encontraremos pequena porção de Mata Atlântica. Comadre Fulozinha costuma ser ‘gente boa’, todavia, quando alguém degrada as matas ou caça sem ser para saciar a fome...

Sandro não resistiu:

— Essa senhora deve ter sido uma das vítimas da Covid-19. Por onde ela anda? Não fez nada com os criminosos incendiários da Amazônia, do Cerrado, do Pantanal...

— Não seja desrespeitoso. Você está atrapalhando o trabalho de nosso guia – falou, impaciente, um senhor.

Agradecido, o guia prosseguiu:

— Como eu dizia, Comadre Fulozinha não perdoa ações contra a fauna ou a flora. Quando ocorrem, cedo ou tarde há consequências aos autores, castigos severos...

Sandro se afastou. Dirigiu-se à popa do catamarã. Pôs o fone de ouvido e passou a ouvir músicas no celular.

No deslocamento pelo Rio Paraíba, Sandro aumentou ainda mais o volume para nada ouvir. Já na Ilha, subgrupos se formaram para atividades distintas. Ele se juntou ao grupo rumo ao mangue. Pensou: “pescar requer silêncio, ou seja, nada de aulas”.

Chegaram à beira do mangue em local propício à pesca. O primeiro bagre não tardou a ser içado da água. Vieram o segundo, o terceiro, o quarto... Muitos. Não eram grandes, contudo, a quantidade garantiria o almoço ao grupo. Dos cinco à margem da água, apenas Sandro não obtivera êxito. Nenhum peixinho sequer.

Na caminhada de volta, o peso da carga exigia revezamento, dois por vez.

— Colegas, estou em crise asmática - Disse Sandro - preciso descansar. Para não atrasar a entrega do pescado, vão na frente. Chegarei em breve, não se preocupem.

A sós, Sandro deu vazão à frustração pelo seu insucesso da pescaria. Lembrou-se do Pai do Mangue.

Posicionou ambos os braços e as mãos abertas na direção do local em que estavam há pouco. Em seguida, cerrou os punhos, exceto dois dedos, os maiores de todos de cada mão.

— A você, Pai do Mangue! – Bradou.

Sem a mínima disposição de trabalhar no preparo do almoço, Sandro resolveu explorar a Ilha. Comentou em voz baixa:

— Não consigo gostar de mato. Coisa sem graça. Esta ilhota poderia ser mais bem explorada economicamente. Já pensou, Restinga Shopping? Atrairia muito mais turistas...

Sandro pegou um galho caído ao chão. Lembrou-se de uma brincadeira de seus verdes anos, quando duelava com outras crianças. Aplicou fortes golpes no tronco de uma árvore. De repente, ouviu sons estranhos. Apurou a atenção. Silêncio. Voltou à luta. Novos golpes potentes na “inimiga”. Ao fingir se esquivar de um contra-ataque, desequilibrou-se e bateu a testa no tronco. O sangue esguichou. Retirou a camiseta e a amarrou na cabeça. Achou melhor voltar à trilha. De novo, os sons. Apressou o passo. Tropeçou e caiu. Na queda, um pedaço de graveto penetrou em sua panturrilha. Dor! Adrenalina a mil, saiu em disparada carreira, apenas para tornar a cair.

— Onde estou? – Perguntou Sandro, assustado.

— Acalme-se. Estamos em um hospital de João Pessoa.

— Como vim parar aqui?

— Uma equipe da empresa de turismo o trouxe. O último deles saiu há pouco, depois de garantirmos não haver perigo à sua vida. Ele nos contou de sua demora em regressar para o almoço. Um pequeno grupo saiu a lhe procurar pela Ilha. O encontraram sem sentidos. E bem machucado.

Não souberam dizer a razão de seu estado. Você deu entrada há mais de doze horas. Precisarás de alguns dias de repouso. Foi submetido a uma pequena cirurgia para a retirada de um graveto em sua perna. Na testa, levou oito pontos em consequência de um corte. O mais estranho são as marcas em suas costas, parecem chicotadas. Não se lembra de nada mesmo?

— Só de sair correndo, depois, nada mais. Meu celular?

— Está aqui. Inteiro e com a bateria carregada.

Sandro contactou a mãe e o pai e lhes disse estar tudo bem. Já com Otávio...

— Onde você se meteu, seu cabeça de bagre?

— Houve um contratempo, Otávio, mas estou bem. Quero lhe pedir um favor.

— Diga.

— Nunca mais fale em bagres comigo.

Já no Rio de Janeiro, Sandro caminhava cabisbaixo ao encontro de Otávio, que o aguardava na área de desembarque do Aeroporto Santos Dumont. Depois de se abraçarem, o recém-chegado disse:

— Preciso lhe confessar algo, Otávio.

— Nunca fui padre e nem tenho tal pretensão.

— É sério. Trapaceei.

— Não entendi.

— A moeda de seu pai. Deu cara, eu a virei antes de você se abaixar para ver. O olhar de decepção de Otávio foi congelante.

— Qual a razão disso, cara?

— Você é rico, viaja quando quiser... Eu não. Mas me arrependi e quero me retratar.

— Não há como “desviajar”, Sandro...

— Não gastei quase nada. Nem no hospital. Plano de saúde é para essas coisas... Quero devolver o dinheiro, na verdade é seu. Pago o restante em breve.

— Pagará com toda a certeza! Mesmo já tendo recebido merecida punição. Vamos ali tomar um café. O que lhe aconteceu tem tudo a ver com o que meu pai me revelou. Ele se chateou por eu ter mexido na tal moeda. Contou-me como ela veio parar nas mãos dele. O ex-dono fez igual a você, trapaceou em uma disputa de cara ou coroa e se deu muito mal. Internado em hospital quase um ano, por muito pouco não teve uma das pernas amputadas. Arrependido e para se redimir, deu a moeda a meu pai. Talvez ela seja mesmo encantada...

— ... Ou amaldiçoada. Depois do que aconteceu comigo, não duvido de mais nada. Nem da existência da Comadre Fulozinha ou do Pai do Mangue.

— Como é, Sandro?

— Nada não, deixa quieto. Veja no seu celular, enviei o comprovante de transferência da grana. Podemos tomar cerveja ao invés de café?

— Eu prefiro café, vou dirigir. Você paga a conta.

— Pago, mas já vai abater da minha dívida. E só um espresso, nada de cafés chiques, estou duro como sempre.

— Abate só o valor do meu café.

Os dois amigos se sentaram e Sandro passou a relatar o que viu em João Pessoa...

(Sobre o autor: Evandro Valentim de Melo é escritor de microcontos, crônicas, contos e livro premiados. Idealizador do Concurso Literário Beleza e Simplicidade em Contos e Crônicas (2020 e 2019); coorganizador do Concurso Literário Sustentabilidade do Cerrado Brasileiro (2016)

O BAR

Eu tive uma infância incomum, uma infância de portas trancadas e isolamento. Minha mãe, muito mais velha que as outras mães do bairro, era mais desconfiada. Para ela, não havia bons vizinhos ou pais amigos, nem mesmo um tio ou uma tia que não merecesse um pé atrás. Ainda me lembro bem de quando andávamos na rua, ela sempre me levava pelo pulso e quando alguém se aproximava, ela apertava mais forte.

Quando criança, eu jamais compreendi o porquê daqueles cuidados, lembro-me nitidamente de cada um deles: segurar sempre o pulso, como algemas maternas que me impediam de correr ou ser puxada; da casa para a escola e da escola para casa, sem desvios ou amiguinhas, nunca desacompanhada, e a lista seguia quase interminável, loucuras e exageros paranoicos que, para mim, não faziam sentido algum.

Até que eu fiz seis anos e fui para o primeiro ano do fundamental. Ainda era criança, mas eu me sentia uma mocinha, andava saltitando pela casa com os meus lacinhos (as presilhas de ursinho não me cabiam mais, eu era uma mocinha, afinal), dizia a todos que não era mais a Mariazinha.

- Só Maria, mãe, por favor. – Dizia à mesa balançando as perninhas, tinha encasquetado com a ideia de que mocinhas diziam muito “por favor” e “obrigada”, logo não havia um momento em que eu não tentava demonstrar que eu já era uma recorrendo à etiqueta.

Minha mãe era uma mulher ocupada, então raramente escutava o que eu dizia, a menos que eu estivesse xingando, neste caso os ouvidos dela eram apuradíssimos. O máximo que fez foi resmungar e empurrar-me um prato, eram assim os diálogos em casa: davam-me corda e deixavam-me falar à vontade. Falava sozinha e, quando cansava, desatava a fazer perguntas, meu pai respondia as que podia e minha mãe ou as ignorava, ou me pedia para, pelo amor de Deus, calar a boca. Quando eu cansei de conversar com meu prato eu decidi verbalizar algo que me incomodava há tempos.

- Mãe.

- O quê? – Encarava-me impaciente, como de costume.

- Por que a gente atravessa a rua quando vai para a escola? Não é só subir a rua?

- Certa vez um colega de sala fez-me essa mesma pergunta e desde então ela não saía da minha cabeça infantil, ficava ecoando sempre que estava ociosa.

- Porque sim, Maria.

- Porque sim não é resposta. – Repliquei com teimosia e vi minha mãe suspirar cansada, olhei esperançosa para meu pai, que continuou focado em seu prato. Decidi insistir. – Por quê?

- E você quer passar na frente do bar, Maria?

- E o que tem passar na frente do bar? Papai passa todo dia.

- O papai é homem, Maria. – Olivia, minha irmã de dezesseis anos deu ênfase ao meu nome, em tom provocativo. M- Mas...

- Chega, Maria! – Minha mãe gritou, como sempre fazia.

Obedeci, recordo-me de ter chorado depois do jantar, mesmo que “mocinhas” não chorassem, é engraçado que mesmo depois que você cresce as coisas continuam a doer.

Apesar de ninguém ter respondido a minha pergunta eu descobri o porquê e esse dia ficou cravado em mim, como tantos outros que sou incapaz de esquecer.

Dia dez de outubro de 2009, em meu bairro, aconteceria um evento para o dia das crianças e por alguma razão minha mãe me deixou ir, eu estava radiante, nem mesmo consegui dormir na noite anterior, se eu era tagarela antes, então eu estava insuportável. No dia e na hora marcada minha mãe não pode me levar, e minha irmã mais velha insistiu em me acompanhar.

Lembro-me de ouvi-las discutindo, minha mãe não queria que eu fosse e minha irmã insistia que seria bom; eu faria amigos, me divertiria, aprenderia alguma coisa. Olivia não desistiu até minha mãe aceitar. E assim foi, nós nos arrumamos e ela me passou um gloss de cereja nos lábios.

- Toma, coloca na sua bolsinha. – Olivia entregou-me o pequeno frasco.

- É meu? – Meus olhos cintilavam em esperança quando ela sorriu.

- Mas é claro que é, toda mocinha tem que ter um. – Eu era pura felicidade e Olivia parecia satisfeita com isso.

- Obrigada, Olivia.

- De nada, Maria. – Eu gostava da ênfase que ela dava ao meu nome desde que eu abandonei os apelidos infantis.

Das lembranças da minha infância que permaneceram na minha memória, todas eu consigo lembrar com certa nitidez. Eu me lembro muito bem de Olivia ter segurado a minha mão e não meu pulso, dela sorrindo para mim, contudo os momentos seguintes são confusos, como se repentinamente estivessem acontecendo embaixo da água.

O dia dez de outubro caiu numa sexta-feira e uma das firmas do bairro liberou os funcionários mais cedo por algum motivo e o bar estava cheio, não sei ao certo se Olivia demorou a atravessar a rua ou se isso não faria diferença. Também não sei o que jogaram em nós duas, lembro-me que era molhado, fedia e que Olivia apertou a minha mão exatamente como minha mãe fazia.

As vozes dos homens do bar ainda ecoam difusas dentro da minha mente, uma sobre a outra, e eu jamais pude desvendar o que eles disseram. Apenas fiquei com os sons confusos e assustadores na memória e a visão de um homem aproximando-se e fazendo gestos, enquanto os outros homens do bar apenas observavam a cena. Por mais que eu tente, eu jamais consegui extrair as palavras exatas, os fonemas embaralham-se e o homem bêbado em frente ao bar até hoje me causa ânsia.

Eu sinto que tivemos sorte, pois coube a Olivia colocar-me no colo e correr para o outro lado da rua, eu creio que o homem teria vindo atrás de nós se um vizinho não tivesse interferido. Esse momento é como a parte queimada de um filme antigo, é apenas uma memória confusa que pode não ter passado de um delírio infantil, eu acreditaria nisso se Olivia ainda não atravessasse a rua ao aproximar-se de um bar.

Apesar de suja e assustada, Olivia não desistiu, fomos ao evento e uma senhora conhecida da família nos deixou tomar banho em sua casa. Quando o susto passou, eu consegui me divertir.

Mas Olivia não. Nós voltamos com o nosso pai, e não comentaram sobre o ocorrido e ninguém me fez pergunta alguma, mas uma semana depois nós nos mudamos para uma casa que não tinha um bar do lado. Por um tempo, eu não conseguia dormir, esse dia voltava-me à mente e eu finalmente entendi por que minha mãe tinha tanto medo.

Ela tinha medo porque tinha um bar ao lado da minha antiga casa, ela ainda tem medo porque eu e Olivia ainda somos mulheres e, desde esse dia, eu também tenho medo.

(Sobre a autora: Vitória Rafaela Pereira da Silva é uma escritora assídua, que expressa por meio das palavras realidades cruas e cotidianas ou extraordinárias. Estudante do IFPB, apaixonada pela literatura desde a infância.

O REFLEXO DA MACHEZA LUZINDO A FIGURA TODA DE VERDADE DO CABRA MACHO

[Diagramacho: chapéu cobra coral de macho, bota de couro curtido ao cromo de macho, fivela boiadeira estampando coice de cavalo em ferradura argêntea de macho, camisa entreaberta machealizando o peitoral estufado rarefeito de macho. Uau, quê machão!].

Tremia sua reflexão representativa no copo diáfano, filetado, de vidro comestível [destilados cacos açucarados], circunspecto: o líquido: dois dedos de pinga completados pelo vazio [relativos aos orbitales rotacionais sob ele].

Composto, defletido na garrafa de mesmo solavanco trêmulo, quase no fim de macheza-sua-imagem em propagação perpétua, de idêntico reinício, se matizava pelas fissuras da face crestada, rubicundas, nas lentes dos olhos perdidos em erosões planetárias: solitária, na película da lágrima esgotada: protruções, nas descidas da maré morta d'aguardentes: raso, o dual planeta espelhado no analema zarolho marejado de vermelhidões, contemplações, reencontrões: o bêbado deveria aceitar a completa abstinência, carência, ausência.

Inaceitável, no ego ressaca de si mesmo, tombavam suas escolhas: perdia ofício de peão por farrear [o era graça por sê-lo desgraça: a recíproca de suas mazelas ganhava rodeio: pelo completo rodopio de lombo, renegando-se a si: esborrachava-se-] a aguardentro. O certo seria ficar sóbrilho, ter ofício peonístico e ponto...

.. Escorregadio... Queria ser o melhor, intenso, macho homem existente [reincidente]... Fora-o, sem relativismo, completo em gentilezas, sem [re]buscar [des]vantagens... De início, em vez de montar no equino, esse o montaria, sem pornografismo... O alazão cobrindo-o buscaria o sem coicismo... Agredir com os cascos, denota ser propriedade definidora do animalismo inquestionável... Paradoxismo:

:Dia-cho: munido de seu matungo galopava pras bandas da procura de Ôreia: o berrante entoava o acaso: OOoOoOoo: na pureza do vogar poderiam abraçar qualquer coiso: depararam ao reencontro com duas conhecidas senhoras cambaleantes de sítios vizinhos: uma troopicva n'outra, ofereceram, comovidos [pessoas não podem re-bater-se: recorta: o coração], garupa a elas [cada um ficaria estabelecido em dado ponto cardeal, propiciado pela interpata: tem lugar pra todo mundo, se mundo todo: quadrúpede]. Vetustas: denotavam a inata sapiência mundana:

declinaram ao convite: eu não me reconheço em tal homem, nem em tal pocotó reconhecidamente omeh! Redargui uma proutra continuando os tropeços].

:Dia-bo: o cavalo baixara as orelhas, o homem murchara as zooreia, cabis-baixos, tergiversos, continuaram desrumando à zum-Zumbido, deixando as anti-guíssimas: personificação-antropofágica para trás [dentro da nuvem poeira é indistinguível o pueril, o capim pro bucho animalesco e a fome da sede homúnculo].

:Dia-grama: a tentativa da benevolência tem preço: desconfiança: espera-se maldade na bondade: é próprio do bichomem assassinar de reflexo o primeiro pernilongo chupador de sangue, a formiga ferrão do ferro sanguíneo e deixar-se picar pelo zangão genocida.

-Premissa: o copo aguardado o tirava da frustração, provinho a alegria de ser agoniadamente guerra-marulho-estrondo do soluço do refluxo da bebida indigesta: seu corpo não suportava: seu cere-belo adorava: sua moenda dos lagos dos desejos revoltava. Tinha planície de engelho de parar e révoa corcovada de ladeira abaixo de retomar.

-Remissa: despeasse, desarreasse, barbarizasse [sombrios tacariam o terror: alusões: de patas ricocheteantes no atrito esmeril, estrondoso de faíscas flamantes, os fragmentos rubros adentravam o curvilíneo princípio de Oreia: num show pirotécnico do furto futurístico: saqueariam qualquer um], se um fosse preciso.

-Posmissa: empinando dianteira revira as duas senhoritas, relembrou todo sensível da desfeita delas: pagariam todo o mal da recusa do bem! O machão apertara as esporas, desfincara o galope maléfico: surrupiaria a marca delas, a ferro e fogo, prele: o tropeço. No instante roubo, o emotivo recordar relâmpago estava mais presente que o atônito momento olvido. Ele não conseguiu tomar a característica mais marcante das senhoras: a [in]trepidez, porém veio por livre e espontâneo titubeio: ma/chão.

/ Vicissitude: a cercania tinha bar e penhor: um para todo um mundo fazer cera, noutra pra desfazer do/lente. Ainda proprietário do seu eu cava/caba/lístico [a garantia assumida no desarreio], de supetão seu único bem virou estalados das garrafas refletidoras do seu ser mais nutante: o bão covarde [próprio de todo alco'latra]. Embebedara-se pela imensa necessidade de ser bom, por toda a repulsa em sê-lo. Afogara-se de ////.

Rodara na ruindade do mundo de sateloides, redemoinhos, verossimilhanças da toxidez, gravidez, do canavial retorcido, parido. Ingerira todo seu animal / ainda ficou devendo.

Sem nenhuma criptomoeda mais, fora expulso do botequim. Procumbira deitando rapaduras. Disléxico, encontrara o cerne alcoólico, nele lembrara começo, nela: recomeço, torcera todos os corpos canas tentando suicidar sua insaciabilidade. Por acolá continuara salivando mais uma impossibilidade: não se satisfez.

De porre debulhava a plangência mais alcoólica de todas as garrafas lacrimais. Luzia, reluzia, sua pequenina imagem compartilhada nas gotículas desfiladeiros, abismais. Precisava chorar demasiada bondade para pagar toda maldade. O m.a.c.h.ã.o estava sendo d e b u l h a d o. Impre-cando, devolvia à terra toda a água embriagada de cerúleo, com um teco de carne carcomida e um desgastado ósseo de tira-gosto. Ruminando, a de levantar-se.

[Sobre ele perdurará para sempre: a dor de cabeça de enfrentar mais uma noite só.brio

(Sobre o autor: Leandro Rodrigues dos Santos é um escritor natural de Areia/PB)

PROMESSA DE JANGADEIRA

Minha mãe e meu pai fizeram amor pela primeira vez em cima duma jangada, eles diziam que eu fui concebida na linha do horizonte. Acho que é por isso que me sinto tão bem dentro d'água, como estou agora. Daqui, vejo a torre da igreja de São Pedro, resistindo, sem um pingo de medo da imponência dos arranha-céus que tomaram conta da praia. Podem construir prédio pra rico do jeito que for, mas a igreja segue de pé, acolhendo os pescadores do Mucuripe nas épocas de dúvidas e perigo no mar, e dando testemunho de um tempo bom, de quando o lugar nos pertencia.

Estive lá, agora há pouco, junto a pessoas de quem gosto muito; continua linda. Lembro dela enfeitada na festa de 29 de junho. Vinha pescador de todo canto pedir a benção do nosso padroeiro. Eu era uma meninota e assistia às missas no colo de meu pai; foi com ele que aprendi as rezas. Com minha mãe aprendi a respeitar todo mundo.

Morava na vizinhança, na mesma rua da nossa casa, Josias, um menino muito tímido. Um dia o encontrei na igreja de São Pedro sozinho, choroso. Perguntei o que tinha acontecido e ele me disse que meus irmãos e os meninos da redondeza caçoavam dele.

Eu falei pra mamãe, que chamou meus irmãos e os ensinou, debaixo de peia, a tratar Josias direito: “É filho de meu compadre, apanharam pra aprenderem a nunca mais desrespeitarem ele, nem ninguém”.

Meus irmãos não mais ousaram mexer com Josias. Os outros moleques, aos poucos, também o deixaram em paz, talvez porque viram que ele havia aprendido a arte de pescar. Josias começou a ir pra o mar mais cedo do que os de sua idade para escapar do assédio e das brincadeiras de mal gosto. A essa altura já éramos grandes amigos. Saía com o pai de madrugada e voltava no fim da tarde. Depois passou a dormir na jangada, em pescarias mais longas.

Exposto a ventos fortes, chuvas e sol inclemente, Josias ficou com aspecto mais rude e masculino e, em pouco tempo, ganhou o respeito de todos. Eu tinha muita vontade de sair pra pescar, mas meu pai não deixava. “Jangada não é lugar de mulher, vá fazer renda, que é o serviço certo pra você”. Na época, no Mucuripe, toda menina aprendia o ofício de rendeira. Eu não achava ruim, mas meu coração estava no mar.

Josias vivia essas aventuras por mim e contava as presepadas dos homens na lida, três, quatro dias sem ver terra. Trazia cavala e pargo, expunha os peixes na praia, como troféus, olhava para mim e sorria, orgulhoso.

Em nossas conversas, dizia que não tinha medo das traições do mar, temia as emboscadas da terra.

Uma vez, ele saiu à noite e voltou com o rosto machucado. Não quis me dar detalhes, mas sei que apanhou por onde esteve. Numa noite de embriaguez, contou-me que não se sentia como os outros jangadeiros, nem mesmo se sentia como Josias, na sua cabeça era Josiane, mas não tinha coragem de viver da forma como se percebia. Tive muita pena e passei a chamá-la pelo nome feminino quando estávamos a sós. Só depois dos 40 teve coragem de se assumir pra o mundo inteiro.

Meus filhos sabiam que Josias era meu melhor amigo e acolheram Josiane de braços abertos. Coitada, juntou dinheiro pra colocar peito e, no fim, deu no que deu. Foi a ela que pedi que não me deixassem na terra, quando eu soube do pior. Ela me disse: “não se preocupe, minha amiga, na terra você não fica, promessa de jangadeira”. Minha família não tinha condições de atender meu desejo, mas Josiane usou o dinheiro dos peitos e pagou minha cremação.

(Sobre o autor: José Cupertino de Freitas Júnior é autor dos romances Judas no paiol e Cidade Santa, tem contos publicados em várias antologias. Primeiro lugar no III Concurso Cuéntame un cuento, premiado como coautor na primeira edição do Prêmio literário 200 anos da Independência e autor na segunda)

FANHO

Na praça, o brilho debochado do sol incomodando os olhos funcionava como bodoque na volta para casa. Tinha mais gosto quando estendia o corpo na velha cama. Não diria mais gosto, mas bem menos cobrança. Janela fechada, imerso na escuridão. Aboiando. Fitando o telhado sem nada querer enxergar. Arriado.

Fazia tempo que o quarto transpirava desmazelo. As dezenas de caixas, empilhadas nas prateleiras, acumulavam sucessivas camadas de poeira. Meses e meses de desleixo. Anos. Januário ficava ali. Naquela prostração em que só a cachola não parava. Uma mastigação descabida de agruras, de ambições frustradas. E de amores. Aquela extrema carência de ânimo dava inquietação. E, povoando tamanha desventura, a imagem de Veridiana.

Naqueles últimos tempos, nem as lembranças daquele engenheiro desgranhento incitavam sua raiva. Nada de fúria. Ninguém poderia carregar a culpa por ele ter sido tão desarmado. Parvo. Também não queria pensar nisso. Foi bom enquanto durou.

A vida lhe cobrou silêncio. Viveu assim, quase mudo. Parecia mais fácil. Não queria mais ouvir conversa. Conversa sempre exigia resposta, e, para ele, responder era custoso.

Não sabia que desvario era aquele de ficar num puxamento do passado, desfiando alusões, amargando os minutos. Não queria mais ter aflição no peito. Tinha a cabeça cansada, corpo cansado. Cansado de ser velho. Não sentia falta dos projetos, das obras, das ferramentas. Não desejava nada. Inerte. Queria não pensar.

Obstinado por futebol, nem mesmo a proximidade da Copa o animava. Tudo estava diferente. Nem carregava mais o rádio de pilha. O time do Santos já não encantava, Pelé não importava mais.

E existiu Veridiana. Por muito tempo, a razão primeira de despertar. A galguinha dos olhos gateados que morava na casa mais próxima. Raiava como o sol. Era lindo observá-la estendendo roupa no varal. As linhas perfeitas dos braços, a cintura bem marcada com o amarrio do avental, os cabelos alourados, a delicadeza dos movimentos. Era um bailado. Em sua consciência, ninguém acreditaria que Januário alimentava qualquer esperança.

Mas, sim, alimentava. Somente ele sentira os olhares penetrantes, o falar sem palavra. Chamado infinito. E foram inúmeras as vezes.

Na feira de filhos, Januário era o oitavo. Depois dele, só Marineide. Mo-
leque esperto como os demais, mas veio com defeito na língua. Apesar de todo
o empenho que mostrava para articular as palavras, elas saíam estranhas, quase
indecifráveis. E o som era anasalado. O pai dizia que era língua presa, e, para de-
finir na máxima simplicidade da ciência, Januário era fanho. Totalmente fanho.

Quem olhasse a casa da família notava que, apesar do ofício de pedrei-
ro dos moradores, nenhum planejamento fora usado. De início, uma casa co-
mum, pequena. Era normal, num único quarto, abrigar todos os filhos. Mas, com
o passar dos anos, as idades exigiam certos pudores, certos segredos. E, então,
começou o espichamento. Terreno adentro, a fileira de quartos, num total de
quatro, com portas voltadas para um grande corredor, lembrava um alojamento.
Januário ocupava o último, pareado com o banheiro.

E ficou ali, mesmo depois que todos tomaram novos rumos. Todos, não.
Marineide não escolheu outra estrada. Ou não teve chance. Continuava ali, com
ele. E preferiu ficar no quarto dos pais, quando eles morreram. Depois, com a
velhice assentada, poupando trabalho, ela trancava todos os outros cômodos
que não eram usados. Todos em ordem, mas trancados.

Naquele casarão, sobraram os dois idosos, Januário e Marineide. Passa-
vam apuros. Com a carestia, o pouco dinheiro juntado acabou. Não fosse a ajuda
do vereador Chico Lopes, difícil imaginar o que poderia ter acontecido.

A ajuda veio num tempo de eleição. Um dia, o carro do vereador parou
na frente da casa. Chico Lopes levou a carteira de trabalho de Januário, esfola-
da, sem qualquer registro, e acompanhou Marineide até o escritório do Doutor
Adauto. Providenciou um monte de documentos e, pouco tempo depois, cada
um dos dois irmãos recebia um salário mínimo de aposentadoria. Foi uma ale-
gria só. Marineide, pela primeira vez, recebia pagamento. E tudo começou a ficar
enfeitado. Os cabelos, o pescoço, as orelhas... O jardim continuava cuidado, mas
as flores de plástico encheram a casa.

Na época de escola, a condição de fanho não atrapalhou Januário. Tu-
multuou, mas não foi empecilho. Aluno brilhante. Terminado o primário, inte-
grou a equipe do pai. Mais um filho no ofício de pedreiro. Devido ao talento para
trabalhar com números, começou cuidando do estaqueamento. Projetos novos
não havia. As obras seguiam padrão único. Casas com dois ou três quartos, co-
mércio com salão simples. Mas, se o dono da obra exigisse qualquer melhora-
mento na planta, cabia a Januário o cuidado do desenho e das medições. E não
parou por aí.

Detalhista com amarração dos telhados, madeiramento com entalhes, passou a ser o mestre marceneiro. E passava os dias perdido entre esquadro, formão, grosa, trena, plaina, malho, régua, serrote... E prumo, no trabalho e no juízo. Nada de assentar tijolo, erguer parede. Com ele ficava o zelo pela perfeição. Era o mestre Fanho. Se pudesse, teria escolhido ser mestre Januário. Mas não teve chance, escolheram por ele.

Quando o pai resolveu separar parte do pagamento para o ainda pequeno Januário, brotou nele uma paixão por loteria. Gostava do desafio da aposta. E, criteriosamente, reservava o dinheiro para tentar a sorte. Nem tanto pela ânsia de lucrar, mas pelo prazer de desafiar a sorte ou o palpite. Tornou-se freguês assíduo da banca do Seu Nicolau. Vivia correndo os olhos pelas tiras de loteria federal, dependuradas por toda parte. Procurava os números. Por ali, não havia jogo do bicho. Se houvesse, também não apostaria. Gostava das coisas certas, do papel impresso, da chancela do governo....

- Januário, a comida tá pronta!

Era Marineide e sua convocatória diária. A voz já fora mais estridente. Arrefeceu um pouco, mas ainda aperreava. Em Januário, provocava suspiros profundos de amolação. Estava enjoado de tudo. Não tolerava mais....

Por iniciativa, começou a anotar os resultados dos sorteios da loteria, do primeiro ao quinto prêmio. Anotava os números e a data. Aos poucos, manualmente, foi montando uma estatística dos números que se repetiam em sorteios diferentes, levando-se em conta centena, dezena e unidade. Era a distração das noites. Virou mania.

Jogava com parcimônia, jamais comprou bilhete fechado.

Não. Apostava em frações diversas, observando a numeração das premiações mais repetidas num determinado período que ele mesmo balizava. E nada de prêmio grande. Apenas valores menores ou mesmo a troca por outro bilhete. Mas isso não importava. Gostava da aposta, do desafio. Tentar acertar era o atijamento. Nada de loteria esportiva. Amava futebol, mas separava as coisas. Não interessava apostar em palpites sem lógica.

Um dia, Seu Nicolau mostrou a Januário um manual que havia chegado para ser vendido na banca. Trazia o título: “Como ganhar na Loteria Federal”. Foi amor à primeira vista. Aquela noite foi curta para leitura e anotação de todas as dicas. E, dali, surgiram muitas alterações nos palpites e nos balizamentos das apostas.

As frações não premiadas, o que ocorria com a maioria das apostas, Januário não conseguia descartar.

Seguindo rigorosa ordem numérica, levando-se em conta os três algarismos finais, os bilhetes eram guardados em caixas, juntamente com os cadernos de anotação. Foram muitos. E as caixas, sempre numeradas, cuidadosamente colocadas em ordem nas prateleiras. Tudo seguia ordem, tudo matemático, controlado. E Januário achava que a vida era assim, lógica. E, para ele, foi. Foi?!

A vida seguia. Serviço não faltava, trabalhava o ano inteiro. A arte de mestre Fanho só fez crescer. E, já homem maduro, com a morte do pai e a saída de outros irmãos, a equipe de trabalho foi renovada.

Num determinado momento, a prefeitura foi alertada sobre um tal de código de posturas. Alguma coisa não estava sendo observada nas construções. Então, um engenheiro da capital ficaria um tempo por ali, acompanhando as obras. E chegou Doutor Peçanha.

Tipo diferente de gente. Usualmente, trajava calça social, camisa de mangas compridas milimetricamente dobradas até nas proximidades dos cotovelos. Cinto estreito de couro, sempre a combinar com os sapatos. E o inseparável chapéu panamá, puxado mais à frente, carimbava a figura. Aparentemente, trazia um ar de soberba. Com o tempo, a impressão primeira foi afrouxada. Um pouco. Era educado no falar, no tratar, mas marcava território.

Doutor Peçanha apreciava o trabalho de Januário. Era observador contumaz, e isso incomodava. Não economizava elogios. De maneira discreta, deixava claro que Fanho era dos melhores mestres com quem tinha convivido. Januário nem se importava.

Quando muito, fazia um gesto com a cabeça, arqueava a sobrancelha ou sorria com um canto da boca. Sabia que era bom no que fazia. Não por ouvir falar, mas por sentimento. Vivia por aquilo. A necessidade de superação, em cada dia, fizera dele seu próprio crivo. E foi capaz.

Pelas prosas alongadas com os ajudantes, Doutor Peçanha inteirou-se do modo de vida de Januário. Descobriu a paixão pela loteria e as engenhosas estatísticas das apostas. E, destilando comentários sarcásticos, amolava Januário. As brincadeiras iam ao limite da paciência. Januário sentia vontade de gritar, de esbofetear o engenheiro. E a contrariedade maior veio quando Doutor Peçanha o chamou de simplório por acreditar em manual para acertar na loteria. Ria alto e dizia que somente um idiota acreditaria num engodo daquele. E afirmou que se o criador do manual tivesse o poder de acertar as apostas, não ensinaria a ninguém, seria vencedor em todos os sorteios.

Januário ouvia palavra por palavra, engolia a zanga, cerrava os punhos para controlar a ira, queria exigir respeito. Mas que nada. Se tentasse falar, seria mais um motivo para caçoada. Na vida, sempre havia sido assim. Silenciar era a escolha certa. Não sabia se era a certa, mas era a menos sofrida.

E esse comedimento sem trégua, aos poucos, dilacerou sonhos. Na verdade, nem sabia se eles existiam...

- Januário, Januário, num vou chamar mais! A comida tá pronta! Vou descansar as pernas...

Pronto. Depois que Marineide dizia que ia descansar as pernas, podia esquecer. Dormia até que escurecesse. E era um sono profundo. Envelheceu muito, e de maneira repentina. A disposição era pouca. A limpeza da casa, nos últimos tempos, andava precária. Pouco enxergava. Era comum colocar o açúcar no café sem se aperceber das formigas que cobriam o pote. Nem as novelas de rádio a encantavam mais. Estava velha. Velha e só. Tal qual Januário, não formou família.

Veridiana, aquela da casa ao lado, não aparecia no terreiro fazia tempo. Januário estranhou. Depois de uma semana, bastante aflito, perguntou para a mãe o que era feito da galeguinha. A mãe rodeou, desconversou, mas, diante da teima do filho, revelou que Veridiana havia sido levada para outra cidade em busca de socorro. Sangrava em descontrole, sem explicação.

Naquele dia e nos seguintes, Januário perdeu a paz. Não aprumava juízo em nada, não dormia. Nem gostava de olhar o quintal da casa de Veridiana. E logo a notícia chegou. A galeguinha havia deixado de rair, a vida foi levada pelo sangue. Ele viu o tumulto diante da casa, ouviu o choro gritado da mãe da moça. A multidão tomava a rua. Não quis ver o corpo. Sabia que lá não estaria a formosura que guardava na lembrança. Não veria o brilho dos olhos gateados, a luz dourada dos cabelos, o tom roseado da pele, o sorriso tímido e brejeiro daqueles lábios. Guardava as imagens, precisava daquela lembrança.

E depois de tudo que ouvira daquele engenheiro miserável, Januário tornou-se ainda mais desesperançado. Aos poucos, desencantou-se das anotações, dos palpites. Quando percebeu, cético, já não mais apostava...

A noite se aproximava. No quarto, a pouca claridade que vazava do telhado e das frestas era quase nada. E aquela aflição no peito queimava. Tirava o sossego. Depois da noite, viria o dia, depois outra noite e outro dia... Ali, naquela angústia. No sol da praça, na conversa evitada, na cama, na solidão, no remoer, a voz de Marineide, o comer, o dormir. Não. Não queria mais.

Levantou-se. Com os dedos penteou os ralos fios de cabelo, ajeitou a calça na cintura, meteu os pés nos velhos sapatos, próximos da cama, abriu a porta do quarto. Olhou para os lados. Nada. Ninguém. Esfregou as mãos no peito como se quisesse alisar a camisa, puxou a porta e pôs-se a caminhar rumo ao portão. E continuou, sem parar...

...

- Januário, você num toma jeito! Num almoçou, num guardou a comida...
Ara!!!

(Sobre a autora: Regina Ruth Rincon Caires é natural de Auriflâma/SP. É formada em Letras e Direito. Não possui livros publicados)

DE FORMA BANAL

Privado em minha casa observo as gotas de chuva escorrendo pela janela, do lado de fora dá para se ouvir as doces sinfonias da água caindo e escorrendo da calha para o chão; a razoável neblina ocultava as árvores não tão distantes de minha porta. Toda a casa estava trancada por fora e assustadoramente fria por dentro, eu podia escutar choros abafados vindo das paredes, procurei por horas para saber de onde exatamente vinham e de quem eram aqueles gemidos.

O cheiro de terra molhada aumentava e o frio me envolvia cada vez mais e mais, não importava quantos agasalhos eu usasse, nada acabava com aquele frio. De alguma forma, uma sensação de claustrofobia me deixava desconfortável e parecia que as paredes estavam se aproximando deixando o espaço mais apertado. A minha cama tinha uma aparência confortável, mas na verdade era dura, parecia que havia farpas espetando minhas costas.

A chuva misturou-se com a neblina e criou um emaranhado de fantasmas que embaçavam minha janela.

No vidro estava escrito: “Não mais, nunca mais”.

No mesmo vidro o meu reflexo estava pálido, não me admirava, pois por dentro de meu corpo o sangue congelava nas veias, mas o que assolava o meu ser era que os meus olhos estavam vazios e inexpressivos. Lembrei-me de uma página amarela onde estavam escritas as dúvidas e os maiores receios sobre o pôr do sol, algo a ver com a tal verdade e sobre um rebanho, não de animais, mas sim de humanos.

Quanto mais o tempo passava, mais o chão ficava úmido, o ambiente frio e minha alma angustiada. Ouvi batidas de relógio e observei que era a décima terceira badalada, depois disso eram apenas batidas.

Na madeira.

O chão rangia.

As cigarras choravam

O teto sedia.

À medida que a batida dos pregos seguia o ritmo do meu coração, a claustrofobia me deixava ofegante e tonto, a minha vista parecia escurecer mesmo com os olhos abertos, quando a paisagem ao meu redor se apagou a única coisa que pude escutar era os choros acima de mim e a terra cobrindo meu caixão.

(Sobre o autor: Zefirino André Silva Macedo Neto. Escritor paraibano oriundo da cidade de Nova Palmeira. Bacharel em Farmácia, ele dedica sua vida entre a área da saúde e a escrita de contos/poemas de terror e mistério)

O QUE NARA VIU

Nara acordou sem saber. Sobre o dia que para ela era hoje. Sobre o que a teria feito despertar do único sonho pós-noite. Mal dormida, aliás. Nara nada sabia para além da extensão do alcance de seu corpo. Sentou e apreendeu a cama. Alta para as suas pernas. Grande para ser só sua. A janela semiaberta pediu para ser ampla. Nara apreendeu o fora: parede revestida de cimento largado, áspero. Cimento tingido de branco, tingido de lodo. Estava claro forte, mas não apreendeu o sol. Um muro alto demais para esse conhecimento ilustre. Ouviu um som que se fosse objeto seria faca. Arrancou-lhe cama, pernas, janela, clareza, muro.

Então, como quem lê parágrafos inteiros, como quem vira páginas de um livro apenas com as palavras e as frases na cabeça e nada mais, nenhum sentido, nenhum aprendizado, Nara alcançou o chão (e ficou sem saber sobre o peso de suas carnes), cruzou a soleira que abriga a porta do cômodo (e ignorou a sabedoria adquirida na passagem), seguiu o som cortante e não soube a razão de segui-lo. Sentiu estar vindo de seu lado esquerdo (mesmo sem entender o que era sentido ou direção), virou, atravessou mais uma soleira (Nara perdeu mais uma soleira...), adentrou outro cômodo (saberia o que é dentro e fora?), e viu: criaturinha enraivecida (ou triste? Faminta? Assustada, talvez.), com gota de água acumulada em um dos olhos.

Nara parou. Olhou. Sentiu que era preciso sentar, e valeu-se de uma cadeira de balanço ao alcance de seus braços. Arrastou, acomodou-se e olhou uma vez mais. E já nem ouvia o som que se fosse objeto seria faca (continuou cortando). Ela é quem não sentia. E apreendeu sobre um corpo pequeno, menor cinco vezes comparado ao seu. E que não compartilhava consigo a sabedoria do sentar. E que as pernas curtas, muito curtas, ao contrário das suas, que ficavam para baixo, estavam para cima, agitadas, valentes. Apontavam para o teto, branco, com formas plásticas adesivadas. Sabia que havia ali objetos desconhecidos, mas que não fora sempre assim. Fechou os olhos. Viu os salpicos brilhosos no seu espaço interno e apreendeu o passado: um céu de estrelas, capturado em noite de varal com fraldas brancas e aromatizadas.

Apreendeu o ontem. Esforçou-se por preservá-lo como sendo o agora, mas o som de objeto cortante executou a sua tarefa.

Nara abriu os olhos para o seu dia de hoje. Perdeu o controle sobre para onde e por que olhar. Como e por que tocar. Perdeu o contato com a necessidade de existir por impulso. Deixou de cair apenas por estar sentada. Não sabia sentir, mas sentiu. Forte, rodando, fluindo do estômago à garganta. Seu corpo em movimentos involuntários, contraiu-se como se fosse expulsar um malote de memórias, mas não havia nada a ser expulso. E Nara sentiu. Uma dor sem fronteiras. O som cortante (com lâmina mais, muito mais afiada) rasgou a perda de controle, pois era preciso olhar, e Nara olhou. E viu. O que Nara viu?

Poderia ter visto um bebê. O seu. Era seu (mesmo sendo em outro) o corpo cinco vezes menor. Era sua a habilidade de extinguir aquele choro, de secar a lágrima que já tinha lavado ambos os olhos. Só ela, só Nara poderia movimentar aquela existência de pernas ainda sem firmeza. Será que Nara não via?

Não via que o bebê tinha nome? Carol. Não Carolina. Carol, simplesmente. Carol Silva. Silva, apenas. Não havia razão para um “Silva de...”. Parava no sobrenome de Nara, Nara Roberta da Silva. Filha de Manoca da Silva, neta de Maria de Pedro da Silva e de outra avó de passagem desconhecida.

Carol era sua, das pernas valentes aos olhos úmidos. Sua. Não via?

Não lembrava que há quatro meses havia estado inteira, naquele mesmo cômodo. Que havia pintado as paredes apenas acompanhada de orgulho. Fez tudo só. Escolheu a cor, comprou a tinta, as lixas, rolos e pincéis, fita isolante, faixa decorativa, mistura para cola de papel parede. Lixou, emassou, lixou uma vez mais, isolou, pintou, decorou, limpou.

Havia esquecido do saquinho de cosmos, comprado na internet: 20 estrelas de cinco pontas, nos tamanhos pequeno, médio e grande, totalizando 60; 9 planetas, incluindo Plutão; 1 sol. Havia outras figuras plásticas, que poderiam ser dispostas como galáxias próximas. Era uma questão de faz ou tanto faz. Nara fez o sistema solar que conhecia e o restante tanto fez. E quase arrependeu-se. À noite, testou. Desligou a lâmpada e o céu artificial amanheceu o dia novamente. Conformou-se com a ideia de que, com o tempo, o químico fluorescente perderia a força.

O que mais Nara esqueceu?

Da cadeira de balanço que abrigava seu estado medonho.

Havia ganhado de uma colega do trabalho, professora de educação física igual a ela. Igual também na força, na batalha, no desejo de transformar a vida das pessoas (talvez diferente na crença de transformar a própria vida).

“A cadeira vai ajudar a amentar a minha sobrinha”, disse a colega (mas Nara não tinha irmãos). Era branca, de madeira, fazia um barulho de casa de varanda de alpendre, quando balançava. E o “toc, potoc” reavivava uma infância com muitos cheiros. Mas esqueceu da cadeira naquele seu dia de hoje.

Também da soleira do quarto. De que há uma semana havia cumprido o primeiro rito de passagem ao lado de sua filha recém-nascida: “olha, Carol, agora é aqui, neste quarto, que você dorme”. Cruzou a porta, colocou a menina no berço e sussurrou umas palavras: “lhe deixo aqui e vou para o meu quarto. Estou bem pertinho, mas quero que se acostume em ser só você, mesmo eu estando aqui ao lado. Não tema, menininha, pode esmorecer quando quiser e precisar”.

Passou pela porta de Carol, também pela sua e deitou-se. Uma semana no hospital, um parto incômodo para a mãe e para o bebê. Nara precisou reaver a autonomia na caminhada, a força nos braços antes de retornar. Além de um saco com roupas sujas, Nara esqueceu algo mais no hospital. Mas não teve tempo de esforçar-se para lembrar. O presente de afazeres a serem consumidos, consumiam-na.

E esqueceu a razão de ser tão larga a sua cama e tão longe do chão. Estranhava sem se questionar, não havia tempo. Levantava, esforçava-se para chegar na lateral não encostada na parede para descer. E descia com um pequeno salto. Nada demais. Olhava para traz, estranhava e seguia. Esqueceu que a largura e a altura resultaram de uma mistura de promoção e de esperança. Quando foi para a nova casa, perto do novo trabalho, precisou de um novo colchão. Na loja, solteirão e casal tamanho padrão diferiam cinco dias de labuta. Era possível dispende essa energia para comprar a esperança de compartilhá-lo com o calor do outro alguém. A altura não pode contestar.

Antes de ter que levantar. Levantar abruptamente. Temendo o silêncio do quarto ao lado, o choro do quarto ao lado, o frio no quarto ao lado, o calor no quarto ao lado, a luz no quarto ao lado, a fome no quarto ao lado, a sede no quarto ao lado, a fralda cheia no quarto ao lado, Nara olhava pela janela, assentada na parede encostada em uma das laterais de sua cama.

E via um muro de cimento salpicado, branco (com lodo), que ela havia pintado. E deixado de cobrir as cascatas verdes escurecidas de musgos, porque era bela aquela forma de vida. Com um pouco mais de esforço, jogando o peso um tanto mais para fora, sua cabeça alcançava os jarros com flores, com miniaturas de árvores, com palmeiras, todos repousados em chão de cimento, sempre lavado e cheirando a sabão em pó.

A janela, quando alcançava a sua máxima amplitude, era um portal para um céu misterioso. Via-se a luz, jamais o sol. Viam-se as estrelas, jamais a lua. Suscitava o passado recente, nunca o futuro. E Nara achava poesia nisso, na comunhão entre amplidão e restrição. E ainda bem que esqueceu.

Esqueceu do dia em que aquela janela maldita, no quintal da sua casa, praticamente toda encoberta por aquele muro de visgo, absurdamente alto não a deixou ver quando ele foi embora para nunca mais voltar. Não era presença constante, era esporádica, relutante, mas “tudo que vai, volta”, pensava. Não voltou, nunca mais. E não pode ver a sombra dele projetada no chão. Nem as cores da roupa se agarrando à paisagem. Nem o seu corpo ficando pequeno, perfilado à sua vontade decrescente de permanecer lutando. Uma janela inútil.

Mas o que Nara esqueceu realmente, foi de sua própria natureza. De que, antes mesmo do homem ter escapado de si, era só. No trabalho, arrodada de colegas, de alunos enérgicos e querentes de sua atenção, Nara era só. Isso não por uma vontade articulada, apenas uma compreensão profunda de que nasceu só e só morreria. Nem um dos dois fardos poderia compartilhar com alguém.

Por um tempo acreditou que entre a vida e a morte haveria uma distância a ser percorrida. Com velocidade a ser escolhida. Com destinos a serem traçados ali na hora. Com o por vir obscurecido e o já se foi esmorecendo num gerúndio constante. O percurso era seu, criação sua, por isso estava só. Vez ou outra uma sombra aproximava-se, e perto de concretizar-se em gente, virava adeus.

Não pode dar adeus ao pai, que se foi antes de Nara nascer. Depois foi a sua mãe. Nara tinha sete anos. Ficou com uma tia, depois com outra, e outra até que não havia mais tia, apenas um desejo de fixar-se. Fixou-se numa escola de ensinar gente crescida. (E num trabalho de gente miúda).

E por um acaso, e por uma vontade, por uma sorte, por um repente, Nara tornou-se professora. Comemorou a aprovação com um pão quentinho, torrado com manteiga, acompanhado de uma fatia translúcida de queijo do reino e café com colher de chá imersa.

Três anos de estágio probatório, a confirmação: ficaria na escola para sempre. Uma daquelas sombras tornou-se concreta em seu presente (embora não tão sólida quanto o necessário). Juntos engendraram uma terceira pessoa, Carol. No berço, perninhas agitadas. A escola mudou de endereço. Nara mudou de endereço. Ele partiu.

Nara sentada?

Carol ainda no berço?

E o choro, ainda de faca?

Nara sentada, Carol no berço, dormindo de fadiga. E o que Nara viu? Que não estava, só. Olhou um pouco mais, o que Nara viu? Que não estava só. Fechou os olhos e examinou-se inteira. E o que Nara viu? Que não, estava só.

(Sobre a autora: Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha é natural de Recife/PE. Mas, é radicada em Cabedelo/PB. É jornalista, graduanda do curso de Letras-EAD do IFPB)

ENTRE BRUMAS E ESSÊNCIAS

O dia estava cinzento e revestido de chuva. O vento álgido soprou as folhas caídas. Na volta para casa, com o olhar de censura, ela viu uma roda de crianças que se divertia com as gotas a caírem. Caminhou sem pressa o sinuoso declive. Não tinha boas recordações das quedas que já tivera. Aprendeu com os momentos vivenciados a ser precavida e receosa. Introspectiva no jeito de ser, evitava a convivência social. Morava sozinha em uma casa isolada, de madeira azul desbotada de chuva e sol, em um bairro distante do centro da cidade. Telefonou para sua mãe assim que chegou:

— Minha filha, enfim chegou. Tente procurar outra casa, essa não mora ninguém na vizinhança. Você fica isolada, esse caminho que você percorre é vazio e perigoso, tente voltar antes de o sol se pôr. Encontrou algo? Sabe que não está mais na aurora da vida.

— Em meio a esse dia encoberto de nuvens, há uma luz, irei começar como assistente de um redator no jornal da cidade. Estava animada com essa nova oportunidade. Havia trabalhado como secretária em um escritório, vendedora em uma loja e atendente em uma farmácia. Nada completava a sua essência. Entrou na redação do jornal e recuou com um passo. Apreensiva, encarou as dezenas de pessoas que trabalhavam no escritório. O chefe de reportagem passou a pauta do dia e explicou:

— Como somos em apenas cinco funcionários aqui, não temos funções determinadas para cada um. Acabará aprendendo um pouco de todas as fases na elaboração da reportagem.

Sua primeira incumbência foi fazer a apuração dos fatos. Tinha uma semana para se dedicar a essa reportagem. Depois de muito caminhar, encontrou a casa que deveria averiguar. Ficava em frente ao cemitério de parede branca desgastada com tijolo aparente e portão, com arabescos de ferro, corroído pela ferrugem. Viu uma delicada margarida branca em meio ao mato que se alastrava rumo a calçada como se fugisse desse lugar. Instigada, aproximou-se e arrancou a pequena flor.

Olhou o relógio e como ainda havia algum tempo, resolveu adentrar o cemitério. Destrancou o cadeado enferrujado e abriu o portão. Admirou-se com os mausoléus.

Parou em frente a uma lápide e lágrimas escorreram enquanto lia o epítáfio. Viu um dos anjinhos dourados a piscar em sua direção. Assustada, preferiu se afastar. Ainda com as emoções afloradas, acelerou os passos. Sentiu um incômodo ao afrontar um grande cortejo em uma sepultura a chorar. Pensou que deveria ser uma pessoa muito influente para ter tantos entes queridos. No caminho para a saída, viu um túmulo com apenas o coveiro a enterrar o caixão e o indagou:

— Com licença. Por que não tem ninguém acompanhando o enterro?

— Parece que era um homem solitário e sem família – respondeu secamente.

Um sentimento estranho a invadiu, não conseguiu definir o que era, algo como uma reciprocidade, que há tempos não sentia. Pelo adiantado do relógio, resolveu sair em direção a casa para redigir a matéria.

Depois de um dia de trabalho exaustivo, enquanto retornava pela ladeira, ouviu uns passos. Inspeccionou a sua volta, viu um homem esguio com um chapéu a sussurrar. Fechou os olhos e reabriu, vergou a cabeça e não o viu mais. Acelerou os passos. Deitada na cama, admirou a lua emoldurada pela janela. O sono não vinha, no entanto, sentia-se em paz.

No dia seguinte, voltou ao cemitério. No sepulcro do homem solitário, leu a inscrição. Anotou o nome dele para procurar mais informações a seu respeito. Mirou a foto. Parecia jovem e esbelto. Pesquisou sobre sua vida, entretanto não encontrou muitas informações, somente que havia participado de uma guerra e algumas fotos. Em sua casa antes de adormecer ela admirava a lua e as fotos dele vestido de soldado. Começou a ir diariamente em sua lápide, levava cravos amarelos, contava de sua vida. Pássaros vinham em sua direção perscrutar sua visita solitária.

No trabalho, destacava-se cada dia mais. Era concentrada e redigia bem, passou a dar sugestões de pautas. A cada dia sentia que estava encontrando sua essência. Ao mesmo tempo que estava inserida em um convívio social, sentia-se reclusa. Em um dia de poucas nuvens e muito sol, no momento em que estava abaixada ao túmulo dele, viu um clarão. Um rapaz airoso se aproximou e asseverou:

— Então é a senhora que traz esses cravos todos os dias? Estava mesmo interessado. Nunca alguém havia feito isso.

Surpreendida, meneou a cabeça. Incrédula, não conseguiu acreditar nos próprios olhos quando percebeu que aquele rapaz que lhe dirigia as palavras era justamente o mesmo das fotos.

— Calma, não se assuste. Você não está vendo um fantasma. Sou o irmão gêmeo dele, vim de outro estado. Fomos separados quando bebês. E depois de muito procurar, descobri que estava aqui, enterrado infelizmente.

Ela não acreditava no que estava acontecendo. Sua reação foi dar um abraço enlaçado de afeto. Fitou seus olhos. Beijaram-se. Coração completo em sua essência.

Sentiu um aperto lancinante em seu peito. Desmoronou em seus braços. Quando despertou estava sozinha e com uma margarida branca na mão. Sentia uma dor latejante na cabeça. Olhou novamente a foto na lápide, era idêntico ao que vira. No entanto, quando observou a data de nascimento e falecimento dele, não acreditou, há mais de meio século, em um cemitério abandonado da cidade.

(Sobre a autora: Agnes Izumi Nagashima é paranaense. Incentivada pelos pais, sempre foi apaixonada por livros. Escreve contos e poemas e já publicou em diversas revistas e antologias. Faz parte da União Brasileira de Trovadores, UBT/Londrina)

A CIDADE DOS VIVOS

Fernando precisava encontrar respostas. Depois de tanto tempo, uma tênue luz de esperança surgia, estampada numa amarelada página de livro. Ele sempre cumpria o ritual de abrir a caixa de correspondência assim que chegava do trabalho. Acreditava que algumas delas chegariam por ali.

Um pacote, perfeitamente dobrado, protegia o livro. Não havia identificação de remetente, apenas o seu nome escrito com a ajuda de um normógrafo. Guardou o papel de embrulho. Quem sabe descobrisse mais alguma pista sobre a misteriosa remessa.

Estampado na capa preta e dura, em letras douradas, o título: Cemitérios, memórias e ligações. Abriu rapidamente. Na leitura das primeiras páginas não compreendeu como um texto maçante poderia lhe ajudar. Deixou-o de lado por um instante. Precisava de um banho e de algo para comer.

Na cozinha, começou a preparar um sanduíche. Para diminuir um pouco da solidão ligou a TV no exato momento em que era exibido um documentário sobre a simbologia e os valores sociais dos cemitérios. Seria coincidência, ou o destino tentava dar-lhe algum aviso. No encerramento, o narrador afirmava: “Os túmulos são uma forma de assegurar a imortalidade, são lugares de preservação da memória por excelência”. Ele precisava continuar a leitura do velho livro.

O texto descrevia cemitérios de diversas cidades espalhadas pelo mundo, citando nomes de pessoas, detalhes de mausoléus e de túmulos simples, também. Em determinados trechos havia algumas curiosidades, porém tudo sem muito significado para ele. Cansado, cochilou na poltrona. Acordou com o barulho do livro que caíra de suas mãos.

O livro estava aberto em uma página, próxima do final, descrevendo um cemitério de uma cidade não tão distante de onde morava. Ao final de uma das páginas, uma seta apontava para o primeiro nome de uma das primeiras pessoas sepultadas, segundo o registro da municipalidade: Victor.

O nome lhe trouxe lembranças. Dona Gertrudes, a cuidadora mais antiga do abrigo que frequentou, algumas vezes o chamava de Victor, depois corrigia, já que não havia nenhum Victor no lugar. Questionou-a algumas vezes e ela respondia tratar-se de um sobrinho, muito parecido com ele.

Desistiu da leitura, procurou por mais alguma marcação. Em uma das páginas, antes daquela com o nome marcado, encontrou mais uma palavra indicada por seta: procure.

“Procure Victor!”, repetiu várias vezes em voz alta.

Intrigado, fez algumas ligações, remarcou compromissos. Na manhã seguinte, pegou a estrada rumo ao interior.

No caminho, quando lembrava do livro e da sugestão de procura por Victor, pensou no abrigo onde ficou até a saída para a Universidade. Nunca entendeu por que ficou tanto tempo lá, várias crianças foram adotadas. Ele, um menino comportado, de boa aparência e inteligente não teve a mesma sorte. Dona Gertrudes era rude, mas parecia ter um pouco mais de atenção com ele do que com os demais abrigados.

Chegou ao lugar no início da noite. Passou em frente ao cemitério. Os muros altos não permitiam a visão de todo o conjunto, mas podia perceber pela imponente portada e pelas construções funerárias avantajadas o contraste entre o cemitério e a estrutura da pequena cidade histórica, tal qual relatada no velho livro recebido.

No hotel, pediu informações sobre o cemitério. O jovem recepcionista fez questão de contar-lhe algumas das histórias das visões assustadoras tidas pelos moradores nos arredores do cemitério. Pela quantidade de causos contados, o campo santo parecia existir mesmo antes da fundação da cidade.

– Quem é a pessoa que mais conhece as histórias do velho cemitério? – perguntou Fernando.

– O Osorinho, o “sepultador”. Ele é filho do antigo coveiro. É formado em história! Diz que “quem observa o cemitério, conhece a história da nossa cidade”. Se é algum defunto que procura, com certeza o Osorinho é a pessoa certa.

Na manhã seguinte, chegando ao cemitério, procurou por Osorinho. Não o encontrou num primeiro momento. Resolveu caminhar entre as sepulturas.

Como na maioria dos cemitérios, as formas das construções e seus adornos variavam conforme a época em que foram construídas. Em primeiro plano, os grandes mausoléus das famílias mais abastadas e influentes. À medida que se afastava, túmulos mais humildes povoavam o lugar. Observa as lápides, as fotografias e as datas nas inscrições.

Naquela manhã, muitas pessoas circulavam por lá. Faziam turismo, como descrito no documentário da TV.

O sol aquecia a manhã e encontrar uma sombra não estava fácil. Avistou o local onde dois homens erguiam um pequeno jazigo. Lá com certeza poderia matar a sede. Quando se aproximou e cumprimentou os dois, um dos pedreiros se virou e logo que olhou para Fernando deu um salto de espanto.

- Me desculpe, não queria assustá-los!
- Perdoe o meu amigo, ele não gosta de cemitérios. Tem medo de almas penadas.
- Mas eu estou bem vivo!
- Não tenho tanta certeza, já vi esse seu rosto numa fotografia neste cemitério!
- É mesmo? Onde?
- Não me lembro, são muitos túmulos! Fernando não levou o susto e a informação do homem a sério.
- Posso beber um pouco de água?
- Claro, mas tem que ser direto da torneira!
- Onde encontro o Osorinho? – perguntou, secando os cantos da boca.
- Ele foi buscar uma caixa no depósito. O senhor pode esperar por ele na capela.

Fernando buscou um dos bancos e sentou-se. Logo depois, um grupo de senhoras chegou e começou a rezar. Mais uma vez vieram as lembranças do abrigo, onde toda quarta-feira, cuidadores e abrigados se reuniam para o terço. Numa das noites, depois da oração, perguntou a Dona Gertrudes sobre seus pais. Ela hesitou por alguns instantes e disse que ele havia chegado muito pequeno, numa caixa de papelão deixada na porta da instituição.

Ele foi para frente da capela. Observou um homem que beirava os sessenta anos e que se aproximava a passos lentos.

- Boa tarde! O senhor é o Osorinho, o sepultador?
- Sepultador e historiador! Posso ajudar?
- O senhor talvez ache muito estranho, mas preciso lhe mostrar um livro antigo.
- Não há nada melhor para um historiador que a oportunidade de ter acesso a um livro.

O homem ficou maravilhado com tudo que via.

- Estou me imaginando circulando por cada um desses cemitérios. Sabia que cemitérios são as cidades dos vivos?
- Sempre os imaginei como as cidades dos mortos! – afirmou Fernando.
- Os cemitérios foram concebidos para eternizar as pessoas. Enquanto são lembradas, continuam existindo. Quem não quer ser lembrado? Cemitérios são o elo, a ligação entre o passado e o presente.
- Ligação entre o passado e o presente? Talvez seja esse o objetivo da mensagem.

- Que mensagem?
- Veja, aqui nessas marcações! Juntando as duas temos "Procure Victor!".
- Quem é Victor?
- É o que pretendo descobrir. O senhor tem uma lista das pessoas enter-

radas aqui?

Tenho. O senhor acredita que encontrará Victor entre os mortos?

- Foi minha primeira ideia. O que mais eu buscaria num cemitério?
- Memórias. Os cemitérios podem parecer silenciosos, solitários, mas estão repletos de vozes que querem ser ouvidas! Tem um sobrenome?
- Azevedo. Fernando Azevedo.
- Não o seu, o do tal Victor que procura?
- Infelizmente, tudo o que tenho é o que está no livro.
- Sem um sobrenome, sem uma data de nascimento ou da morte, vai ser um pouco mais difícil. Volte aqui amanhã e traga um par de tênis!

No dia seguinte, Osorinho tirou do bolso uma lista com mais de duzentos

nomes.

- Procurei nos nomes compostos também. Victor pode ser inclusive sobrenome. O que vamos procurar no túmulo desse Victor?

- Não faço a menor ideia, mas algo me diz que saberei, quando encontrar. Foram longas horas de procura e não surgia nada. A lista encerrou-se.
- Obrigado pela ajuda. Apenas tomei o seu tempo.

- Não se preocupe, aprendi ainda mais com a procura. Aprendo com a morte e com a vida no cemitério. Às vezes me envolvo com os fatos, com as pessoas que passam e com as que ficam por aqui. O cemitério não é assustador.

- Não para todos. Ontem, um dos pedreiros ficou branco como cera quando me viu. Disse que eu era uma das pessoas na fotografia de um dos túmulos.

- Espere aí. Olhe para mim, sem sorrir, com ar sério.
- Quer que eu faça pose para uma imagem mortuária?

- Ele tinha razão. Também já vi o seu rosto, melhor, um rosto parecido. Deixe-me pensar um pouco... já sei. Estivemos procurando entre os mortos. Talvez fosse melhor buscar entre os vivos.

- Não estou entendendo!

- Espere, já está escurecendo. Preciso fechar os portões e apanhar uma lanterna. Osorinho voltou pouco tempo depois com olhar confiante. Seguiram na escuridão.

– Havia um casal. Enterrei os dois. O homem morreu dois dias após a morte da esposa. Passaram a maior parte da vida deles procurando um filho desaparecido. O garotinho tinha dois meses de idade quando foi levado por uma baba. Nunca mais ninguém teve informações sobre ela ou da criança.

Osorinho parou em frente ao mausoléu, iluminou a construção de forma geral, depois mirou nas fotografias nos tampos das gavetas. Primeiro na fotografia da mulher, que aparentava pouco mais de cinquenta anos. Paula. Depois para o homem. Fernando não acreditou. O sujeito na fotografia em muito se parecia com ele, não fossem as costeletas compridas e o encaracolado no cabelo. Carlos Neves. O mais curioso foi encontrar uma terceira gaveta, sem fotografia ou datas, apenas um nome. Victor Neves.

– Há alguém aí dentro?

– Não. Alguns meses antes de morrerem, construíram o jazigo. A terceira gaveta reservaram para o filho. Não o encontraram em vida, mas tinham esperança de que o filho os encontrasse algum dia. Lembra-se, tudo feito para a continuidade? Todos aqui formam uma família. A família daqueles que não querem ser esquecidos.

– Pode ser só uma coincidência.

– Há alguma lembrança de infância, algo que o ligue ao nome Victor. Sabe quem lhe mandou este livro?

– Passei boa parte da minha vida num abrigo para órfãos e abandonados.

Dona Gertrudes era a figura mais próxima de uma mãe que eu possuía. Espere! Algumas vezes ela se confundia e me chamava Victor. O nome do sobrinho dela.

– Talvez seja interessante voltar lá e tirar algumas dúvidas!

– É o que vou fazer. Obrigado Osório!

– Me dê notícias, se encontrar o que procura.

Quando Fernando chegou ao abrigo, descobriu que Dona Gertrudes havia morrido dois dias antes dele ter recebido o pacote com o livro. Pediu licença ao zelador e foi até a oficina onde encapavam os cadernos dos abrigados. Lá encontrou um rolo com o mesmo papel que embrulhara o livro recebido.

Havia uma pessoa que talvez pudesse lhe dar mais algumas informações. A antiga diretora, a Dona Gessy conhecia Dona Gertrudes muito bem. Foi até a casa dela.

A mulher, presa a uma cadeira de rodas, não se mostrou surpresa com a visita.

- Encontrou Victor? – foi a primeira pergunta que Dona Gessy fez.
- Foi a senhora quem me enviou o livro?
- Não, mas Gertrudes me confessou que havia enviado.
- Dona Gessy...
- Sei qual a sua próxima pergunta. Sim você é Victor Neves. Não foi Gertrudes quem lhe tirou dos seus pais. Ela era minha irmã. Eu, a sua babá, Victor. Logo depois que o trouxe comigo, para ocupar um pouco da minha vida vazia, conheci um homem. Ele não gostava de crianças. Então, pedi para Gertrudes que cuidasse de você. Ela aceitou, para proteger a irmã do crime que cometeu. Hoje sou só uma velha, não tenho como compensar o erro que cometi. Também não sou alguém por quem valha uma vingança.
- Não preciso de uma vingança. Com certeza a sua vida foi mais triste que a minha. A senhora tem mais alguém, algum parente?
- Não. Enquanto ainda me resta o dinheiro da pensão, tenho a cuidadora como companhia.
- A senhora sabia que os cemitérios abrigam algumas vozes que não podem ser ouvidas?
- Claro! Estão todos mortos.
- Não, a maioria vive enquanto são lembrados e suas vozes são ouvidas por aqueles que sabem ouvir. O que a senhora terá para dizer?
- Quem estaria disposto a ouvi-la? Depois de mortos somos aquilo que construímos em vida. Por sinal, hoje eu renasci.
- Ainda no portão da casa de Gessy, Fernando fez uma ligação telefônica:
- Querida, aquela proposta de casamento continua sendo aceita se nos mudarmos para uma tranquila cidade do interior?

(Sobre o autor: Adnelson Borges de Campos é autor de mais de cem textos selecionados para antologias impressas e digitais. Assina a Coluna Prismas do Jornal Gazeta Informativa de São Mateus do Sul /PR)

O PAPEL E A CAMISA

Em minha casa, na época do dia dos pais, era bem comum minhas irmãs, Adriana e Patrícia, comprarem alguma lembrancinha para o meu avô. E claro, alguns meses antes nós íamos “sondando” o velho para saber o que ele gostaria de ganhar.

- Vô... O que o senhor gostaria de ganhar no dia dos pais? – perguntava minha irmã Adriana.

- Ah... Nada não! – respondia o velho com aquele palitinho no canto da boca.

- Como nada? Nem uma camisa?

- Ah... As minhas camisas ainda estão novas!

- Que nada minha filha! Ele usa todo dia! – dizia a minha vó, entrando abruptamente naquele diálogo.

- Então já sei vô! Vamos te dar uma camisa.

- Tá bom!

E lá foram minhas irmãs em busca da camisa para o vovô. Procuraram em todas as lojas possíveis, mas finalmente encontraram. Uma bela peça com tons de amarelo e um bordado do lado direito. Compra feita, faltava o embrulho.

Procura daqui, procura de lá e finalmente a vendedora encontrou uma folha para embrulhar a camisa. Me recordo que era um papel avermelhado com listras axadrezadas de verde e marrom. De fato, um belo papel. Por fim, como todo presente que se preze veio aquele belo laço azul e um adesivinho de “felicidades”.

No domingo, bem cedo, lá foram elas com o presente para o vovô. E como sempre, lá estava ele, sentado em seu banco, amolando a sua navalha para fazer a barba.

- Parabéns vô! Feliz dia dos Pais! – e logo entregaram o embrulho.

- Obrigado! Olha que camisa bonita... Dessa eu gostei! – dizia ele todo contente.

Vovô não enxergava direito e achou que o embrulho era a camisa.

- Vô... Esse é o embrulho! Abra ele... A camisa está dentro. – dizia minha irmã Patrícia.

- Ah... Está dentro?

- Sim...

Mas que depressa ele abriu o pacote, mas parece que toda a alegria havia ido embora quando viu a camisa.

- É amarela...

- Sim... Eu e a tata que a compramos! O senhor gostou?
- Gostei mais do papel...
- Ah... Mas, depois o senhor pode trocar na loja!
- Tá bom! Depois eu vou!

Vovô nunca foi trocar a camisa e nem a usou. Pelo menos nunca o vimos com ela. Mas, aprendemos que naquele dia, se velho fosse escolher entre o papel ou a camisa, ele ficaria com o primeiro.

(Sobre o autor: Tiago Rafael dos Santos Alves é professor FADAP/FAP em Tupã/SP)

UMA HISTÓRIA QUE O TEMPO NÃO APAGA

Essa é uma história que eu preferiria não contar. É um relato de desamor, de separação, de violência e de dor. Mas é uma história que precisa ser conhecida porque, algumas feridas, nem eu, o Tempo, sou capaz de curar. Acreditem: quase sempre, os deuses riem dos humanos, e de suas pretensões de controlar o destino.

Cindy Carolina, que detesta o próprio nome, acaba de vencer uma nova batalha online. Mais uma vez, a campeã Rainha Revenge destrói o Nexus da equipe adversária em poucos minutos. É a primeira vez que luta contra esses garotos. Além de progredir em experiência e acumular mais ouro no jogo eletrônico, ela se diverte a valer.

League of Legends tem um pico diário de 8 milhões de jogadores simultâneos no Brasil. Quais as chances de encontrar esses meninos online? Muita sorte. Ou não: sincronicidade é meu domínio

Rafael Rodrigo, nick Guerreiro da Justiça, está inconformado. É o líder estratégico do time e raramente perde uma partida no Lol. É a primeira vez que são derrotados por uma garota. Ele quer desforra, vai tentar outras rotas. A Rainha Revenge aceita o desafio e o derrota de novo, e de novo. Ao invés de sentir raiva, Rafael se admira. Precisa conhecer a rival fora do multiplayer. Chama a moça no bate-papo privado, se congratulam, trocam seus contatos nas redes sociais e os respectivos Whatsapp. Descobrem que, além de viverem na mesma cidade, Carol mora há poucas quadras da avó materna do Rafa – que coincidência, se é que isso existe. Mais cedo do que imaginam, graças a minha ação, vão entender o significado de carma.

Carolina sabe que encontrou um amigo de quem sentia saudades, mas ainda não conhecia. Rafael, filho único, desenvolve um carinho profundo pela moça, um ano mais velha que ele. Apesar de Carol ser linda, não está fisicamente atraído por ela. Se alguém lhe perguntar, dirá que gosta dela como irmão - já escreveu isso numa das muitas fotos que ela posta diariamente no Instagram: “como você é linda, irmã!” Os dois conversam com frequência, algumas vezes trocam várias mensagens por dia, permutam experiências.

Carolina se sente à vontade com Rafael, como se já o conhecesse há muito tempo (minha influência em mais essa história). Por sentir a empatia do garoto, fica segura para desabafar.

É filha do coração, adotada com pouco mais de um ano de vida.

A mãe, no segundo casamento, com um homem dez anos mais novo que ela, carrega um ventre exausto de parir. O pai sonha com filhos. A menina é adotada de maneira irregular num primeiro momento – a avó dela simplesmente a entrega ao casal. A mãe biológica, dependente química, já tem três filhos paridos; o menor, com poucos meses de vida. Há semanas está desaparecida. Ainda não foi uma overdose, dessa vez.

A mãe adotiva já criara os filhos da primeira união. Nunca teve o dom da maternidade; usa sua competência no Hospital de Clínicas, como enfermeira na ala da ginecologia. Não tem paciência, muito menos afeto para dedicar à menina. Não se dá nem ao trabalho de trocar o nome da criança adotada. O pai explode de amor e de orgulho pela filha conquistada.

A primeira surra acontece poucos dias depois da menina completar três anos. Tapas, beliscões e puxões de orelha são punições constantes desde sua chegada àquela casa. Irma detesta a criança. Qualquer birra é motivo para um castigo físico. Na frente do marido, disfarça. Mantém as aparências, para manter o casamento. Com pouco mais de cinco anos, Cindy Carolina é arrastada pela calçada da rua onde mora por várias quadras. Irma a puxa pelo braço, enquanto a menina berra de dor. Tinha ido na casa de uma vizinha ver os gatinhos recém-nascidos. Algumas mães saem às portas das casas, se horrorizam com a cena – ninguém intervém. Para o marido, apavorado com o corpo da filha em carne viva, Irma inventa um tombo. Passivo, finge que acredita. Ele trabalha o dia inteiro, com quem vai deixar a criança em caso de separação?

Aos treze anos, Carolina ganha de presente uma surra de vara. A mãe já havia deixado a aquisição pendurada atrás da porta do quarto da garota, bem à vista, com a promessa de estrear em breve o novo artefato de tortura. Se antes os espancamentos eram com as próprias mãos, com chinelos e depois com cintas, a crueldade agora escala um novo platô.

Desta vez os vizinhos não conseguem ignorar os gritos de dor, o som da vara contra a pele da menina, os pedidos de clemência, o choro de peloamordeusparedemebater, MÃE. O conselho tutelar aparece de surpresa, constata os maus tratos e adverte: uma nova denúncia e o casal vai perder a guarda da menor.

O marido ameaça ir embora, a esposa chora, faz chantagem e diz que a filha é impossível, que perdeu a cabeça quando viu a menina se agarrando com um rapaz no portão. O pai, enciumado, releva: “Dê tempo ao tempo, que ela cresce e toma juízo”. Ah, eu que passo voando, que não volto e que não paro, agora me torno responsável por mais isso também.

Há três anos, no aniversário e no Natal, a mãe presenteia a filha adotiva com um moletom novo. Carolina é obrigada a vestir a blusa grossa toda vez que a mãe lhe dá uma surra. Sem marcas, a denúncia fica menos plausível. Além do mais, “vai querer me denunciar pro Conselho e perder suas roupinhas de grife? Vai perder seu paizinho amado, sua casa confortável, quer ir morar na Febem? Denuncia, Cindy Carolina, denuncia. Ou aguenta calada, porque você não presta, sua vagabunda, e merece apanhar muito. “

Agora Carol tem com quem desabafar. Ela e Rafael criam um vínculo forte. Não sou eu, o Tempo, que defino a intensidade de uma amizade. É a capacidade que cada um tem de amar, de se doar. Rafa está indignado, precisam se encontrar no mundo real. Ele vai arrumar uma maneira de ajudar a nova amiga. A mãe dela não pode bater desse jeito numa moça de dezesseis anos.

A mãe de Rafael escuta tudo calada, o coração descompassado. Não bastasse o nome tão peculiar, Cindy Carolina, todos os outros detalhem conferem. “Essa moça é sua irmã, Rafael”. O rapaz põe as mãos na cabeça, quer fazer com que eu volte atrás. Não queria ter escutado o que a mãe acaba de lhe contar. Logo ele, que sempre deixou claro que não tinha irmãos, nem outra família que não fosse essa; é filho único. Já posso ouvir a risada sarcástica vinda do céu.

-. Sua mãe biológica teve quatro filhos, Rafa. O mais velho estava com seis anos na época, se chama Rodrigo. Carregava você nos braços quando te conheci. Sua avó o ofereceu para mim. Ele pediu pra vir: “me leva junto, tia, que cuido do meu irmãozinho. Fui eu que escolhi o nome dele, Rafael Rodrigo, pra ele nunca esquecer de mim. Eu que dou banho nele todo dia. ” A avó confirmou, insistiu pra que eu levar os dois. Você estava com as dobrinhas do corpo bem sujinhas, tadinho do seu irmão. Nós não tínhamos condições de sustentar duas crianças, e eu queria um bebê. Naquele dia, sua avó biológica comentou que você tinha uma irmã com pouco mais de um ano, chamada Cindy Carolina. E acrescentou: “você queria uma menina, puxa que pena. Já combinei com um casal que vem buscar ela amanhã.

Essa já está adotada, senão eu dava ela pra você”. Se ela tivesse me entregado a menina, Rafa, eu daria um jeito, trazia ela pra casa junto contigo. Teu sexto irmão, ou irmã, nem sei se vingou. Sua mãe estava grávida quando consegui levar ela no tribunal pra nos transferir sua guarda. Ela disse pra juíza que não sabia quem era seu pai, e muito menos o que faria com o bebê que carregava na barriga.

- Mãe, a gente tem que ajudar a Carolina. Essa mulher não pode mais bater nela. Elas moram do lado da casa da vó, você não conhece eles?

- Conheci essa enfermeira quando fui fazer tratamento pra infertilidade no hospital onde ela trabalhava. Já deve estar aposentada. Nós vamos falar com seu pai, e no fim de semana, vamos lá na casa deles conversar, como pessoas civilizadas. Com calma, sem mencionar as surras, entendeu, Rafael?

Quantas vezes as vidas das pessoas devem se cruzar até elas entenderem que já está tudo escrito? Só os deuses estão no controle, e quando eles se entendiam, fazem os humanos de brinquedos nas suas mãos. O pai de Rafael chega em casa mais cedo do trabalho. A mãe conta tudo, ele começa a passar mal. Rafael se assusta, busca água pro pai, promete deixar o assunto quieto por enquanto. Mas com quinze anos, o impulso de acabar com uma injustiça, a vontade de proteger a irmã recém descoberta leva Rafael a me atropelar. Quem sabe faz hora, não espera acontecer. Ele acredita nisso. Marca de se encontrar com Carol no dia seguinte.

Ele desce do ônibus, a irmã já está do outro lado da avenida, sorrindo e acenando. É real. Mesmo atraído pelo olhar resplandecente da irmã, deve esperar o sinal fechar nas duas vias. Não entende o que a mãe dela está fazendo logo atrás. Será que Carol contou, e a mulher resolveu vir junto me conhecer? Um clarão seguido de estouro paralisa a todos que estão em volta. Rafa não entende porque a expressão da irmã muda para espanto, e na sequência, desespero. Sente seu peito escorrendo, imagina que é chuva. Primeiro o raio, depois o trovão, então o seu dorso molhado e por fim, o mundo escurece.

Carolina chega mais cedo, prefere ficar ali, no lado oposto do terminal, esperando o irmão desembarcar. Assim, vai poder vislumbrar o sorriso dele, na hora em que a vir. Desce muita gente do ônibus, ele é educado, deixa os mais velhos desembarcarem primeiro. A moça berra enquanto a camiseta do irmão se tingia de vermelho.

Escuta a risada conhecida, se vira e eu, Tempo, congelo: ela encara o rosto da mãe, que é só escárnio. “ Mais uma vez essa mulher derrama o meu sangue. Mas é a última”.

Pessoas se aglomeram em volta do corpo caído no chão, uma ambulância com a sirene disparada voa na pista contrária, tentando chegar – a tempo. Carol age. O motorista do veículo de socorro não tem chance de acionar os freios. Ela se joga na frente, o encontro é fatal. Rafa e Carol finalmente se encontram.

Seus corpos são colocados lado a lado no interior da ambulância. Já estão mortos quando alcançam o hospital.

(Sobre a autora: Cristina Bresser de Campos é autora dos livros Quase tudo é risível (romance) e Hand Luggage (romance)

ANT

Anthony começava mais um dia como operária daquela bela coerção funcional.

Ele colhia e trazia o fruto da colheita para dentro da indústria. De lá, outros pegariam seu fruto, moeriam e o substrato que viria a surgir, seria enviado para a grande fonte de processamento. Após ser processada, a seiva era dividida e enviada para os consumidores – os grandiosos Gregárias.

Era isso o que acontecia todo o dia, durante todos os dias, durante toda a semana.

Quando o sol se punha, Anthony saía da lavoura e se dirigia ao centro da comunidade. Como pagamento por seu dia de trabalho, assim como para os outros que trabalhavam arduamente durante o dia, Anthony recebia um pouco do substrato que não serviria para fazer a seiva final.

E, por toda a noite, durante todas as noites de todas as semanas; De sua toca, enquanto tentava se satisfazer com o líquido embolorado, esverdeado e sem sabor, Anthony observava a poderosa rainha da indústria e todos os seus braços-direitos se deliciarem com o mais pura seiva a qual alguém poderia provar.

E no peito daquela pequena operária, um sentimento começou a surgir: a inconformação.

Se é que inconformidade fosse uma emoção, lá estava Anthony, inconformado.

Questionava ele: “Por que eu, que trabalho, vivo de resto de substrato, enquanto eles que só observam e nada fazem, ficam com o melhor resultado? Do pouco que tenho, eles ainda me arrancam a dignidade”

A partir de então, Anthony fazia tudo inconformado. Colhia inconformado, caminhava inconformado, entregava o fruto inconformado, ia para casa inconformado e observava a rainha, durante todos os dias, inconformado.

E a inconformidade crescia, a cada dia, quando Anthony percebia, que a inconformação só dele vinha.

E um dia, a inconformidade foi tanta que Anthony resolveu que não iria trabalhar. Um dia de folga lhe pareceu imensuravelmente justo, então ele resolveu desse modo, se ameigar.

O sol nasceu e Anthony em sua casa ficou.

Não que ele possuísse muito para fazer, mas ele adorou dormir tranquilamente, observar as paredes e o diminuto teto de sua toca. Ele limpou seu chão, deleitou-se com a vista diurna de sua toca e se conformou, depois de muito tempo, com a vida que levava.

O sol daquele tranquilo dia se pôs e Anthony, como diariamente fazia, se direcionou à longínqua fila à espera do resto de substrato. E quando sua vez chegou, Anthony descobriu o peso das consequências e de seus atos.

Quando Anthony estendeu as mãos para receber seu pagamento, ouviu um longo, alto e doloroso: “NÃO!”. Cabisbaixo, Anthony voltou para sua toca.

Naquele dia, Anthony provou do amargo gosto da fome.

Descobriu, terrivelmente, que era daquele modo que a sua sociedade funcionava. Mesmo que se trabalhasse todos os dias, se um dia viesse a faltar, não mais comeria.

Ele não achava justo, afinal não era. Só havia resto de substrato porque um dia houve substrato e porque um dia houve fruto e porque um dia Anthony também havia colhido.

Naquele noite, pela primeira vez em sua vida, ele não observou a rainha se deleitar, encarava o teto e prendia a respiração para que o vazio de seu estômago não se fizesse maior.

Aquela foi a mais longa noite de sua existência.

Quando o sol nasceu, o mais depressa que conseguiu, ele se direcionou às lavouras para que pudesse trabalhar, mas chegando lá, descobriu que existia outro trabalhando em seu lugar.

Mais amargo que o gosto da fome, fora o gosto da existência. Já que naquele momento ele descobriu que não vivia, apenas existia. E percebeu que sua existência não era menos descartável do que o resto dos frutos moídos.

E, quando o ronco de sua fome soou mais alto que os murmúrios daquelas operárias, a inconformidade voltou.

E sua inconformidade era tanta, que se tornou desespero e, logo mais tarde, revolta.

E, num estopim de revolta, Anthony resolveu atacar. Ouvira ele um dia que não havia conquista sem revolução. E ele acreditou.

O que Anthony não se lembrava, era que não existia revolução de uma operária só.

Mesmo que naquele momento ele lutasse sozinho por centenas de outros iguais a ele que morreram e viriam a morrer, seja de fome ou pela saturação do corpo industrial, ele não carregava consigo a força de todas.

Ele queria atacar a rainha. Ela era quem mantinha aquela linha de produção automática e desumana. Mas ele morreria antes mesmo de tocar num pelo eriçado de seu corpo.

O feitor era uma vítima mais próxima e mais palpável, e mesmo sabendo que ele só cumpria ordens, não importava mais, agora seria guerra.

Atacou ele, com presas e garras ou unhas e dentes.

O grito que tornava suas ações previsíveis ficou preso em sua garganta quando algo longínquo, pontiagudo e rápido atravessou seu peito.

Não atingindo o cérebro e ainda permitindo sinapses neurais, Anthony só esperava ouvir a complacência das outras operárias ao perceberem que Anthony naquele momento não lutava por seu emprego, lutava pelo fato de odiar temer que algum dia mais alguém viesse a sentir fome pelo fato de, por um dia, não conseguir trabalhar.

Mas, pelo contrário, naqueles minutos finais ele só conseguiu ouvir, dentre os burburinhos de horror por suas entranhas manchando o chão, a voz daqueles que não entendiam sua luta.

Uma falara: “Se estivesse trabalhando direito, isso não teria acontecido”.

Enquanto outra concordava: “Tinha tudo nas mãos e desperdiçou porque quis”.

E outras a mais concordavam em uníssono: “Vagabundo!”.

O corpo de Anthony fora carregado para longe, enquanto ele ainda ouvia os gritos do feitor ordenando a volta ao trabalho.

Anthony sentiu seu corpo sendo jogado como um saco velho no chão de terra batida. E logo mais ser afastado para um canto das paredes da grandiosa indústria. Sua consciência começou a falhar; finalmente, estava morrendo.

Perdeu a sensibilidade dos membros inferiores, logo depois dos superiores. Não se lembrava da dor, nem de prazeres, nem mesmo de sua incomformidade lembrava-se mais. Sua vista já tinha escurecido; agora só sua mente faltava a se apagar.

Mas antes que essa se fosse, sentiu a presença de seres ao seu redor.

Uma voz baixa e requintada perguntou decentemente.

“Ora, ora, o que aconteceu com a pequena operária?”

Outra voz, não tão bonita, respondeu.

“Ah, Majestade, a operária enlouqueceu. Ameaçou dezenas de outras operárias e o feitor foi obrigado a mata-lo”

Silêncio se fez. A consciência de Anthony, cada vez mais adormecida, queria gritar e fazer justiça por sua vida, mas nada podia se fazer agora.

“Coitada – lamentou a rainha. – Mas pelo que enlouqueceu?” Ela voltou a perguntar.

“Por falta de trabalho, Rainha, ele fora substituído, se tornou irrelevante em nossa coerção.”

Respondeu o outro.

Se Anthony ainda tivesse controle de seu corpo, naquele momento, ele teria chorado.

Morreria ali na terra batida sem que ninguém soubesse realmente a razão de sua causa: A liberdade. E dentre as tragédias que o acometeram, essa era a maior de todas.

Lamentando novamente, a rainha falou antes de se afastar.

“É realmente uma tragédia, mas é como eu sempre digo, o trabalho é o que dignifica.”.

E afastou- se deixando apenas o rastro de seus passos.

E num último apelo, antes que a mente lhe desse adeus, ele corrigiu a frase em alto e bom som.

De olhos vítreos e pulmões sem vida, o corpo fora jogado para longe de lá, mas ainda assim, pelos corredores daquela indústria, a voz de Anthony se ouvia:

“Não, rainha. O trabalho é o que danifica.”

(Sobre a autora: Joéloisa Esther de Lucena Ferreira é uma estudante universitária natural de Santa Rita/PB)

A VIAGEM QUE NUNCA ESQUECEU

Amanheceu muito ansioso. Prometeram-lhe que o traficante ligaria naquele dia. A regra era muito clara: tinha apenas que esperar a ligação, nunca tomar a iniciativa de tentar se encontrar com a quadrilha que transportava pessoas para os EUA. Era gente perigosa e todo o cuidado era pouco no trato com eles. Já era fim da tarde e nem sinal da tal ligação prometida. Provavelmente dera tudo errado. Pode ser que os traficantes não tenham tido interesse. Sonhava com essa viagem a muito tempo. Seria uma oportunidade única, ganharia dinheiro, muito dinheiro, e depois voltaria, quem sabe, para montar um negócio aqui no Brasil. Estava disposto a tudo, tinha saúde e juventude para qualquer tipo de trabalho. Pegar peso, lavar banheiros, entregar encomendas, cortar grama, o que viesse ele toparia. Nem o fato de não saber inglês seria empecilho na conquista de sua independência. Tinha já ouvido falar de muitos casos de pessoas que não sabiam falar inglês e após alguma dificuldade tinham conseguido se firmar no mercado de trabalho de lá.

À noitinha, finalmente, o traficante liga. Após algumas palavras, diz seu preço: US\$ 10.000, que teria que ser pago por seus parentes no Brasil em depósito bancário tão logo chegasse em solo americano em segurança. Caso não seja feito o pagamento há duas opções. A primeira opção é a morte, pura e simplesmente. A segunda opção consistia em se submeter a trabalho escravo durante dois anos nos EUA para pagar a dívida, recebendo apenas comida. As despesas de passagens e acomodações em Ciudad Juarez, que fica na fronteira com os Estados Unidos, nas vizinhanças do deserto de El Paso deveriam também serem pagas. Teria que pagar ao grupo na cidade mexicana US\$ 100,00 a diária, custo a que estavam incluídos a acomodação, comida e transporte para a fronteira.

O prazo seria dois dias para pensar e confirmar se estava interessado. Caso aceitasse receberia as instruções de como proceder.

Eufórico, no outro dia vende seu carro, que já tinha deixado apalavrado. A venda daria para completar o que estava precisando para o embarque à terra que sempre sonhara morar. Com o dinheiro na mão, confirma que quer ir.

O traficante informa que ele deve adquirir a passagem aérea. Especifica que o voo escolhido é o que parte de Guarulhos pela Companhia Aeromexico no dia 25 de dezembro às 9:40min com chegada prevista às 17:40min. Ao desembarcar no Aeroporto Internacional Benito Juarez na cidade do México, deve esperar um veículo do tipo Van na Calle

Sonora, em frente à porta 2 do terminal doméstico. Do terminal internacional para o doméstico existe um transporte gratuito, não havia com que se preocupar. A partir daí tudo seguiria segundo determinação do pessoal de lá.

O pacto com seu destino finalmente estava selado. A alegria era imensa. Tudo daria certo na sua vida, finalmente.

Após 8 horas de voo, estava no México. Entra na Van com mais 4 brasileiros e após 30 horas viajando chega à Ciudad Juarez, distante aproximadamente 1800 km da cidade do México. Dentro da cidade, a Van se dirige veloz ao bairro de Vista de Zaragoza, onde estava situada a casa que passaria a ser sua moradia nos próximos dias. Dois traficantes se revezaram na direção da Van todo esse trajeto. Um era brasileiro, que falava o tempo inteiro, contando vários casos de sucesso na condução de imigrantes ilegais e o outro era um mexicano extremamente calado e mau humorado.

A casa possuía três quartos. Já estavam lá 20 pessoas, segundo o traficante brasileiro. Seria um único banheiro para todos. Quanto as mochilas, cada um teria que tomar muito cuidado. Importante não esquecer de deixá-las sempre fechadas com cadeado. Não eram poucos os casos de brigas por roubos na casa. Existia um forte mau cheiro em todos os cômodos. A cozinha era imunda, com algumas baratas na pia circulando impunemente. Não havia fogão nem geladeira. Os traficantes trariam as três refeições diárias. Sair da casa era terminantemente proibido. À noite dois grupos de traficantes viriam apanhá-los por volta das 22:00 h rumo à fronteira americana. Ninguém podia se atrasar. Mochilas deveriam estar previamente preparadas na hora certa. Se alguém adoecesse seria expulso da casa devendo retornar imediatamente para o Brasil. Todos sabiam que atravessar o deserto requer saúde e muita disposição. Os traficantes informaram que na proximidade da fronteira, no lado do Texas, atuava o grupo Guardian Patriots, a milícia americana formada por gente fortemente armada que patrulhava a fronteira em busca de imigrantes ilegais.

Se alguém levasse um tiro ou ficasse ferido no trajeto teria que se virar sozinho. Não haveria ninguém para socorrê-los. Cada um deveria tomar conta de sua própria provisão de água, elemento essencial durante a travessia do deserto de El Paso.

No dia seguinte, a excitação do grupo era muito grande. Infelizmente, na hora combinada, o telefone na casa toca e o traficante informa que não seria possível irem para a fronteira americana.

Os Patriots estavam na proximidade do ponto de travessia, segundo informantes do outro lado da fronteira. Teriam todos que aguardar. Isso se repetiu durante os quinze dias seguintes. Todas as noites a frustração dominava os ânimos do grupo de brasileiros na casa. Nada podia ser feito, a não ser esperar a oportunidade tão aguardada. A impaciência era visível. Pequenas brigas e discussões começaram a ocorrer. Ninguém tinha paciência para mais nada. Criou-se um clima insuportável, agravado pelo fato de não se poder ao menos dar uma volta na calçada da casa para não levantar suspeitas da polícia mexicana.

No décimo sexto dia finalmente as Vans chegaram para transportá-los para a fronteira. Todos se a apressaram em um alvoroço frenético. Chegou o grande dia. Tudo terminaria bem.

Todas as Vans se dirigiram para o mesmo local. Lá foram recepcionados por três coiotes, como eram conhecidos os traficantes que os guiariam pelo deserto. Um deles portava um rádio comunicador. Com esse equipamento era possível a comunicação com os comparsas do outro lado, que informariam continuamente qualquer movimentação da polícia americana ou mesmo dos Patriots. Após algumas instruções, a travessia teve início. Atravessaram o Rio Grande em barcos pequenos e chegaram do outro lado da fronteira. O deserto na frente seria então o seu maior desafio.

Após 3 horas de caminhada por entre os arbustos do deserto, enfrentando um enorme cansaço e as bolhas nos pés, ouvem barulhos de helicópteros. Como por mágica são surpreendidos pelos faróis das caminhonetas da polícia americana. Todos tentam se dispersar.

Tarde demais. Apenas os três coiotes e mais 4 brasileiros conseguiram se evadir. O restante do grupo foi preso. Sua viagem terminou com a volta para casa, deportado após uma espera de 4 meses sob custódia da justiça americana.

(Sobre o autor: José Bezerra de Menezes Filho é Engenheiro Eletricista e professor aposentado do IFPB)

A INCLINAÇÃO DE UM DESTINO?

Chamo-me Maria Tereza de Jesus, mas em vida todos me conheciam por Bá. Por Bá fiquei. Por esse codinome tão pequeno quanto eu; tão insignificante quanto eu, eu fui rebatizada! Vai-se esse relato singelo: Se hoje eu estivesse viva, teria cento e vinte e seis anos. Morri aos noventa anos. Portanto, ousou escrever trinta e seis anos depois de meu funeral. Não estou querendo imitar o Brás Cubas, longe disso. Para falar no diabo, por esses dias eu dei de cara com ele. Era o próprio! Está o mesmo velho rabugento e pessimista de sempre. Vive ele sempre a pensar nos vermes, aos quais a sua vida toda esteve dedicada. Pois bem, deixando às claras essa questão, dou por iniciada a minha breve estória...

Desabrochei em 1894 e, por mais que a Lei Áurea, de 1888, já estivesse em rigor, nascera eu dentro de uma senzala. No Brasil as coisas são assim, ocorrendo sempre em câmera lenta. Minha avó era escrava nata, minha mãe também fora. Eu, por mais que tivesse nascido dentro de uma liberdade prometida, nunca me senti totalmente livre. Fui uma criança que estava sempre a beirar o leito de morte, entretanto, quando o destino já está escrito não há meios de burlá-lo. Até os seis anos, eu vivi à base de ervas das mais diversificadas; de misturas medicinais feitos por minha avó. Aos oito anos, eu me despertei como toda. A rosinha negra que estava envergada sorveu a gota de seiva da mãe natureza e desabrochou esplêndida. Eu estava curada!

Daí em diante, eu fui ganhando formas nas lavouras do nosso senhor. O senhor Gomes Morais. Homem justo, a seu modo. Pouco tempo depois que eu me estabeleci, minha avó morreu. Eu e minha mãe sentimos a grande perda, silenciadas. Cada qual vivendo o luto a seu modo. Quando fiz eu doze anos, minha santa mãe abandonou a vida. Fiquei só. Toda a minha árvore genealógica havia sido consumida pelo tempo e pelas chibatadas que provavelmente sofrera. Estando eu sozinha, o senhor Gomes falou-me, pela primeira, abertamente, que eu era livre para ir. Mas ir para onde? Para ele poderia ser fácil dizer “você pode ir”... Entretanto, para onde ir quando tudo o que se tem é o nada? Para onde pode ir um pássaro, mesmo tendo suas enormes e plumadas asas, que nascera e crescera dentro de uma gaiola, depois de liberto? Saberá essa ave o rumo que deverá tomar?

Saberá ela bater as asas e planar voo? Saberá ela que fora da prisão há um mundo, possivelmente, mais largo e azul a esperando? Creio que não.

Assim eu me encontrava. Eu só conhecia até as fronteiras daquela imensidão de terra e mato. A senzala era a única fortaleza que me fora apresentada. Ela era o falso porto seguro depois de um dia inteiro de sol e cansaço do trabalho pesado na roça. Foi refletindo sobre essas questões que eu falei ao senhor Gomes:

– Senhor, para onde poderei eu ir se nada, além dessas suas terras, conheço?

– Bem, minha menina, isso é com você. – disse ele virando-me as costas.

Sem dúvida, o problema era meu. Ele declamava a minha liberdade. Eu poderia desde então lançar-me estrada a fora sem rota, sem destino, pelo simples fato de “ser livre”. Eu podia ser uma ave e alcançar os mais altos voos? Puderam! Na vida existem aqueles que dominam e os que são dominados. Não fora a natureza quem essa ordem estabeleceu, mas nós. Nós, os seres evoluídos. Nossas pulsões de vida e de morte andam sempre unidas. O sofrer do outro é um prato cheio para alimentar o mais obscuro de mim. Eu encarava a imensidão para além das fronteiras das terras do senhor Gomes... Havia só um infinito desconhecido.

Nesses momentos eu sonhava. Em meu sonho de criança esquecida no qual Deus viria igualzinho como minha avó contava-me nas estórias, eu esperava, esperava... Até eu descobrir que a vida não aceita os sonhos fora do espaço do sono. Vivi, por alguns dias, mergulhada numa tormenta terrível. Entre a liberdade e a prisão, nosso corpo e mente gritam pela primeira opção, entretanto o desconhecido é sempre amedrontador. Quem poderá julgar um cão que mesmo depois de ter sido abandonado por seus donos, continua os amando e os procurando?

O dia raiara e o prazo que o senhor Gomes me dera estava acabando. Eu tinha que escolher entre desertar de suas terras ou continuar como sua escrava-livre, a fazer as mil tarefas da casa grande com meia dúzia de pretas. Escolhi a segunda opção. Há quem possivelmente queira me julgar por tal escolha, no entanto, para estas, lanço nas mãos o próprio destino! Saí da senzala para a casa grande. A senhora era uma mulher doce. Minhas irmãs de cor pareciam gostar muito dela. Com o tempo afeiçoe-me a todas elas, inclusive a senhora.

Tudo soava bem, até o dia da chegada do sinhozinho Vicente. Por esse tempo contava eu dezesseis anos. Eu me tornara uma negra bonita, de boa forma.

Poucos meses depois da chegada do sinhozinho, ele me ordenara, para no dia seguinte, levar-lhe o café da manhã em seu quarto. Fiz o ordenado, toda inocente. Ao entrar no quarto, o senhorzinho cerrou a porta e então...

Pela primeira vez, eu provei, por dentro, a profanidade do mundo através do olhar e das ações do homem. Minha voz e minha recusa não eram nada diante do desejo daquele que mandava.

Meses se passaram... A senhora veio à falência. Havia tomado uma brisa má, quando voltava com o senhor de uma visita a casa de amigos. Um ano depois, o senhor Gomes morreu, sobrando o sinhozinho Vicente. Este era cruel! Controlador. Ele explorava a mim, e as outras pretas, como um monstro explora sua vítima. Ordenava-me a fazer para ele as coisas mais vergonhosas possíveis. Fui humilhada, violada e maltratada. Mas quem sou eu diante de um senhor?

Dois anos depois, esse se casou e teve filhos. Sua esposa era uma mulher de bom coração, entretanto, não era firme o suficiente para medir forças com o marido. Este a traía com todas as escravas e escravos. Certa vez, eu o vi obrigando um negrinho de treze anos a descer as calças e lhe virar as nádegas. A senhora convalescia. Três pretas, nesse decorrer de tempo, acabaram morrendo. Sobrando eu e mais três. Estávamos exaustas. A maioria dos escravos haviam sido libertos por lei. Dos poucos que haviam escolhido ficar, mais da metade fugiram na calada da noite por causa dos maus-tratos. O senhor Vicente se tornava cada vez mais cruel. Certa noite, ele, na frente da senhora, me ordenara a abaixar as vestimentas. Recusei. Ele levantou-se e me puxou pelos cabelos até o tronco, dando-me muitas bofetadas. Quando ele tentava me amarrar, a senhora veio e acudiu-me. A noite tornou-se uma tormenta...

A senhora vivia bastante desfalecida. Diziam as más línguas que era de desgosto do marido. E era de fato. Os filhos, eram três meninos, puxaram, todos, a índole do pai. A mãe vivia num verdadeiro inferno. Certa noite, a senhora pegou o senhor Vicente no leito de uma bela mulata recém-chegada. Os dois brigaram muito. No dia seguinte, o senhor estava morto.

Eu o matei. Matei-o em nome da minha senhora e, sobretudo, em nome de mim mesma.

Estava eu vingada não somente por mim, mas por toda uma geração humilhada. Mas algo saíra errado. O menino mais velho do senhor, que já contava quatorze anos, viu-me esfaqueando o seu pai. Fui levada à prisão. Lá fui jogada aos ratos. Noite sim noite, noite não, homens entravam na cela e abusavam de mim. Tornei-me um receptáculo de espermas.

Sem direito a banho, minha carne apodrecia. Os ratos começaram a me devorar. Eu gritava em minha loucura contida. Ratos, homens, baratas e percevejos eram os animais que me devoravam na prisão. Fui esquecida. Já convalescida, retiraram-me do cárcere e me jogaram numa vala, no leito de um rio. Fui levada pela correnteza até estagnar-me meio aos juncos e plantas aquáticas, sendo por fim sugada até o último suspiro de vida por sanguessugas. Eis minha sentença! O preço por uma existência! Eis o que a vida reservou para uma rosa que por força do destino nasceu tingida.

Hoje estou aqui, em um local em que não se pode pronunciar o nome. Cá eu vejo muitos dos meus. Vejo outros também. Não é o Paraíso prometido, mas é uma dimensão melhor do que a Terra. Mais de cem anos depois, eu vislumbro o meu antigo lar e percebo que as coisas mudaram apenas de roupagem, de nomes e codinomes. Na realidade, as mudanças que ocorreram foram mínimas. E, para ser sincera, quando penso no futuro dos humanos, eu sangro sem sangue. Sangro de tormenta e dor. De medo do... Em calafrios.

(Sobre o autor: Sandro dos Santos Nascimento é graduando em Letras pela UFPB, e professor bolsista de Literatura do Projeto PET/Conexões de Saberes (UFPB), amante da literatura e aspirante a escritor.

O PASTOR

Talles acorda em seu quarto úmido, escuro e sem janelas, apenas uma luz que entra numa pequena fresta no banheiro que fica do lado oposto da cama. Pintura bege e com umas manchas de mofo nos encontros da parede com o teto. Ele se vira, pega a sua Bíblia marrom gasta nas margens, acende a luz amarelada do abajur, abre em uma página marcada em Jó 42 e lê, onde tem uma parte que está grifada de marca texto amarelo:

“Então respondeu Jó a Deus, dizendo: Bem sei eu que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido...” e finaliza com: “...depois disso Jó viveu cento e quarenta anos; e viu a seus filhos, e aos filhos de seus filhos, até à quarta geração. Então morreu Jó, velho e farto de dias.”. Talles fecha o livro, dá um respiro e entra no banheiro, toma banho, se veste, entra na cozinha com uma calça preta, camisa manga longa cinza e prepara o seu pão com queijo e café com leite. Pega o seu banquinho de madeira de três pernas, sua bolsa a tiracolo de couro sintético, sai de casa e fecha a porta.

Dentro do ônibus ele observa cada pessoa que entra e sai. Vê os detalhes das ruas e uma vez e outra olha para trás. Desce no centro e vai a um local bem aberto onde passam várias pessoas. Senta-se no banco, que fica debaixo de uma árvore e pega a Bíblia, uma menor que a outra e preta. Olha no celular, que marca 16 horas. Levanta-se, vai ao centro do Ponto de Cem Réis, de frente para vários aposentados jogando dominó, cartas, xadrez e os ambulantes de frutas da época. Coloca o banquinho no chão, sobe nele.

- Boa tarde a todos, sou Talles e vim aqui pregar para vocês. Não quero dinheiro, quero, em nome de Deus, que prestem atenção ao que fala a palavra do Senhor. Como diz na Bíblia em Efésios 4:32: Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdendo-se mutuamente, assim como Deus perdoou vocês em Cristo...

Neste momento em que Talles faz a sua pregação, seus pensamentos se transportam em uma rua de barro, à noite. Em que há apenas ele e mais uma pessoa. Uma mulher e ela responde.

- Eu gostaria muito que você fosse meu amigo. Realmente.

Talles dá a volta no carro e abraça-a, olha em seus olhos: “Vamos à praia”.

Então, sentam-se na areia e conversam sobre a vida, universo e tudo mais. E num pequeno vento, ele tira sua blusa xadrez que está ao seu lado e cobre-a e neste momento, ela se aproxima e cobre-o com seus braços e dá um beijo na boca. Tudo escuro, sem som, só sentindo o momento.

Seu corpo perto dele, seus lábios, línguas brincando entre si. As mãos tentando serem delicadas e, mesmo assim, fortes para ficarem mais perto. A vontade de meses, sendo saciada nestes minutos e horas. O carro para na frente do prédio, depois de um tempo os vidros ficam embaçados e depois, Talles abre a porta do carro, vai na porta dela e abre-a. Ela sai e tiram umas fotos juntos para marcar o primeiro dia. E ele diz: “Até amanhã!”. Se beijam.

Talles dentro do apartamento, todo claro, com uma grande varanda e bem ventilada, paredes brancas e uns quadros pendurados. Escuta alguém bater na porta. Ele abre e a vê: - Sara?! E essa mala?

Ela responde: Qual das duas? Vieram morar contigo. Você me chamou e eu vim.

Sara está com outra roupa, era dia e grita: - Estou chateada, vou aqui fumar.

- Sara, não acredito que vai fazer isso por uma besteira. Fica aqui. Larga esse celular e deixamos esse dia em paz.

O celular dela toca. - Hugo depois eu falo.

- Seu ex de novo. Porra, tudo que ele fez contigo, nem seus pais gostavam dele e ainda fala com ele. Mas, vamos fazer assim, vou fumar contigo... Quem sabe ficamos mais unidos.

Pegou o cigarro, ela toma violentamente de sua mão.

- Você não fuma!

- Se faz bem para você quando está chateada, eu também vou.

Sara coloca a mão a frente dele e permanecem distantes. - Vai não.

- Então, seu ex gostava de fumar contigo, por que todo dia ele liga para você ou manda mensagem? Ele nem mora mais aqui. Foi embora com o seu dinheiro, te fez de besta...

- Vamos mudar de assunto!

- Vamos não. Se você que fazer mal a si própria, então vamos juntos.

Talles pega o cigarro de volta.

- Solta isso Talles. Que senão vou embora.

- Atrás dele?

Silêncio...

- Sabe que não sou mulher para isso.

Talles enfurecido dá um murro na parede e quebra uma foto dos dois no primeiro dia que se beijaram. Sara se assusta, empurra-o para o lado, entra no quarto. - Eu vou embora. Não toca em mim.

Talles fica imóvel, com as mãos sangrando, pega a foto em suas mãos e escuta Sara ligando para irmã para vir buscá-la. Ele senta no chão com a foto na mão.

Ela pega uma bolsa, coloca suas roupas dentro e ao passar na sala, abraça-o:

- Fica bem. Não faz nenhuma besteira. Babi tá vindo fazer companhia.

E sai do apartamento. Talles fica sentado sem reação, só pedindo que o perdoe pelo ato.

No Ponto Cem Réis, com várias pessoas ao seu redor ele fala: “Dize-me, ó tu, que meu coração ama, onde apascentas o teu rebanho, onde o levas a repousar ao meio-dia, para que eu não ande vagueando junto aos rebanhos dos teus companheiros.” Cânticos 1:7.

Neste momento, ele vê Sara sendo iluminada pelos raios dourados do sol e ela abre um sorriso. Ele também para a sua pregação, sorri de volta. O tempo para, as pessoas somem de sua vista e só há Sara no Ponto de Cem Réis.

E vem outra pessoa, abraça-a e dá um beijo na boca e ficam abraçados no meio do vão.

Talles volta a si e diz a todos: - Não voltem a pecar. Deus abençoe a todos. Desce do banco, recebe alguns apertos de mãos, outros elogiam com os olhos marejados e ele retribui com os mesmos gestos. E anda em direção ao viaduto, desce pela rua lateral e vai ao centro histórico.

Talles sentado em um banco no Hotel Globo vendo o pôr do sol, vem uma borboleta e pousa em sua perna. – Eu sou Talles para sempre, não importa o que eu faço, sempre serei Talles. Posso escolher meu destino, posso querer que eles sofram, mas decidi pregar todos os dias à tarde sobre o ato de perdoar e assim, ela me veja e saberá que estou bem...

Espero que tenha me visto e que agora encontrei a minha paz quando no dia que decidi pular da janela do meu apartamento e quando abri a porta para colocar o lixo para fora, havia uma Bíblia no chão.

O sol se põe, ele se levanta e vai ao ponto de ônibus e volta para casa. E em seu quarto está a sua Bíblia aberta e a foto amassada deles dois.

(Sobre o autor: Bruno Vinelli Nunes de Oliveira Araujo é natural de João Pessoa/PB. É um desenhista frustrado que foi para a fotografia. Formou-se em cinema e audiovisual e sonha ser professor para ver seus alunos ganharem o mundo)

UM SAX PARA DOIS

Nunca volte para onde você foi feliz. Está tão bom aqui. O que você vai fazer lá fora?

Na poltrona junto à cama, o sax reinava soberano, quando os dois entraram no quarto. A jovem, curiosa, afagou todo o cômodo com o olhar. Seus olhinhos miúdos, encantados, detiveram-se, sobretudo, no sax. Polido, o instrumento beijava o olhar da jovem com a sua luz. Era o próprio sol diante do amor, enquanto a lua amansava lá fora. Os olhos da moça brilharam tanto, que o jovem encorajou-se a perguntar:

— Você gosta do som?

— Oi? Você disse alguma coisa? — inquiriu, abrindo levemente a porta de sua distração.

— Eu perguntei se você gosta do som do sax.

— Ah! — ruborizou, momentaneamente. — Eu adoro! Sou loucamente apaixonada! — E sorriu, tímida. — Acho extremamente sensual.

— Quer que eu toque um pouco?

Seus olhos cerrando-se, enquanto o sorriso se alargava em seu rosto, foi a melhor resposta possível. O rapaz, levemente rubro, aproximou-se do astro rei e tomou-o entre os dedos. Desta vez, foi ele quem fechou os olhos.

O som, sinuoso, dançava para a jovem; enlaçava-a. Ela sentia cada mínima parte do seu corpo fundir-se aos acordes e entregar-se totalmente em seus braços. Seu prazer era tamanho, que o sorriso mantinha seus olhos fechados. Ela, ainda de pé, desmanchava-se. Tanto, que o rapaz teve a nítida sensação de que ela iria cair. Talvez caísse em algum sonho. Talvez sonhasse em acordar. O rapaz, percorrendo o sax, a observava tão extasiado quanto ela própria. E, ao terminar a canção, aproximou-se da jovem e sentiu-a regressar parcialmente de seu transe. Ela, ao percebê-lo contemplando-a, cerrou os olhos rapidamente e abriu-os em seguida. O movimento de suas pálpebras era tão sutil, tão doce, que derreteu o jovem músico:

— Por quem seus olhos dobram?

— Meus olhos? — repetiu, os olhos semicerrados. — Por você.

A mão do jovem, nesse instante, acariciou o rosto dela com o mesmo êxtase com que, ainda há pouco, acariciara o sax. O coração d'ambos batia freneticamente. Os olhos dele desmanchavam-se tanto quanto os dela.

As bocas, aos poucos, se roçaram, se massagearam, se acoplaram uma à outra. Foi tão profundo. Tão intenso. Ela, em seus braços, via-o de dentro.

Agora, os olhos já não se viam mais. Eles estavam tão fundidos, tão imersos um no outro, que já não precisavam olhar-se para desnudarem um ao outro. Sem nenhum som, exceto o da respiração, conseguiam sentir como estava o olhar próprio e o alheio; se os olhos estavam brilhando, inquietos ou desmanchados. Um sorria para o outro e este sorriso irradiava por todos os poros; por todas as carícias.

Nunca volte para onde você foi feliz. Esteja onde você é feliz. Ser feliz é o que se quer. O que você vai fazer lá fora?

(Sobre a autora: Sara Regina Carvalho Lacerda é natural de João Pessoa/PB. Tem 5 textos publicadas em meio impresso: Amor Pessoense (crônica, 2007), Lucidez Oteliana (conto, 2013), Mente dormente mente (poesia, 2013), Mutação (conto, 2019) e Síndrome de Pestana: fazer arte ou sobreviver (crônica, 2020).

V & K - A MÁSCARA DO AMOR

V entra na sala e procura por seu familiar. Na recepção recebe o comunicado de que sua querida Grande Mãe infelizmente não resistiu à Covid-19. Assim, voltando para sua casa, ao pegar um lenço no bolso para secar as lágrimas, V deixa sua chave cair. Porém, alguém percebe e corre para pegar a chave e devolvê-la. K entrega a chave e percebe que V está chorando e pergunta se pode lhe dar um abraço, recendo sinal positivo. Um abraço fraterno acontece entre V e K. Depois, V e K seguem para lados opostos. Na verdade, V e K sequer viram seus rostos por conta das máscaras que as utilizavam no primeiro encontro.

Alguns dias se passam e V não deseja sair de casa, mas é preciso voltar à universidade para dar prosseguimento ao seu trabalho de conclusão de curso (TCC) no curso de Medicina. V não consegue entrar na universidade por conta das restrições impostas pelo novo coronavírus e recebe orientação de que os professores estão atendendo de forma remota, recebendo da funcionária da instituição os contatos dos docentes. Caminhando pela calçada da universidade, V se dirige até o Café SM e pede um capuccino. Na mesa ao lado está K degustando um café com quarenta, comida típica do lugar. Depois de fazerem suas refeições e colocarem suas máscaras, V se virá e reconhece K pela máscara que nela contém a letra K em branco no fundo vermelho. V então se dirige até K e agradece sua gentileza noutro dia. K dá outro abraço em V e parte sem nada dizer. Cada qual segue para um lado.

Já em casa, K adormece e sonha com V. No dia seguinte, ao acordar com batidas na sua porta, K recebe a visita de D, que avisa sobre o término do relacionamento e que irá viajar para Bangkok porque recebeu uma proposta de emprego e que não deixará passar a oportunidade por conta de ninguém e assim, se retira deixando K com uma lágrima no olhar. Em seguida, K recebe uma ligação telefônica que diz que é preciso ir ao banco porque foi constatada uma atividade suspeita de hackers em sua conta. Ao chegar ao banco, K esbara em V e ao perceber que K está com um semblante triste, V abraça K. Depois de um abraço apertado, V cria coragem e pede o WhatsApp de K, que lhe repassa imediatamente. K está com a mesma máscara, porém V com outra. V pede para ver o rosto de K sem a máscara.

Ao direcionar as mãos para tirar a máscara, K é repreendido pelo vigilante que lembra de que não deve fazer isso, uma vez que irá infringir as leis locais e poderá receber punição severa. V pede perdão pelo pedido e sai repentinamente do banco. K entra na sala do gerente e resolve sua situação.

V não saber se envia mensagem para K por meio do WhatsApp que conseguiu, pois a timidez fala mais alto e o coração fica mais apertado com a dor da ausência da Grande Mãe. A incerteza toma lugar na mente e no coração de V. Na sua casa, K não para de pensar em V e olha o celular na expectativa de receber uma mensagem. Nada acontece. K também sente a dor da partida de D e se sente mal, indo parar no FAITH hospital. Após tomar a medicação, K recebe alta e com medo da infecção pelo novo coronavírus, sai às pressas do hospital. No caminho para casa, para no supermercado e dá de cara com V, que está lá fazendo compras. K questiona V por não ter enviado nenhuma mensagem. V baixa a cabeça sem esboçar nenhuma palavra. K percebe a timidez de V e levantando sua cabeça, olha nos seus olhos e diz: Sinto que você é especial. K deixa o local e V mesmo com a máscara, sorrir demonstrando ter gostado das palavras que foram ditas.

Duas semanas se passam e os casos de doenças se agravam no mundo diante da Covid-19. Os telejornais noticiam mortes a cada momento em diferentes lugares do mundo e vendo o cenário que se desenha, V cria coragem e envia uma mensagem para K com os seguintes dizeres: Boa noite, como você está? Sou eu, a pessoa que gosta dos seus abraços. Infelizmente, K não responde a mensagem. Então, V dorme.

No dia seguinte, K acorda e se sente mal, volta ao hospital e desta vez seu exame apresenta resultado positivo para o novo coronavírus. Sequer pode ver a mensagem de V em seu celular, uma vez que o aparelho descarregou. Recebe as orientações básicas e deve ficar de quarentena em casa, já que o caso não é grave. Enquanto isso, V fica triste por não ter recebido resposta de K. Em casa, no condomínio Altos de Trancoso, K repousa e, enfim, carrega o seu celular e ao conferir as ligações e mensagens, vê a mensagem de V e lhe responde: Estou com coronavírus, mas estou bem. E você? Amei sua mensagem, gosto muito da sua timidez. V responde de imediato: Desejo melhoras. Vou pedir a Deus com carinho por sua saúde. K agradece e dorme.

Passado um mês, D volta de viagem trazendo na bagagem a decepção pelo emprego perdido e a tristeza de ter abandonado a pessoa que dizia amar. Corre até a casa de K, que lhe recebe com ar de surpresa.

D explica que perdeu tudo e que quer voltar a ter um relacionamento com K, que rejeita a proposta de imediato. D vai embora com a mesma decepção e tristeza de antes, só que agora sabendo que o coração de K bate por outra pessoa.

K liga para V e marca um encontro no café SM às 10 horas da manhã no dia seguinte, já que a doença não mais se apresenta em seus exames médicos. Enfim, o grande dia chega e será que seus rostos serão enfim revelados? V chega e em seguida K, que se senta ao seu lado. Depois de uma conversa agradável, V e K propõem retirar a máscara ao mesmo momento. Ao se olharem fixamente, K e V contemplam seus rostos e a beleza neles estampada. Um momento único, até que D chega e atrapalha tudo. Faz um desabafo e parte para agredir V, porém K não permite. D volta para o seu carro e sai em disparada.

K perde desculpas pelo ocorrido e V faz um pedido: Gostaria que você me desse um presente.

K faz gesto positivo com a cabeça e questiona V: O que você deseja?

V então diz: Sua máscara.

K aceita: Com certeza, já é sua. Mas por que está máscara?

V com seu sorriso puro fala: Porque é a máscara do amor para mim.

K entrega a máscara e abraça V.

(Sobre o autor: Isaac Newton Cesarino da Nóbrega Alves é Licenciado em Letras e Bacharel em Arquivologia)

BETTY, EU NÃO AGUENTO MAIS

Olhava-se refletida no vidro da janela sobre a pia, fingindo que não se importava com as linhas faciais que começaram a se acentuar nos últimos anos. Betty tinha dito que era por causa do estresse e porque ninguém mais a ajudava nesse inferno de vida. Gostava de conversar com sua irmã, ela a entendia. Mas havia um certo limite: quando era aberta a quinta latinha de cerveja. Além disso, não conseguia ir até lá toda hora. A estrada era longa até a clínica de reabilitação, e ela não tinha com quem deixar sua filha de oito anos.

“Mãe, e o pai?”, perguntou a criança de repente, detrás, como se tivesse saído de seu pensamento e se materializado na cozinha. Sua mãe sobressaltou-se um pouco. Encarou a filha como se, por breves segundos, ela nem fosse sua, mas, ao assustar-se com tal pensamento, afastou-o imediatamente.

“Que foi, meu anjo? Que tem teu pai?”

“Ele ainda não chegou? Disse que ia me levar na escola hoje. E prometeu que vai ter sorvete de sobremesa depois do jantar!”, disse, com um sorriso.

Tentou dar uma resposta, mas não se lembrava de nada que seu marido pudesse ter comentado quando a trouxe ontem à noite.

“Ah, meu amor, não sei... Talvez. Ele anda meio ocupado ultimamente, sabe?”

“Mesmo?”, questionou, com sua expressão já murchando e, como sua mãe bem sabia, preparando-se para mais uma decepção com as promessas do papai. “Mas hoje ele disse que era sem falta.”

Se Betty estivesse ali, desabafaria com a irmã: “Como ele pode torturar tanto a guria? E ela sempre acredita na mesma coisa, parece que se esquece das palavras do cretino”.

“Vamo fazer assim: hoje quando eu te buscar, a gente para naquela barquinha da esquina da escola. Pode ser?”, sugeriu, com uma já conhecida dor no coração por ter quebrado as esperanças da pequena.

Apesar de cabisbaixa, como se tivesse sentido um balde de água fria ter caído sobre si, ela se esforçou o máximo que pôde para dar um sorriso à sua mãe, que, depois de terminar de lavar o último prato da pilha de louça suja, preparou-se para levar a menina para a escola.

Passaram o caminho todo cantarolando as músicas do CD da Xuxa, que tocava sem parar no rádio do carro quando viajavam juntas. A mãe estacionou, abriu a porta e esperou sua filha descer para receber o abraço apertado de despedida.

“Promete que vai ficar comportada?”

“Eu sempre fico.”

E sua mãe acreditava. Nunca recebeu grandes reclamações das professoras. O único comentário que ela ouviu na última entrega de boletins tinha sido o desânimo que perceberam na garota em certos dias da semana. Não se surpreendeu quando ligou os pontos e descobriu que eram os mesmos dias em que seu ex-marido deveria ir buscá-la e que, no final, ele nem aparecia. Guarda compartilhada uma bosta! No fim das contas, era ela quem cuidava a maior parte do tempo. Não estava chateada por ser mãe, não, nunca reclamaria disso. Estava irritada por ele não cumprir nem metade de seu trabalho de pai, como sempre.

“Tchau, mãe. Até depois.”

Ficou assistindo, pelo retrovisor, à filha caminhar sem grande entusiasmo para seu grupo de amigas e entrar no prédio de aulas. Instintivamente, reparou de novo em suas rugas e pés de galinha. Depois, baixou bem as janelas de seu carro e tirou de sua bolsa o maço de cigarro que estava esperando ansiosamente para abrir e finalmente conseguiu dar uma tragada para aliviar todo aquele peso de culpa. Culpa? Até isso ele conseguia fazê-la sentir. Inspirou fundo e prendeu a respiração. Soltou-a em espaçados intervalos. Num movimento brusco, pegou seu celular e ligou para o escritório.

“Oi? Carla? Sim, sou eu. Carla, meu amor, tu poderia avisar que não vou conseguir ir aí hoje? É minha filha. Tá com uma febre altíssima e o munição do meu ex-marido não atende minhas ligações. Eu tô desesperada aqui, Carla. Preciso levar ela no posto porque não melhora de jeito nenhum... ah! Tudo certo mesmo? Tem certeza? Tu dá o recado por mim? Muito obrigada, meu amor... Te aviso, sim. Assim que puder, te dou notícias, obrigada...”

Pensou se deveria sentir-se culpada, mas concluiu que não tinha mentido por completo. Seu ex-marido realmente nunca atendia as suas ligações. E estava precisando de um tempo, estava mesmo. Trocou o CD da Xuxa pela rádio FM, deu ré e seguiu trajeto, torcendo para que ninguém do trabalho a reconhecesse no meio do caminho até a clínica.

Chegando lá, foi imediatamente ao encontro de Betty, que quase sempre passava o tempo descansando na parte menos ocupada do jardim, onde batia uma sombrinha e podia ficar sentada, de vez em quando tomando uns tragos... que foi a situação em que a encontrou nesse momento.

“De novo isso?”, foi a primeira coisa que falou à sua irmã.

Betty, que a tinha visto chegar de longe, disse sem se perturbar:

“Álcool não tem problema, tu sabe. Eles tão preocupados com drogas mais pesadas.”

“Cerveja também é ruim, tu sabe. Pode matar.”

“Tô ouvindo pela primeira vez”, e deu um sorriso sarcástico. “O que aconteceu agora?”

Tomou um assento ao lado de Betty, que fungou duas vezes perceptivelmente: “Olha se não é a dona Cheiro de Cigarro que tava tentando me dar lição de moral dez segundos atrás”.

Como resposta, ela apenas colocou as pontas dos dedos nas têmporas e começou a massageá-las sem parar.

“Perdão, perdão. O que houve, afinal? Ele não apareceu ontem?”

“Ontem sim. Por um milagre”, suspirou.

“Então? Não entendi.”

Parou com os movimentos e fitou-a diretamente nos olhos: “Betty, eu não aguento mais”.

Betty permaneceu estática. Estava acostumada a ver sua irmã daquele jeito, frágil e desolada, já que ela vinha procurá-la nos momentos mais difíceis. Mas parecia que havia algo diferente dessa vez.

“Calma, calma. Respira. Ele falou alguma coisa?”

“Não. Ele não fala nada.” Mais uns segundos e não conseguiu aguentar, rompendo num desesperado desabafo: “Nada! Não atende, aparece quando quer e pega a nossa filha sem nem me avisar com antecedência. E eu não posso fazer nada. Pergunto pronde é que eles vão, mas nunca tenho resposta”.

“Não é melhor falar com o advogado, mana?”

“Que o advogado vá pro Diabo! Não conseguiu nem me entregar a guarda total. Nem isso... E o pior é que ela ainda gosta dele. Daí eu tenho que inventar desculpas quando ele não faz as merdas, entende?”

Papai tá procurando emprego, papai teve um contratempo, papai não vai poder vir hoje. É claro que quando ele vem é uma maravilha. Então ela volta pra casa com esperança, só pra ficar triste depois, quando ele não cumpre a promessa.” Interrompeu-se por um momento para enxugar as lágrimas que estavam formando-se nas extremidades de seus olhos. “Assim parece que sou eu que deixo ela infeliz. Agora mesmo ela tava comentando sobre o sorvete que ele prometeu ontem. E eu acabo sendo a chata que fala que não vai acontecer. Mesmo ficando com todo o trabalho... Ah, não sei mais. Já tô sem energia.”

Betty pigarreou antes de tomar outro gole de sua latinha de cerveja. Ficou um tempo contemplativa, observando o vento bater nos galhos das árvores. Às vezes era tão difícil perceber que existia calma neste mundo. Com a vida perturbada que antes tinha, não conseguia. De jeito nenhum. E suspeitava que a irmã também não. Olhou para ela ali, afogada em preocupações dilacerantes sobre sua filha que amava tanto e pela qual daria sua vida, Betty tinha certeza disso.

Também teve certeza de que a solução que encontrou para si no passado para fugir daquele turbilhão não ajudaria sua irmã no presente. Seu abismo era diferente.

“Ele que se foda.”

“Quê?”, exclamou sua irmã, sem entender direito.

“Isso que tu ouviu. Que se foda. Hoje vocês duas vão curtir um sorvete juntas. Tu vai sair daqui, voltar à luta. Tô te falando. Tá difícil agora mas daqui a pouco vai melhorar. E tu sabe que eu nem sou otimista nem nada parecido. Te falo as verdades. Se ele não faz o que promete, vai lá e faz tu. Quem tá perdendo é ele. Vocês duas seguem fortes, mãe e filha.”

“É, mas...”

“Mas nada. Eu confio em ti. E para de cobrir as cagadas que ele faz. Ele não apareceu? Não inventa desculpas. Deixa que ele mesmo se explique pra ela na próxima vez. Eu sei que é difícil, mas, se tu continuar acobertando, só vai tar iludindo a guria. Entendeu?”

A irmã parou para pensar por um momento e esboçou uma expressão melancólica.

“Eu só acho que às vezes vou desabar.”

“Não vai”, garantiu Betty.

“Como pode tar tão certa disso?”

“Porque eu desabei. E não vou deixar acontecer contigo. Tu tem eu. Tu tem tua filha.”

“Tenho... pelo menos por enquanto. Eu sinto ela tão longe de mim, Betty, que não gosta de ficar perto de mim... Sinto que ela tá escapando.”

“Então tu não vai deixar escapar. Ouviu?”

Como não obteve resposta, Betty repetiu, enfática.

“Tá bem”, disse enfim sua irmã, tentando ser forte, e então tateou com a mão o isqueiro que trazia no cós da calça para acender outro cigarro. “Tá bem.”

Após isso, ficaram conversando a tarde toda. Betty perguntou se não havia nenhum pretendente ou algo parecido à vista, o que a irmã negou veemente.

Por enquanto era focar no trabalho. “Que trabalho o quê! Tá aqui comigo papeando!” Choraram um pouco, deram risadas. Quando o sol já estava enca-minhando-se para o repouso, ela deu um abraço em Betty e agradeceu-lhe por tudo mais de uma vez. “Nem te fia”, disse Betty, “Só precisa me fazer um favor.” Na saída, jogou os cigarros na lixeira, assim como a irmã pediu, porém com certa relutância.

De volta à escola, esperou pela filha sentada no banco de pedra do pátio, junto com os outros pais. Tentava reconhecê-la entre as dezenas de pequenos corpos que corriam apressados. Normalmente a garota ficava por último. No entanto, subitamente notou seu rosto em frente à multidão, e mais: com um sorriso de orelha a orelha, dirigindo-se a ela. Ah, estava tão alegre, tão contente! Fazia tempo que a filha não ficava tão feliz em vê-la. Sua irmã estava certa, as coisas iam melhorar. Bastava erguer a cabeça e seguir em frente. Agachou-se e abriu seus braços para receber a garota, que nem sequer havia percebido que sua mãe lhe aguardava. Passou correndo, gritando “Papai, papai!”.

Sua mãe levantou-se e seguiu-a com o olhar. Atrás de si, seu ex-marido também estava agachado e de braços abertos. O desprezível estampava uma felicidade quase caricata no semblante. Ela procurou algum traço de envelhecimento naquela cara manipuladora e cerrou os dentes quando não encontrou nenhum. Ele ergueu a filha bem no alto com seus braços e perguntou “Ah, minha menina! Como foi a escola?”.

“Foi muito legal!”, respondeu ela, entre cócegas e risadas. “Bem legal, papai. E teu dia?”

“Eu passei o dia todo contando os segundos pra te encontrar. Sabe de uma coisa? Acho que o papai não consegue esperar até depois da janta. Que tu acha da gente pegar agora uma casquinha ali na esquina? Hein?”

“Sim! Vamo, sim!”, disse ela, sorridente, agarrando-se ao pescoço do homem.

A escola começava a se esvaziar, e ele finalmente encontrou os olhos fuzilantes de sua ex-mulher, estacada sozinha no meio do pátio feito uma estátua de pedra, fria e vingativa. Antes que sua filha pudesse perceber, ela disse de longe, silenciosa mas articuladamente para que ele pudesse entender, sem dúvidas, cada movimento de seus lábios:

“Seu merda.”

(Sobre o autor: Luís Henrique Leiria Pinheiro é natural de Porto Alegre/RS. É estudante de Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Crônicas

A SAGA DE UM MATRIMÔNIO AURICULAR

Fone de ouvido. Sempre fui o maior assassino desses acessórios, até porque muito me parece que os que são baratos são descartáveis, pois, dado o prazo de uma ou duas semanas, estão inutilizáveis. (Maldita obsolescência programada.) Assim, se valendo do velho ditado em que o barato sai caro, criei um verdadeiro cemitério de fones de ouvido baratinhos que queimaram.

Por isso, sempre digo que esses aparelhinhos são uma das maiores bênçãos e maldições já inventadas pela humanidade. Ora te elevam ao céu: quando estão prestando; ora te rebaixam ao mais humilhante castigo que existe: ter que procurar os jeitinhos e posições exclusivas para que funcionem. Pior ainda é quando o seu fone te dá uma sentença mortal horrível: só um lado funciona.

Onde pretendo chegar? Durante o período em que o mundo parou por uma doença desgraçada que está à solta, experienciei o iceberg que me levou a finalmente me divorciar do uso de fones de ouvido. Diria que foi uma renúncia ao nível do fumante que larga o seu cigarro, pois, a princípio, igualmente me causou severa crise de abstinência.

Tudo começa no último ordinário fone que tive. Como quase todos os outros, foi o fruto da apropriação de algum dos meus irmãos. Experienciei todos os estágios em sua plenitude: escutei as novas da tailor Súffite e da leide gaga; me prestei ao nível de ajustar a posição certa para o funcionamento e, finalmente, aceitei o destino final de todos os fones: funcionar em só um lado.

Ao mesmo tempo, me vi no fim do meu esquema ilegal de desvio de aparelhos dos meus irmãos, pois eles decretaram ordem de restrição a todos os seus pertences, para que eu mantivesse distância. Porém, como gosto de manter discricção em tudo o que escuto, (por motivos óbvios: sou adolescente), decidi por me manter escutando por uma orelha só.

O resultado? O óbvio. Gradativamente, me tornei cada vez menos dependente do objeto que antes era de uso compulsivo. Foram eras sombrias, onde me tornei distante das ondas sonoras que salvavam o meu dia.

Como que para me salvar do mundo das trevas, aparece meu irmão com o fruto de um oportuno garimpo das tranqueiras velhas da família. Na verdade, não se tratava de garimpo, pois o achado era arqueológico. Datado em aproximadamente quatro anos, um headset antigo contendo sistema de áudio e microfone.

Estava certo que não era nada como o que poderia ter de atual para o momento, pois os novos modelos possuem uma cacetada a mais de enfeite. Mas, o aspecto antigo daquele dispositivo, certamente, atingiu profundamente meu coração. O cabo era sintético, o que significaria que o grande risco de danos estava neutralizado. Foi casamento arranjado, mas foi amor à primeira vista.

Ouvir a minha primeira música com ele, foi uma verdadeira cerimônia nupcial. E já que entrei em toda essa paranoia, decidi humanizar ainda mais meu fone de ouvido colocando nele algum nome. Pensei em vários nomes: Igor, Emilly, Mikaelly, Manoel, Laryssa, Suellen, Severino Bruno ou Eduarda. Por fim, decidi nomeá-lo de Robson, pois me pareceu mais diferente.

No começo, me senti em um verdadeiro teste de fidelidade, pois era vergonhoso usar esta velharia em público. Porém, os meses de convivência me despiram da vergonha para me colocarem em profunda hipnose: Robson e eu nos tornamos só um. Para mim, isso significava andar com o cabelo amassado sempre no lugar onde o fone ficava; para meu parceiro, significava o eventual encharcamento do suor de minhas orelhas.

Aliás, aquele ano foi louco. O mundo passou por pandemia, e ficamos meses em quarentena. Aqueles vários momentos em casa, trancado em meu quarto me fizeram encarnar ainda mais na minha viajada ideia de que estava em um relacionamento sério com um dispositivo de entrada e saída de áudio.

Se você se identifica comigo, já parou pra pensar na relação de dependência que é criada. Talvez eu diria que o ciclo minúsculo de vida desses produtos nos ensinaria alguma coisa sobre o tempo que temos com as pessoas que amamos... Mas seria ingênuo demais transformar essa estratégia de vendas em uma fábula com moral da história pomposo.

Quanto ao Robson, posso dizer que eu mesmo fui responsável por seu fim. Um fim que não foi épico, porque envolveu a fratura de um de meus braços. Pulinhos na cama, fio do fone, tropeçar, cair...

Deu pra imaginar o que aconteceu. Para a minha desgraça, o demônio ainda funcionava por um lado, lado esse que por um bom tempo não tive o funcionamento do braço.

Em romances, tragédias são idealizadas como o momento de reaproximação, onde os dois protagonistas fazem cera pra render um pouco mais de trama. Os mais “afobados” irão avançar para as últimas páginas, onde buscam receber algum sinal de como tudo irá acabar.

E, avançando para os últimos momentos desta união, eu já te ajudo dizendo que essa história rompe com o tradicional felizes para sempre.

Por sinal, eu tive zero intenções de ser romântico aqui porque contei do divórcio antes de contar do casamento. Toda a minha questão com essa história é pela cilada que a vida e os relacionamentos de verdade me puseram. No exato momento em que conto essa história para mim mesmo, pela quinta vez fecho a parte de trás do meu carro com todos os meus pertences e, com um chute na bunda, me despeço do meu quinto cônjuge.

Já adulto, meu ganha-pão é trabalhar em uma oficina de conserto de eletrônicos. Com rapidez e eficiência, aprendi a consertar todo tipo de aparelho de som. E isso me leva a pensar duas coisas:

Diversas sondas enviadas para o espaço, mas não fizeram aparelho de som que preste;

O que dura menos? Casamento ou fone de ouvido?

(Sobre o autor: Daniel dos Santos Lima Araújo é estudante do IFPB, Campus Patos)

UM COVEIRO NA JUSTIÇA ELEITORAL

Era a época das eleições de 2004. O Cartório da Zona eleitoral precisava de mais funcionários requisitados da Prefeitura. O chefe, na pressa, fez um ofício rápido, e pediu o número ao funcionário, que disse: - Eu não estou conseguindo achar a pasta de ofício. Então o chefe fez um ofício sem número pedindo à prefeitura um funcionário para tomar conta das urnas.

No outro dia, o funcionário do Cartório eleitoral chegou para o chefe e disse: - chefe, já chegou o funcionário para tomar conta das urnas - é um coveiro! E aí o chefe explodiu: - O quê! Um coveiro! Esse prefeito é analfabeto?

Mas depois ponderou quando o funcionário disse que o cartório estava com poucos funcionários e não se podia, em ano de eleição, rejeitar nem que fosse um coveiro.

O chefe aceitou contrariado, mas, mesmo assim, foi falar com o secretário do prefeito que só sabia assinar o nome e mesmo copiando a assinatura de um pedaço de papel com sua assinatura.

O secretário foi logo afirmando: - Vocês pediram um funcionário para cuidar de urnas e eu me lembrei na hora de urna funerária que o povão chama de caixão e mandei um coveiro.

E realmente o coveiro ficou encarregado de cuidar das urnas eletrônicas, espanando, levando na cabeça, transportando e vigiando. E ainda recebeu o pagamento das horas extras nas eleições. No dia da devolução à prefeitura, o feliz coveiro filosofou: -Doutor chefe, eu pensava que urna era só para enterrar gente, o que eu sei fazer muito bem; mas fico feliz pois na minha profissão nunca tinha recebido pagamento de insalubridade, e fiquei sabendo que urna serve para enterrar morto e também para enterrar voto dentro e eleger político vivo. Pois lá eu só faço enterrá-lo.

(Sobre o autor: Martinho Ramalho de Melo é natural de Alagoa Grande/PB. Participou dos concursos: III Concurso Nacional de Poesias, promovido pela Revista Brasília, III Concurso Raimundo Correa de Poesia, promovido pela Editora Shogun Arte e I Concurso Nacional de Conto)

SEBASTIANA

desconecto-me das redes e vou segurando a minha onda. nas vagas conexões, na minha saudade de ver o mar, lembro-me do seguinte: há coisas na vida que só sabe quem passou a infância brincando na rua com a mãe, ao longe, chamando para dentro. é são joão. nessa época, os corações das matilhas nas calçadas tentam se esconder do barulho das bombas. ainda quarentena, a minha comunidade pseudointeriorana funciona como se o corona vírus recusasse o pé-de-serra: o povo nem liga. os sons é que estão ligados e se misturam aos gritos dos pirralhos correndo e soltando chilenas, cordões, peitos de veias murchos como a oportunidade. a zuada é tamanha que índio de madeira precisa gritar de tempos em tempos aos colegas “ei, boy, se tu ouvir mainha me chamar, tu me diz”, com medo de levar bronca depois.

traque-traque e chuveirinho são para crianças de até seis anos. a partir dos sete, os meninos testam a coragem. alguns são precoces e disso eu tiro que deus ajuda quem cedo faz artifícios. os moleques soltam bombas no muro extenso da escola aqui da rua, nos postes; fora as competições de quem consegue explodir a chilene com as mãos para cima, sem fechar as pálpebras. nesse negocinho, uma vez de menor foi parar no hospital com um olho sangrando, perdendo de vendê-lo e arriscando o outro ao riscar o fósforo. hoje em dia, ainda de menor, mas já grande, voa por aí carregando o que não deve, visando só um lado da moeda, porém isso não vem ao caso.

voltemos às imagens das bandeirinhas penduradas. um milho assado ali, outra quadrilha fumando maconha acolá, a sirene da polícia piscando e sempre chamando a atenção tal qual o tempo de desfile cívico. depois que passa o vermelho militar, o povo retorna à festa. por certo, ainda deve haver mel com cana na boca de seu zé, enquanto o fel permanece na língua sem fala de dona sebastiana. ela todos os anos nunca aproveitou um pingão, já que passa o dia cozinhando. aqui em casa, mainha sempre compra pamonha e canjica. o filho dela quem traz, é o mais novo empreendedor às custas da bichinha. daqui a uns anos virará coach ou pastor, anda fazendo curso online.

os locais de farra junina em João Pessoa são limitados, por isso às vezes vou para o parque do povo em Campina ou então até Bananeiras e Areia.

lá não há praia e minhas primas se arrumam todos os finais de semana para ir à praça paquerar. lembro de um São João que pareceu mais um dia de sutilmente rodar a bolsinha dos olhos, sem desconsiderar o culto no domingo.

A diferença é que estávamos de bota, xadrez, fazia um pouco de frio e o cabelo da gente fedia à fumaça, estragando a prancha, como se fosse fogueira morta. geralmente, ficava assim por uns dois dias pelo menos, mesmo lavando. certa vez até passei vinagre, pois a comadre de vovó (benzedeira) disse servir. tive sucesso, mas ficou um cheiro de azedo.

por mim a tradição mudava um pouquinho, sabe? não aguento a ansiedade quando alguém solta uma bomba, além de as fogueiras serem terríveis. fogueiras deveriam queimar na fogueira, virando folclore. agradeço por esse ano terem sido proibidas. apesar dos pesares, voltando feito filha pródiga à casa de mainha, sinto saudade desse mar de coisas que aos poucos vai se perdendo nas ondas contemporâneas. aproveito a vibe e, embalada pela canção de pinto do arcodeon na vizinhança, ponho a máscara, venho em dona sebastiana comprar um milho cozido, mas “já cabô, mia fia, tem mais não, tô fazendo canjica aqui ainda. se quiser mateus faz a entrega depois, fale com ele no zap”. mainha grita me chamando. chove. lembro que amanhã não vamos à praia.

(Sobre a autora: Jennifer Adrielle Trajano Lima é professora de língua portuguesa e revisora textual)

CORAÇÃO EM LOCKDOWN

Com o advento da pandemia, e medo de ficar zanzando por aí, o meu confinamento restringiu-se a dois cômodos de casa: a sala e a cozinha.

Comecei um novo relacionamento – mais próximo, mais sério e mais duradouro – com a tevê. E, apesar das medidas restritivas, vivia “abraçado” ao sofá.

Com a receita financeira praticamente zerada, entreguei-me às receitas culinárias de Ana Maria Braga, Rita Lobo, Palmirinha, Rodrigo Hilbert e Felipe Bronze, gerando uma enorme aglomeração de louças sujas, acumuladas pela preguiça sobre a mesa e a pia.

Em mais de 150 dias de quarentena, mantive um distanciamento severo do chuveiro – fazia minha higiene pessoal com lençinhos umedecidos, como Denzel Washington em “O livro de Eli”. E, na hora das “lives”, para dar um tapa no visual, (como não tinha nenhum outro tipo de gel) passava álcool-gel no pouco que ainda restou do meu topete.

Essencial, mesmo, nesse momento de enfrentamento, era deitar, ver tevê e comer; não necessariamente nessa ordem.

As únicas máscaras que usava eram as dos meus super-heróis preferidos: Batman, Homem-Aranha e Dick Vigarista. Oquei! Oquei! Dick não é herói, só um ato de repúdio a tantas mutretas e falcatruas por esse Brasilão afora.

Assim, mantinha o meu isolamento do Corona e também da balança, atingindo o pico máximo da leseira e da comilança, que me contagiaram por completo.

Daí, você me pergunta: - E quanto ao amor? Eu respondo: - Só se for platônico ou virtual. Meu coração está, agora, em lockdown, especialmente boca, por favor!

(Sobre o autor: Geraldo Trombin é autor dos livros: *Transparecer a escuridão* (poesias e crônicas - 1982); *Só Concursados - di.versos poemas, crônicas e contos premiados* (2010)

A MULHER DO CACHORRINHO

Há, em toda e qualquer vizinhança ou bairro, uma “figura típica”, peculiar e quase folclórica. Alguém que gera comentários, risadas, fofocas, galhofas e até inspirações. E esse “ser monumental” muitas vezes se materializa sob a forma de canções, memes, tirinhas, charges e tantos outros gêneros orais ou escritos. Até crônicas. E, acreditem ou não, ao observar essa “figura” no meu bairro, eu simplesmente me vi escrevendo.

Só para contextualizar, estou me referindo a alguém que normalmente é conhecido por todos. E mesmo que sequer saibam o seu nome, referem-se a ele ou a ela por uma denominação comum e compartilhada, um apelido criado, uma característica recorrente ou sabe-se lá o que mais! O fato é que essa pessoa geralmente torna-se conhecida por todos. E eu insisto: por todos, mesmo! Uma prova e exemplo disso é a existência do “louco” de tantos bairros. Vocês certamente me entendem.

Mas a figura sobre quem eu faço alusão aqui é outra: é a de uma jovem viúva, tão “simpática e receptiva”, e provavelmente nos seus “entas”. Ela madruga, diariamente, e vive caminhando por todas as ruas do bairro, na companhia de seu inconfundível cachorrinho, um simpático e fofo Poodle branco. Quando cansada da caminhada, ela simplesmente dá uma paradinha e se põe a “desfilar” na sua própria calçada, para lá e para cá. E, algumas vezes, se põe a varrer e a limpar, o que normalmente leva toda a manhã. Todos a conhecem como a “mulher do cachorrinho”. Até aí tudo bem, não é?

E qual o porquê, então, do estardalhaço dessa cronista? Desafio lançado.

O fato (ou, “o problema”), é que já no primeiro contato com a “dita cuja”, todos do bairro percebem que o cachorrinho é apenas a “desculpa” e o “cartão de entrada” para que ela, invasivamente, tente entrar na sua vida, perguntar-lhe sobre tudo, dar palpites indesejados, perguntar, perguntar e perguntar: “mil” vezes perguntar, como se fosse a “Santa Inquisição” da sua vida.

Ela, na verdade, só precisa de uma porta aberta. E essa porta pode ser a sua, acredite! E foi o que, infelizmente, aconteceu com o meu caro e nobre colega, cujo nome prefiro nem revelar.

Muito calmo, tranquilo e aberto à conversa, ele foi o “último da leva” a cair na conversa da “mulher do cachorrinho”. Recém-chegado ao bairro, essa “alma boa” não sabia da fama ritualística da “doce” vizinha. E, assim, abriu as portas e porteiros de sua vida. E tudo de forma tão natural e espontânea que se sentiu quase em estado de Confissão Sacramental.

No outro dia, entretanto (e para sua infelicidade), seu nome era o que mais se comentava e se escutava no bairro: sua vida, suas mulheres, suas loucuras, seus erros, suas viagens, e em todas as facetas: boas e ruins. Comentava-se sobre ele, incansavelmente, nas redes sociais, no zap, na padaria, nas esquinas, na igreja, na porta da escola, na academia, no ponto de ônibus, na pizzaria, nas construções, no clube, na praça, na Loteria, na farmácia, no salão de beleza e em mais outros “cem” lugares, reais e virtuais, que o leitor nem ousa imaginar.

Que malvadeza com nosso amigo! Mais uma vítima da “mulher do cachorrinho”.

E isso me põe a refletir: o que leva alguém a se preocupar (e com notável ousadia), com a vida dos outros? E com relação à sua própria vida, será que age com tamanha atenção, com tanto “zelo”? Seria uma doença? Um desvio? Uma mania? Ou uma maldade incontrolável? Até hoje, sinceramente, não sei. Em contrapartida, fico pensando sobre os tantos “bons corações” e “almas boas” que compõem o nosso mundo: ingênuos, amáveis e confiantes na bondade dos outros. Pessoas que se abrem por completo, que contam sua trajetória, seus afetos e desafetos, suas mágoas, suas falhas, sonhos não realizados, angústias, enfim, deixam-se conhecer por completo. Triste contradição!

Portanto, e diante disso, amigos leitores, segue um alerta dessa assustada cronista: todo cuidado é pouco com a mulher do cachorrinho. Diante dela, atenção redobrada, pois se ela percebe que o seu doce ritual e truques foram descobertos, tudo pode mudar. Afinal, sua “capacidade camaleônica” é dotada, por si só, de muita criatividade e reinvenção!

E isso significa que amanhã ela pode até ser “a mulher do gato, do passarinho, e quiçá a do hamster”! É só esperar para ver sua próxima reedição! Sigamos, pois, atentos. Afinal, em boca fechada não entra mosca!

E tenho dito!

(Sobre a autora: Jackeline Maria de Albuquerque Aragão é paraibana. Suas crônicas focam aspectos que lhe são familiares, criando uma conexão direta, empática, interativa e afetuosa com seus leitores)

O MEU AMIGO IRMÃO DA MINHA MELHOR AMIGA

Era um amigo que não era, na verdade, nunca foi. Inventei essa relação interpessoal para explicar o avanço da conversa cujo plano de fundo era minha rede social e minhas palavras duras sobre a necessidade de se ser um ser real. Um amigo de rede não é amigo, eu acho.

Os assuntos surgiam após eu reproduzir as notícias mais interessantes do momento: o rapaz negro que assumiu o Ministério da Saúde do país em meio a uma pandemia depois de falsificar títulos, mentir sobre eles e gradativamente continuar a falsear seu currículo: duzentos e cinquenta views e um dos nossos primeiros assuntos. O reality show, o menos famoso, de uma das emissoras brasileiras que trouxe risadas numa garrafa de alumínio deformada após quase cinquenta marretadas de colher de pau desferidas por uma das participantes, “ícone”, era o assunto do momento, e nossa vez de rir e comentar sobre a parte boa do “ao vivo”. Depois os assuntos variaram entre o sério, o complexo, o ridículo, o absurdo, o interessante, o instigante, o trivial, o medíocre e, em todos, mais comentários e cumplicidade nossa na rede privada de minhas mensagens. Adorei essa nova interação que se formava, era mais um seguidor assíduo de minhas palavras escritas e minha boca ativa.

Chapado, bêbado. Não, foi chapado mesmo. Falou comigo dessa vez por meio de muitas palavras. Foi um bom falante naquele dia. Conversou sobre todo o contexto político-econômico em que estamos inseridos e o fez de forma muito sóbria, apesar de seu estado. Foi, portanto, sóbrio sem ser. E depois de uma extensa pauta, nesse dia, despertou minha mente para a criação que ela mais tem prazer: a dúvida.

Porque tantos assuntos agora desconexos com minhas postagens? Estranho. Mais estranho ficou ao final quando me confessou a embriaguez do fumo e quando pediu desculpas do desabar das palavras. “Nem precisava tê-lo feito”, pensei cá dentro de mim. Não havia notado a embriaguez, nem tampouco desconfiei do excesso de palavras, pelo menos não até aquele pedido de desculpas. Estranho. Mas, não era nada demais, era só um amigo, o irmão da minha melhor amiga.

Já dá para entender, então, o quão ele só poderia ser amigo e nada mais. Só poderia, portanto.

Trata-se de uma ligeira amizade, por óbvio. Ainda mais quando se tem uma namorada envolvida, namorada dele, que, ausente ou não, é namorada.

E também, o que me interessa saber sobre namoradas se ele é um amigo? Nada. Por nada, então, prossegui a vida.

Um agradável amigo, isso era uma certeza. E diante dela, foi nesse dia em que concebemos a dúvida. Parei para reparar (ao som de Maria Gadú, Guelã, Axé Acapella): ele era sociável, tinha uma boa visão de mundo e de humanidade, além de ser muito inteligente e muito... O que mais? Muito bacana, isso, a palavra que se encaixa é esse mesmo. Foi bom ver que, além de números subindo e fiéis ouvintes-leitores virtuais onde busco influenciar quem sabe um milhão? - Acho que não. Um milhão se interessa por cachorros sorrindo e danças de “quatro eu jogo o rabo sequência de toma-toma, sequência de vapo-vapo” -, foi possível encontrar um bom colega, um amigo.

Eu tenho alguns, afinal. Eletrônicos e reais também. Não que se possa chamar de amizade aquilo que existe só numa tela, mas porque não poderia assim começar? Bem, já nem estamos mais só na tela, na verdade, e quando se tem carne e olhos sem paredes de vidro entre eles, pode-se começar uma de verdade. Não é verdade?

Ora, já de carne e osso tenho vários exemplos de amizade com homens: tem meu primo Davidson, meu grande amigo. Já ficamos algumas vezes, mas ele é meu amigo. Era meu amigo, sempre foi. Hoje, por exemplo, ele está noivo e continuamos amigos. Só amigos. Tem o outro que foi sempre meu amigo também. Transamos até o mês passado, mas era meu amigo antes disso e agora que dei um basta no sexo, continuamos amigos. Afinal, amizade não se encerra só porque deixou de haver fluidos, calor, pernas, músculos rijos, respiração na respiração...

Bom, nem tampouco há uma máxima: “se é sexo não é amizade”. Há? Amizade existe quase sempre. Tenho outros exemplos, mas percebo que se continuar nisso, vou me perder dentro deles e meu raciocínio sobre minha amizade com meu amigo, irmão da minha melhor amiga, vai perder a força e tudo o que eu menos quero é perder minhas forças, não posso. Nesse ínterim de... quatro meses, talvez? Ele esteve presente nos meus absurdos e nas minhas delicadezas. E teve assunto sobre todos. Até mesmo no dia em que publiquei algo que foi além da minha simples e corriqueira percepção dos fatos do mundo. Principalmente nesse dia.

Foi ao ar algo além do meu desagrado sobre a mazela humana noticiada e denunciada. Publiquei a mim própria e deprimida, uma mazela mais próxima, após uma semana de crises de pânico, contra as quais eu tenho lutado assiduamente por longos e intermináveis quatro anos.

Eu mostrei a mim, a todos, sem maquiagem e sem mais nada, pois nada era o que havia me sobrado de mim, mas ainda havia forças, nisso havia. Nisso.

Comecei a postagem por Manuel Bandeira: “eu faço versos como quem chora/ de desalento de desencanto/ fecha meu livro se por agora /não tens motivo nenhum de pranto” e prossegui com o alerta: “quem espera risada e beleza, por favor, deslize o dedo já em tela, da direita para a esquerda e me pule, pule essa fogueira que mostro em tempo real, acesa e cruel, era o que eu mesma faria”. Fui sincera.

Bem, talvez eu tenha sido exagerada na exposição, mas, quem liga? Tive uma vontade de estar nua fundada na raiva de ver só trivialidades no meu feed e a raiva me rumou ao inimaginável, nem eu posso me segurar. Se existem forças nesse momento? Muitas, embora todas estejam direcionadas para o responsável pelo nó em minha garganta, que me faz querer urrar em revolta e cortar à navalha afiada a pele e fazê-la sangrar: eu mesma.

O fato é que, naquele dia, dei minha própria face, a mais vergonhosa de todas, a tapas e críticas frasais. Posso dizer que, ao final, foram frases inaudíveis, porque, de fato, até mim, não chegaram. E, sim, haveriam de, no máximo, serem frases: a energumence que assola o país deixa isolado pequeno grupo, capaz de argumentar por mais de dez palavras sobre empatia e crítica, e foram esses eremíticos os que me responderam, o resto me odiou em silêncio.

Terminei a palestra com a ajuda ainda de Manuel Bandeira dizendo: “eu faço versos como quem morre”, “eu escrevi para não morrer. Rezei para morrer, Deus não me ouviu. Cansei de ver futilidades, me autoproclamei humana, demasiadamente humana”. É, usei Nietzsche também como amparo de uma argumentação quase empoderada, ficou bem convincente a minha erudição. Arrematei por fim, “sim, eu sofro, muitos sofrem, o sofrimento é humano, mas parece que nesse painel de vidro o sofrimento não tem sequer uma ruga e uma espinha no meio da testa. Pelo contrário, frequenta a academia e tem peitos e bundas mais em pé que os próprios narizes.

Aos marginais sociais, sejam bem-vindos, marginalizo-me com vocês, por similitude, mas também por pura opção”, e descansei. Cansada, exausta, sem esperar nenhum agrado. Infeliz e arrependida de me abrir e me rasgar. O que em nada mudou, pois antes de abrir a boca já era eu o ser humano arrependido de ter vencido a corrida da concepção da vida, infeliz por opção divina.

Acontece que essa foi a minha perdição. Pasmem.

Das trezentos e treze visualizações, cinquenta e oito mensagens, tantas que meu ânimo abaixo de zero não me permitiu responder nem a metade na mesma semana. Dentre elas, ele estava, mas a ele eu respondi no mesmo dia. Entre perguntas de como eu estava, de se gostaria de conversar, de tomar uma cerveja, eu agradei internamente a sensibilidade, encontrei um lastro de amizade verdadeira e fiz piadas de todas as minhas mazelas e nenhum pesar houve por nenhum só minuto naquela conversa.

Aceitei a cerveja. Não, ele não me convidou de forma efetiva, foi seu primo que o fez. Sim, eu o conheço porque é, por óbvio, primo da minha melhor amiga. Aceitei o convite e o abraço dele e de sua esposa, saímos, nós quatro e mais alguns que não me lembro bem por falta de interesse mesmo. O que sei é que todos estavam lá, ele, eu, seus primos, seus amigos, menos minha melhor amiga que àquela altura parecia não ter nada a ver com a conversa. Estranho, mais uma vez estranho. Eu lembrei e esqueci-me dela várias vezes, mas em nenhuma o telefone quicou na minha mão para um convite. Era desnecessário. A noite parecia já haver se completado por si.

Dentre os assuntos da mesa, o mais esperado: depressão, crises de pânico, ansiolíticos, antidepressivos e estabilizadores de humor. O ar leve dos assuntos pesados foi capaz de se misturar com a pouca fumaça vinda do vaporizador com maconha, das cervejas nos copos e da minha água com gás, gelo e limão. Ele estava sentado do meu lado no início e quanto a isso, nenhuma grande coisa.

Conforme chegava mais gente, a dança das cadeiras me deixou quase que de frente para ele. E foi isso que o retirou de vez das telas e me viu e se deixou ver sem nenhuma parede a separar, apenas uma mesa que, caso se quisesse, não seria nada além de um apoio de braços para o corpo jogado por cima dela.

Algo por onde passar o tronco, alcançar o lado oposto, deixar o pescoço ultrapassar a linha do corpo em direção a outro rosto, ao rosto do outro. Mas, estávamos num bar e quem diabos iria debruçar-se sobre mesas? Algum casal recém enamorado, talvez? Mas ali não havia nenhum. Até aqui, só perda de linhas e de energia mental. Enfim.

No meio do meu relato doloroso em minha mesa mentalmente protagonista, ele revelou um episódio de três LSDs e maconha que o empurrou inferno abaixo sem lhe deixar tomar impulso em qualquer calço de volta à vida. Ele quase não volta. Mas estava na minha frente, voltou, e tudo piorou ainda mais. A fragilidade une quem a conhece e nós a conhecemos. A amizade daí a frente seria inevitável, que bom.

Jamais imaginaria que meu relato online despretenso de uma raiva de mim mesma e de minha condição ridiculamente depressiva traria mais esse ponto de encontro: ele sabe tudo o que sinto e eu conheço toda a sua dor. Naquele meu desabafo ele me viu na tela e sentiu por dentro dele mesmo o que eu sentia dentro em mim. E eu, naquele dia da mesa, o vi por detrás dela e senti o vigor surgir da ligação que acomete quem fraqueja e não disfarça.

A alegria tem um poder muito grande em aproximar o ser humano e juntar vibrações positivas enérgicas de pura felicidade a contaminar até os distímicos mais rabugentos. As almas nessas horas atraem-se mutuamente. Mas, há uma coisa na dor que nenhuma alegria momentânea é capaz de imitar. Há uma ligação profunda e indelével na experenciação do sofrimento humano, trata-se de identificação. Foi o pulo do gato de Jesus.

Daí em diante, as publicações na rede social nem importavam mais. O telefone tinha outros mil canais abertos de comunicação e todos os dias uma mensagem esperava por mim, pela manhã, à noite, quando ele assim quisesse. Eu terminei por pegar o ritmo, acompanhei o vai e vem das letras, e me tranquilizei sempre que me lembrava de que éramos amigos, bons amigos. Uma bonita amizade entre mim e o irmão da minha melhor amiga que ela nem imagina existir. É, eu não contei nada a ele, ele também não, essa é mais uma de minhas certezas. Então, houve restaurante e sushi e depois houve minha casa. Eu na rede, onde já estava antes de ele chegar, ele no sofá e os assuntos só parava quando terminavam. Exatamente.

A pausa e a falta de rapidez em trazer à tona qualquer ponto que fosse nos retirava a capacidade de preencher um espaço de algo invisível, porém palpável. Um silêncio que não deveria existir. Era preciso evitá-lo. Ficar dele léguas para que a distância entre nós não deixasse de existir. Distância era o próximo passo necessário para nossa amizade.

Era sim. Até eu passar mal. Isso foi ontem. Precisava de meus remédios. Por irresponsabilidade, fiquei sem eles por quase dois dias. Pretendia comprar naquela noite, mas estava sem carro, minha colega não teve paciência de ir comigo procurar farmácias abertas, por isso que, nesse caso, a palavra é colega mesmo. Já era tarde, nenhum telefone das farmácias abertas funcionava, meu raciocínio já não existia. Me sentia tonta, embriagada, sem a capacidade de estabelecer conexão entre ideias e ele não parava de falar mil coisas no telefone.

Ele veio, me levou na farmácia, tomei meu remédio e coragem: “Posso te perguntar uma coisa?”. “Claro!”.

“Você está namorando?” ... a cabeça dele pendeu do pescoço, olhar pra mim de volta foi difícil, mas ele o fez. Enfrentou o que sabia que precisaria enfrentar. Não era um amigo, nunca foi. Mas precisava ser. Isso foi ontem. Hoje ele me deu “oi” à tarde, eu respondi “Salut!”, à noite, e me deixei aqui a repetir e repetir, não foi nada demais, é apenas um amigo irmão da minha melhor amiga. Um amigo, sempre foi.

(Sobre a autora: Carolina Medeiros Lima dos Santos é uma escritora e advogada paraibana, amante das letras e da arte)

O QUARTO

Não demorou muito até ela me chamar para conhecer a sua casa. Era bela, linda, exuberante, quase sem defeitos, um pedaço do paraíso envolvido pelo chocolate maltado do prazer infinito. A casa não tinha uma estrutura tão complexa. Era simples, mas tinha um charme incutido, algo mágico que atribuo ao próprio clima que a menina criava. Tudo nela era sensualidade. Desde acordar até o último suspiro diário, beleza singela e chocante. Não resistia às filas de expectadores doidos para entrar em seu cinema, assistir aos filmes gravados em sua mente e às tramas de amor fúteis jogadas em seu coração. Era doce, a mulher; era peculiar, a casa; era faminta, a dona; era um negócio sexual e fraterno. Passamos dias juntos, quase um mês. Várias estórias e histórias contadas por uma boca de batom recém passado, por um arrimo de carinho que se oferecia pertinho, de fácil acesso. Uma mina de ouro dançando sob o olhar ganancioso de um garimpeiro. Os dias passaram-se e sentiram a necessidade de observar o mar, juntos (espuma e sal).

Viajaram até uma ilha deserta, onde uma única linha de ônibus fazia o fantástico trajeto ao longo de um túnel que passava pelo meio da coisa toda. Era tudo fruto da minha cabeça, tudo obra do trânsito indiano que maquinava o meu cérebro. Hoje eu era um irmão menor, desprovido de atenção e cuidado, carente de alguém para andar; amanhã eu seria um desconhecido, obra de um destino desencontrado ou de uma opinião forte conversada entre ela e seu ego de ferro, os laços ainda seriam mais intensos e repentinos ou eu estaria mais uma vez enganado?

Na confusão daquela areia, a mulher corria. Estendia os braços aos ares, rodopiava por cima de uma ondinha, gritava por todos os santos que conhecia. E não eram poucos. A espiritualidade era a sua boa aura, quase inabalável. Meus movimentos eram divididos entre um sorriso fácil, sem cobrança primeira e um orgulho básico, com paredes de papelão altamente incendiável. Os dois caíam em um buraco temporal inexplicável, anulando qualquer chance de conquista daquele olhar maduro, suave manga. Eram fases como as da lua, a barraca já estava armada, a maresia fria pairava dentro de nossa paisagem.

Os raios iluminaram a cena, um romântico passara fazendo graça pelo teto, Baco guiava um vento ébrio por entre as frestas da lona rasgada, devido a tantos transtornos também.

Um balde de água, uma garrafa cortada no fundo (alguns furos), uma bala de 38 usada contra a polícia metida em uma rolha de algum vinho tomado em um momento de solidão. Esse era o seu disfarce. A dissimulação acontecia à medida que a erva era fumada. Agora virava uma fera, uma onça da Amazônia, a mais versátil felina que o meu mundo animal já viu: aquela que se desfaz em fumaça e xícaras de café. Eu era medo, receio.

Agora ela saltava de um canto para outro, na felicidade de um cupido que acerta flecha, na inexorabilidade de um deus pensado por milhares de anos, na insensatez de um passeio de moto e chegar em casa antes das 10. Ela foi meu sonho, meu peso e meu escoro.

“Todo homem precisa de uma mãe!” (Caetano Veloso)

(Sobre o autor: Emanuel Reis Gonçalves é um escritor natural de João Pessoa/PB)

ESSE TEXTO CORRE PERIGO

A Literatura corre perigo, afirma Todorov, mas risco maior corre a Hermenêutica. A Literatura, embora ameaçada, – porque atualmente qualquer rabisco é arte, e sendo tudo arte, nada é arte, pois sendo nada tudo, tudo é nada – jamais será extinta, visto que o mundo real, tal como conhecemos, mesmo que as religiões, resultado das diversas interpretações dadas pelos homens a textos sagrados apregoem diferentes escatologias, não acabou, portanto é preciso continuarmos imitando-lhe, ficcionalizando-lhe, transcendendo-lhe na tentativa de suportá-lo e de suportar-nos, fingindo ser quem não somos, mas gostaríamos, através da leitura literária.

Por que afirmo que a Hermenêutica corre perigo? Porque os homens têm sentido muito e sentir muito não é necessariamente bom – não é quem mais sente que está vivo – e por sentirem muito acreditam que tudo sentido é válido, fazendo com que sentimentos sejam a medida de tudo, logo, tudo passa a ter a medida humana e se o que é medido não cabe nesse homem referencial, e é importante destacar que todo homem se considera referência, logo tal objeto deve ser descartado, porque se acredita que não caberá em mais ninguém.

Não é sem motivo que os sentimentos são associados ao coração, quando na verdade é a cognição a responsável por tais emoções às quais respondem o coração. A Biologia, outra ciência tão atacada nos dias de hoje, afirma-nos que o coração é apenas um órgão muscular, não discordemos dela, mas fiquemos com o que a Teologia nos diz sobre essa parte humana: o coração é a sede do conhecimento, nele bebem a inteligência, os sentimentos e as volições. Diante disso, fica claro que não aprendemos, sentimos e escolhemos de modo sempre prudente, porque o coração, beerrão, amante do líquido, vive nos levando a esquinas e precipícios. Acredito que foi dessa interpretação que nasceu o conceito de “liquidez”.

Como eu dizia, a Hermenêutica corre perigo, não porque o mundo mudou, o mundo é o mesmo desde o velho Aristóteles, nós é que mudamos a forma como atribuímos sentido às mudanças que desejamos no mundo, produzidas pela interpretação do nosso coração. No entanto, mesmo que tenhamos alterado a maneira como significamos o que existe e vem a ser, jamais conseguiremos mudar o fato de que o nosso coração anseia cada vez mais e mais rápido por transformações que não nos satisfazem, porquanto sempre acharemos um outro sentido para construir ou alterar.

Se digo que a Hermenêutica corre perigo, é por que temos corrido muito em busca da nossa própria verdade, não da verdade. A minha verdade nem sempre é verdadeira, o que julgo ser a mentira do outro é a verdade que eu não suporto. Fugimos para a Literatura, justamente por que acreditamos que nela tudo é possível e que nela podemos fazer reinar a nossa verdade, mas esquecemos que existe ali uma realidade a qual eu posso até rejeitar, mas não anulá-la, porque eu não sou a medida, existe ali apenas uma verdade misteriosa a qual eu devo descobrir e posso querer enterrar, mas não destruir.

A existência do mal é resultado da hermenêutica, compreendemos o que é o bem, porque sabemos a sua antítese. Hermenêutica vem do nome Hermes, mensageiro de Zeus e serviçal de Hades e de Pérsefone, sua esposa, mas ele é também o deus do comércio e do roubo. Isso diz muito, ainda mais hoje em que a mensagem tem sido vendida e o sentido roubado, de modo que a Literatura se vê também ameaçada pela construção de um sentido único para toda e qualquer obra passada e futura. Leia, prezado leitor, mas busque querer e saber interpretar, é a interpretação que garantirá que você não desça ao inferno.

(Sobre a autora: Gabriela Terthullyne Conserva Soares é escritora e professora de Língua Portuguesa na rede privada de ensino de João Pessoa)



**INSTITUTO
FEDERAL**

Paraíba

Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura

COMISSÃO RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO 2º CONCURSO LITERÁRIO DO IFPB - HOMENAGEM A BEBÉ DE NATÉRCIO, BEM COMO A EDITORAÇÃO DA 1ª COLETÂNEA DE POESIA, CORDEL, CONTOS E CRÔNICAS DO IFPB.

Daniel Everson da Silva Andrade
Beatriz Alves de Sousa
George Glauber Félix Severo
Maria Analice Pereira da Silva
Renalide de Carvalho Morais Fabricio
Verônica Maria Rufino de Sousa
Verônica Pereira Batista

AVALIADORES

Aderaldo Luciano dos Santos
Daniel Everson da Silva Andrade
Ialy Cintra Ferreira
Maria Analice Pereira da Silva
Verônica Pereira Batista

Este livro foi composto em Corbert, Calibri e Orange Juice durante o natal de 2020, e foi impresso em papel Couché fosco 90g.



Av. João da Mata, 256 - Jaguaribe - João Pessoa - Paraíba
- CEP: 58015-020 - editora@ifpb.edu.br.

Pensar os processos de socialização e de humanização das pessoas, frente aos dilemas civilizatórios contemporâneos do “velho Brasil atual”, requer que as instituições de educação se enxerguem cada vez mais como lugares de culturas. Foi nessa perspectiva que a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, por meio da Diretoria de Cultura, com a parceria intersetorial da Biblioteca Professor Ribamar da Silva, do Campus Cajazeiras, promoveu a realização do 2º Concurso Literário do IFPB que resultou na presente coletânea de textos.

